UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação

A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO EM TRÊS INSTITUIÇÕES DE ENSINO MÉDIO DA REDE PARTICULAR DO DISTRITO FEDERAL

Danielle Leite Maia

Brasília- DF, dezembro de 2011.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação

A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO EM TRÊS INSTITUIÇÕES DE ENSINO MÉDIO DA REDE PARTICULAR DO DISTRITO FEDERAL

Danielle Leite Maia

Brasília- DF, dezembro de 2011.

Danielle Leite Maia

A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO EM TRÊS INSTITUIÇÕES DE ENSINO MÉDIO DA REDE PARTICULAR DO DISTRITO FEDERAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciando em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Norma Lucia Neris de Queiroz

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Norma Lucia Neris de Queiroz (orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Sandra Regina Santana Costa (Examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Maria Aparecida Camarano Martins (Examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília-DF, dezembro de 2011.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por permitir que eu chegasse ao final de mais uma caminhada.

Aos meus familiares: mãe, pai, irmãos, tios/as e primos/as por sempre apoiar-me.

Aos amigos que construí durante a jornada na UnB: Sueli, Litiane, Náira, Rosiana, Rubens, Arthur e Wagner, pela amizade sincera e pela convivência durante todos esses anos, em momentos bons e em outros mais difíceis.

À professora Norma Lucia Neris de Queiroz que sempre me orientou com muita generosidade, respeito, competência e efetivo compromisso. Muito obrigada!

Aos participantes da pesquisa, professores, gestores e alunos, que sem a colaboração e disposição deles este trabalho não seria possível.

À Universidade de Brasília pela oportunidade de mais uma aprendizagem.

À banca examinadora pelo apoio e contribuições para a melhoria deste trabalho.

E por fim, agradeço aos professores, aos coordenadores e aos funcionários da Universidade por colaborarem para meu aprendizado e êxito.

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que acreditam em meu trabalho como educadora.

MAIA, Danielle Leite. **A qualidade da educação em três instituições de ensino médio da rede particular do Distrito Federal**. Brasília-DF,Universidade de Brasília/Faculdade de Educação(Graduação em Pedagogia), 2011.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo geral investigar que parâmetros estão sendo privilegiados em três instituições de ensino da rede particular do Distrito Federal para caracterizá-las como instituições de qualidade por meio de um grupo de quinze participantes, sendo seis professores, três gestores (coordenadores pedagógicos) e três alunos do 3º ano do ensino médio. Foram definidos como objetivos específicos: analisar as propostas pedagógicas das instituições de ensino participantes deste estudo; identificar a concepção de educação de qualidade dos participantes; identificar a tendência pedagógica predominante nas propostas pedagógicas das instituições de ensino participantes deste estudo e que tipo de educando elas desejam formar; identificar como ocorre a preparação para a continuidade dos estudos dos alunos nas avaliações externas (PAS, ENEM e vestibular tradicional) nas instituições de ensino participantes; identificar como as instituições participantes conseguem atingir seus resultados nas avaliações externas(vestibular tradicional, PAS, ENEM); identificar a função da escola na concepção dos profissionais e dos alunos participantes deste estudo. Para que tais objetivos fossem alcançados, organizamos o referencial teórico tomando como base as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (2000), a legislação acerca da educação vigente e as contribuições de alguns autores que estudam temas e conceitos que nos permitiram compreender melhor o que é educação? O que é educação de qualidade? E a as tendências pedagógicas presentes no ensino médio nas últimas décadas. A metodologia de pesquisa escolhida foi a de cunho qualitativo numa abordagem exploratória, utilizando como instrumentos de coleta de dados: a entrevista semi-estruturada com os participantes e a análise documental dos Projetos Políticos Pedagógicos das instituições. Os resultados demonstraram que: a) a educação de qualidade das instituições, para os participantes, está relacionada, ainda, às condições que as instituições oferecem aos alunos, como a estrutura física e pedagógica e o êxito nas avaliações externas; b) entre as tendências que mais se destacaram no discurso dos participantes e na analise dos PPP das instituições, foi principalmente a pedagogia crítico-social dos conteúdos; c) verificamos que as instituições estudadas investem fortemente na preparação dos alunos para as avaliações externas, talvez isso explique os altos resultados no ingresso dos alunos na universidade pública do Distrito Federal; d) em relação à função da escola, os participantes destacaram características previstas nos PCNEM (2000) e na LDB (9394/96). Concluímos que as instituições participantes seguem o que as leis vigentes exigem e tem uma educação com muito investimento nas avaliações externas, projetos de pesquisa, boa estrutura física e pedagógica e alguns projetos de responsabilidade social e ambiental. E que os parâmetros de qualidade estão atendendo ao que os profissionais das instituições acreditam ser o correto, ou seja, o treinamento dos alunos para ingressarem no ensino superior.

Palavras-chave: educação de qualidade; ensino médio; ingresso no ensino superior

SUMÁRIO

Agradecimentos 04

Dedicatória 05

Resumo.....06

Apresentação.....09

Parte I – Memorial Educativo.....10

I - Memorial Educativo.....11

Parte II - Estudo de Pesquisa.....18

Introdução.....19

Justificativa.....21

Relevância do estudo.....22

Objetivo Geral.....23

Objetivos Específicos.....23

Capítulo I – Referencial Teórico.....25

1.1 Conceituando o tema educação.....25

1.2 Conceituando o tema qualidade da educação.....27

1.3 O ensino médio.....34

1.4 Tendências Pedagógicas.....40

Capítulo II – Metodologia da pesquisa.....49

2.1- Opções teórico-metodológicas.....49
2.2- Contexto da pesquisa.....51
2.3 – Participantes do Estudo 53
2.4 – Procedimentos de Construção dos Dados 55
2.5 – Procedimentos de Análise dos Dados 57

Capítulo III – Análise de Dados e Discussão dos Resultados 58

3.1 Concepções dos partipantes sobre a educação de qualidade.....60
3.2 Por que os participantes acreditam que a instituição em que trabalham e estudam tem uma educação de qualidade?.....64
3.3 As tendências pedagógicas das instituições de ensino.....70
3.4 As instituições de ensino e a preparação dos alunos para as avaliações externas.....90
3.5 Os alunos, a instituição que estudam e as expectativas em relação ao ingresso no ensino superior.....93
3.6 O processo das avaliações externas e o trabalho pedagógico.....95

3.7 As avaliações externas e a educação de qualidade nas escolas participantes deste estudo.....100

3.8 O Projeto Político Pedagógico das instituições de ensino.....109

3.9 A função da escola, a cidadania e o ingresso no mundo do trabalho.....113

3.10 A escola e a formação ética, a autonomia intelectual e o pensamento crítico.....124

Considerações Finais.....131

Parte III – Perspectivas profissionais.....134

Perspectivas profissionais.....135

Referências 136

Apêndices.....139

I – Roteiro de entrevista semi-estruturada professor(a).....140

II- Roteiro de entrevista semi-estruturada gestor(a).....142

III- Roteiro de entrevista semi-estrutura aluno(a).....143

IV – Termo de consentimento para os participantes.....145

APRESENTAÇÃO

O presente estudo refere-se ao Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia. Ele é composto por três partes: contendo na primeira, o memorial educativo, na segunda, o estudo de pesquisa e na terceira, as minhas perspectivas profissionais como Pedagoga.

Por meio do memorial educativo, faço uma retomada da minha trajetória escolar, desde o contato com as primeiras escolas: na educação infantil, ensino fundamental e ensino médio até o meu ingresso na Universidade de Brasília. Ao escrevê-lo, mencionei várias situações vivenciadas por mim nas escolas: particulares (educação infantil e ensino fundamental I) e públicas (ensino fundamental II e ensino médio), como por exemplo, as aulas que experienciei, minhas aprendizagens e dificuldades enfrentadas para ingressar no ensino superior no curso de Pedagogia na UnB.

Já o estudo da pesquisa, cujo tema *A qualidade da educação em três instituições de ensino médio da rede particular do Distrito Federal* foi desenvolvido com um grupo de professores, gestores e alunos de três instituições particulares de ensino médio do Distrito Federal. Para aprofundarmos a discussão dessa temática, trouxemos as contribuições teóricas de um grupo de autores que se dedica na discussão sobre educação, educação de qualidade, tendências pedagógicas no ensino médio em sua atual conjuntura. Os autores escolhidos foram: Brandão (1993), Freire (2009), Gadotti (2009), Paro (2007), Juliatto (2005), Sandrini (1994), Wellen (2005), Gomes e Sparta (2005), Ferreira (2002), Dalri e Meneghel (2009), Mizukami (1986) e Libâneo (1990). Todo o estudo foi organizado em uma perspectiva qualitativa de cunho exploratório de pesquisa, na qual utilizamos como instrumentos de construção de dados a entrevista semi-estruturada e a análise documental dos Projetos Políticos Pedagógicos das instituições.

E finalizo, com as minhas perspectivas profissionais, nas quais demonstro todo o meu desejo em continuar a minha jornada de estudo e de pesquisa na área da Educação, Psicologia e Ciências Sociais e de exercer a função de Pedagoga em um espaço educativo de ensino superior.

Parte I

Memorial Educativo

1. Memorial Educativo

Nasci em Fortaleza, em 10 de abril de 1985, vivi lá até os 4 anos de idade. Lá, iniciei também minha trajetória escolar no maternal em um Colégio chamado Cabral.

Em julho de 1989, nos mudamos para Planaltina de Goiás, entorno do Distrito Federal e continuei estudando no jardim de infância em uma escola particular perto de minha casa. Minhas recordações sobre essa escola são mínimas, bem como, do colégio de Fortaleza. Desta última escola só me lembro de um momento cívico (eu acho) em que foi apresentada a história de *Chapeuzinho Vermelho* e tinha uma pessoa vestida de Lobo Mau. Da segunda escola me recordo de um momento de brincadeiras com a cantiga "Marcha Soldado".

No ano seguinte (1990), fui para outra escola particular de ensino fundamental, chamada Centro de Ensino Vôo Livre. Lá estudei do Jardim de Infância à 4ª série. Ali fui alfabetizada, participei de momentos cívicos, dancei quadrilha, mas era muito chorona, no início, só queria viver na "barra da saia" da professora.

Com relação à minha aprendizagem de 1ª a 4ª série me recordo de alguns conteúdos de algumas disciplinas. Ao estudar para fazer as provas decorava as respostas de algumas questões que realizávamos em sala de aula, porque geralmente as questões da prova eram as mesmas dos exercícios que fazíamos, como em estudos sociais, por exemplo, os exercícios eram uma preparação para as provas. Com essas estratégias alcançava boas notas. Enfim, antigamente, os conteúdos de Geografia e de História não eram aprendidos pelos alunos neste nível de ensino, mas sim decoradas.

Quando passei para a 5ª série, mudamos para Sobradinho - DF, lá eu comecei a estudar em escola pública. Estudei no Centro de Ensino Fundamental 06 de Sobradinho, da 5ª a 8ª série. Gostei muito desse Colégio e além de fazer amizades e ter bons professores, considerava uma boa escola. No ensino médio, tive de mudar de escola, porque naquela não tinha ensino médio, não gostei muito, pois além de estar adaptada à escola, a minha turma da 8ª série era muito unida e iríamos nos separar, nem todos iriam para a mesma escola, e os que iriam poderiam não ficar na mesma sala, porque a escola possuía muitas turmas de primeiros anos do ensino médio, diferente da anterior que mantinha os alunos na mesma turma da 6ª a 8ª série, pois havia poucas turmas e os alunos eram divididos em turma A, B e C, e geralmente os da turma A permaneciam juntos, o que ocorria com a B e C.

No ensino médio, inicialmente, iria estudar no Centro de Ensino Médio 01 de Sobradinho, conhecido por Ginásio, porém ele estava em reforma e a escola mais próxima da minha casa era o conhecido "Brejão", Centro Educacional 03 de Sobradinho, não gostei muito da escolha de ir estudar lá porque queria ir para o Ginásio por ser considerado o melhor das três escolas públicas de ensino médio de Sobradinho, mas fui para lá e estudei até o final do ensino médio, poucas pessoas da minha turma foram para a nova escola, e minha adaptação foi ocorrendo aos poucos. Cursei o ensino médio todo lá, embora não gostasse de alguns professores, pois em algumas disciplinas esses não davam aula como deveriam, como por exemplo, deixar que os alunos apenas resolvam exercícios dos livros sem dar explicação sobre o conteúdo, e outras disciplinas que faltavam professores, e ficávamos sem eles quase o ano inteiro, principalmente no 1º e 2º ano do ensino médio.

Minha decisão em fazer um curso superior

Desde a 8º série do ensino fundamental, eu quis fazer um curso superior, e teria de ser na Universidade de Brasília – UnB, mas não sabia exatamente qual o curso. Quando eu estava nessa mesma série havia uma disciplina em que podíamos explorar um pouco sobre as profissões que gostaríamos de seguir. Recordo de escolher Psicologia, mas não levei muito a sério. Quando cheguei ao ensino médio continuava com a idéia de fazer algum curso na Universidade de Brasília, mas não sabia bem o quê. Entretanto, esse Centro era muito fraco de ensino e faltavam alguns professores. Entre os professores que tínhamos, alguns não davam aula e nos enrolavam, principalmente, nos 1º e 2º anos. Os professores que eram bons os tive somente no 3º ano, os quais consideramos que eram muito bons.

Durante o ensino médio, participei do Programa de Avaliação Seriada (PAS) de todas as fases, porém na primeira e na segunda fase não sabia fazer a prova. Imaginava que a avaliação era feita de uma forma, mas era de outra, e então, não consegui marcar muitos pontos, porque deixei de fazer muitas questões que sabia a resposta. No final do 3º ano (terceira etapa), escolhi o curso de Pedagogia para concorrer, uma vez que a nota de corte era mais baixa, porém não passei, ainda faltaram alguns pontos.

No ano seguinte, em 2003, quando acabei o ensino médio, prestei o 1º vestibular da Universidade de Brasília, agora para Psicologia, eu sabia que não iria passar, só fiz para ver como era. O resultado foi o esperado, não passei, faltaram alguns pontos

também. Neste mesmo ano comecei o cursinho Pré-Vestibular pela Universidade Católica em Sobradinho. Este cursinho era oferecido à comunidade e caso os alunos quisessem fazer o vestibular na Universidade Católica, esta oferecia bolsas. Fiz esse vestibular para Psicologia, e também não passei. Por um lado foi bom porque mesmo com bolsa, a faculdade era muito longe de casa. Meu foco continuava sendo a UnB, porque eu pensava em sua qualidade. Entretanto, eu fazia os vestibulares para Psicologia, mas não sabia bem o curso que queria. Só sabia que queria um curso da área de humanas ou da saúde, no caso Psicologia. No meio do ano, participei do concurso do 2º vestibular de 2003 para Ciências Sociais e o resultado foi o mesmo, não passei, mas eu não desisti.

No segundo semestre desse mesmo ano, iniciei outro cursinho, esse foi organizado pelos alunos da UnB, era parecido com o ALUB de Brasília. Só que esse era em Sobradinho e se chamava AGEUNB. Fiz esse cursinho e lá percebi que existiam alguns conteúdos que eu não tinha visto quando estudei no ensino médio. Tive de aprender o que eu não sabia e relembrar o que tinha visto, em menos de seis meses. Esse momento foi difícil.

No início de 2004, prestei o 1º vestibular do ano para Pedagogia, o motivo da escolha foi a nota de corte mais baixa. No cursinho, alguns professores menosprezavam a nota de corte do curso de Pedagogia. Eles diziam que era muito fácil passar neste curso. Prestei o vestibular para ele e não passei.

Depois de vários resultados negativos em relação ao ingresso no curso superior na Universidade de Brasília, resolvi dar um tempo, ainda fiz cursinho no primeiro semestre do ano de 2004, mas não prestei vestibular, já estava muito decepcionada e cansada de cursinhos e vestibulares sem sucesso.

No segundo semestre de 2004, comecei a dar aula de reforço para um menino que estava na 3º serie do ensino fundamental, que estava com dificuldades de aprendizagem, então fiquei o semestre inteiro dando aulas e ele conseguiu passar de ano na escola. Nesta mesma época, minha tia sugeriu que eu estudasse para participar de concursos públicos para que eu investisse em um curso numa faculdade particular, pois meus pais não tinham condições de assumir um compromisso financeiro com um curso superior em uma faculdade particular para mim. Eu estava muito decepcionada, porque não conseguia passar na universidade pública e queria, também passar na UnB, uma vez que sempre ouvi falar bem de sua qualidade. Enfim, queria ter uma boa formação acadêmica.

Com essas motivações, comecei a inscrever-me para participar de concursos públicos para ingressar no mercado de trabalho. Inscrevi-me no concurso do Ministério da Educação – MEC e estudava em casa. Estudei o que pude e fiz a prova. Durante o período de estudos para concursos, vi um concurso para o Conselho Federal de Engenharia, Agronomia e Arquitetura – CONFEA. Li o edital, verifiquei o cargo, o salário e pensei vou fazer esse concurso, me inscrevi, reuni o material e quando comecei os estudos, surgiu uma vaga para trabalhar em um supermercado em Sobradinho. Comecei a trabalhar e não tinha mais tempo para estudar, como antes, mesmo assim fui fazer a prova. Lembro-me do que disse meu chefe quando lhe contei que iria fazer essa prova do concurso: " *você vai passar*".

O resultado do Ministério da Educação – MEC saiu primeiro, classifiquei, mas não dentro das vagas. Fui melhor classificada no do Conselho Federal de Engenharia, Agronomia e Arquitetura - CONFEA, fiquei em 14º lugar.

No ano de 2006, eu tinha um namorado que me acompanhava desde o 2º vestibular de 2003 na UnB. Estudávamos juntos para o vestibular, e ele também prestava os concursos vestibulares e não passava. Então, ele sugeriu que prestássemos o concurso do 2º vestibular de 2006 da Universidade de Brasília, "*sem compromisso, afinal nunca mais havíamos feito*". Como eu trabalhava e só podia fazer o curso a noite, olhei a lista dos cursos oferecidos e o que eu tinha mais afinidade era o de Pedagogia, pois os outros eram de exatas e outras áreas que não me interessavam, mas antes desta escolha, minha prima já havia conversado comigo sobre o curso, ela tinha formado em Pedagogia na UnB no 1º/2003, quando ela me contou sobre o curso, achei-o interessante. Inscrevi-me para Pedagogia e ele, para Administração. Então, nós dois fizemos a prova, e o resultado só iria sair no mês de julho.

No mês de julho de 2006, minha vida mudou completamente, quando eu menos esperava fui chamada para assumir a vaga no concurso do CONFEA e comecei a trabalhar no CREA-DF no dia 10 de julho de 2006, apesar de ter feito o concurso para o Conselho Federal de Engenharia, Agronomia e Arquitetura (CONFEA). Fui chamada para assumir a vaga do Regional ou melhor, do Distrito Federal. E no dia 17 de julho desse mesmo ano saiu o resultado do vestibular, dessa vez eu tinha passado, meu ex-namorado não, então ele resolveu fazer o curso em uma faculdade particular. Nossa! Eu fiquei feliz e pasma. Ao mesmo tempo, estava tudo estranho para mim, uma hora eu não conseguia nada, de repente eu consegui tudo o que vinha lutando há muito tempo. Em alguns instantes, comecei a imaginar que não ia consegui nada na vida, pois eu era burra

e que não valia a pena estudar, pois eu via colegas que fizeram o ensino médio comigo, que não se dedicavam tanto aos estudos fazendo faculdades particulares e eu que me esforçava, não conseguia nada! Passei a pensar que estudo não valia nada. Na verdade, o que me atrapalhava era a minha própria pressão de passar de qualquer jeito, pois imaginava não ter outra opção no momento em que saí do ensino médio, a não ser ingressar no ensino superior. Passei, também, a acreditar que tudo tem seu tempo. Mas tenho de confessar que quando me inscrevi nesse vestibular, naquele dia, senti que ia dar certo, e quando fiz a prova tive quase certeza que passaria. Só precisava confirmar o resultado.

Agora na UnB...

Iniciei o curso em agosto de 2006, meu primeiro semestre... De início, gostei muito da disciplina Perspectivas do Desenvolvimento Humano, porque estudávamos sobre os vários estágios do ser humano, infância, adolescência, vida adulta e velhice, além de alguns teóricos da Psicologia, me identifiquei muito com essa disciplina. Tive muita dificuldade com Antropologia e Educação, pois o professor era muito exigente, e adotava textos bem diferentes do que estava acostumada a ler e escrever, além de não ter o tempo inteiro para fazer os trabalhos porque trabalhava 8 horas por dia e só tinha o final de semana para fazê-los. Fiquei desesperada com essa disciplina, mas consegui cursá-la.

À medida que ia fazendo o curso, gostava mais das disciplinas, identificando-me com elas e sentindo-me muito bem. Mas nem tudo foi harmonioso assim. Em alguns semestres cheguei a me questionar se era esse mesmo o curso que eu queria fazer. Em outros semestres, essas dúvidas eram esquecidas e eu me envolvia com as disciplinas e ia gostando do curso.

Quando cursei a disciplina Didática Fundamental pensei sobre várias questões do ensino, gostei muito também da disciplina Educação de Jovens e Adultos, porque gosto muito dos educandos dessa faixa etária. Na época, fiz uma observação em uma escola de EJA e achei os educandos muito dedicados e interessei-me pelo seus históricos de vida, e foi, também, quando conheci mais sobre Paulo Freire, achei ótimas as obras que li sobre suas concepções de educação.

Já o professor da disciplina Políticas Públicas me fez pensar por vários semestres sobre um assunto bastante delicado que foi a educação para menores infratores e

medidas sócio-educativas para esses educandos. Despertou-me curiosidade sobre esse trabalho, e fiquei refletindo se a educação poderia melhorar ou amenizar tal problemática, cheguei a ter curiosidade de ler um livro indicado pelo professor sobre uma experiência com meninas presidiárias que deu certo e investigar o assunto. Durante este semestre, conheci uma colega do curso que trabalha no CAJE, fiquei pensando se eu conseguiria conviver com tanta violência, então resolvi desistir dessa área.

Interessei-me muito também pelas disciplinas que tratavam sobre o educando e suas necessidades especiais, e penso que o maior desafio para esses educandos é fazer a inclusão, se é que essa palavra faz sentido ou deveria existir. Os projetos 3 fase 1 e 2 fiz em Economia Solidária, com os quais me identifiquei muito. Achei muito bom existir uma Economia para além do capitalismo, seus ideais que estão sempre voltados para a importância do ser humano e não para o capital, que é a "mola" do mundo atual que vivemos.

Para conhecer outros temas fiz a fase 3 do Projeto 3 em Fundamentos da Educação Musical e uma disciplina ofertada com essa mesma temática e a mesma professora. Foi muito rica essa experiência, ou seja, por meio deste Projeto e da disciplina tive outro olhar para o ensino de música nas escolas, além de ter participado de um pequeno coral da FE e no semestre seguinte fiz a disciplina Canto Coral, no Departamento de Música, experiência maravilhosa, na qual tivemos oportunidade de alegrar e emocionar um público com a música. Pretendo se possível continuar participando de um coral.

Quando fiz a disciplina Seminário Final de Curso ainda não tinha nenhum tema definido, pensei em fazer alguma coisa relacionada à Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos, tema que gosto bastante e que me identifiquei também, mas ainda estava na dúvida. Foi então que em conversas informais por várias vezes com um colega que trabalha em escolas particulares do ensino médio, sobre o vestibular e as formas como a instituição privada de ensino prepara seus alunos para o ingresso no ensino superior que surgiu a idéia de pesquisar sobre a qualidade da educação para algumas instituições privadas de ensino médio do Distrito Federal, pois estudei muitas concepções de educação durante o curso de Pedagogia. Comecei a refletir que concepções de educação tinham essas instituições? Quais os objetivos tinham essas instituições na formação dos jovens? Será que as instituições de ensino privilegiavam apenas a preparação para o vestibular? A partir desses questionamentos passei a observar melhor os *outdoors* de propagandas de instituições particulares, cuja

mensagem central era o número de alunos aprovados no vestibular da Universidade de Brasília – UnB. Será que sua qualidade da educação está relacionada somente à aprovação do vestibular na UnB? Além dessa razão escolhi o ensino médio porque tive muitas dificuldades para ingressar na UnB e fiquei refletindo o que as instituições particulares chamavam de qualidade. Por outro lado, durante a toda a minha vida escolar sempre estive atrás de uma educação de qualidade, então pensei porque não pesquisar sobre ela? Então, fiz o Pré-Projeto relacionado a esse tema na disciplina de Seminário Final de Curso.

Entretanto, como estava, ainda, em dúvida sobre a temática, fiz o projeto 4 fase 1 com a Educação de Jovens e Adultos, experiência que escolhi não só pela falta de outro horário, pois trabalho o dia inteiro, mas pela vontade de vivenciar esta experiência desde a época que cursei a disciplina Educação de Adultos. Quando me inseri no campo do estágio, apesar da prática pedagógica ser trabalhosa, foi, também, maravilhosa tanto a convivência e quanto à experiência que tive com os educandos. Valeu a pena!

Atualmente, estou cursando a fase 2 do Projeto 4 com crianças, aos sábados, em um Projeto de Extensão da UnB, chamado Saúde Integral que envolve estudantes das áreas da saúde e da educação. Escolhi esse projeto porque tinha vontade de ter experiência com crianças. Se pudesse teria passado por todas as áreas que a Pedagogia oferece, tanto em ambiente escolares como não-escolares.

Tive professores excelentes na Faculdade de Educação que me fizeram refletir sobre muitos assuntos educacionais. Considero que a Pedagogia me proporcionou muito do que eu precisava para minha vida não só profissional, mas pessoal também, pois ela me fez enxergar a educação de outra forma, especialmente a minha trajetória, pois me fez relembrar várias vezes os meus aprendizados escolares, numa perspectiva futura de profissão.

Acredito que o tema do Trabalho de Conclusão de Curso surgiu de um apanhado geral do curso e da minha trajetória escolar sobre uma boa educação ou educação de qualidade, pois quando ia estudar em alguma instituição escolar e podia escolher, a qualidade sempre esteve entre os principais critérios dessa escolha.

Parte II
Estudo de Pesquisa

2. Introdução

Nas duas últimas décadas, o ensino médio, diferentemente das décadas de 1960 e 1970, que priorizava o ensino técnico profissionalizante para as camadas pobres da população e o preparatório para o ensino superior para as camadas ricas, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9394), aprovada em 1996, em um contexto de democratização do país, de globalização e das novas tecnologias, passou a fazer parte da educação básica, direcionado a uma formação geral, com o objetivo de superar a dualidade histórica dessa etapa da educação básica.

A educação básica, seja o ensino público, seja o ensino privado, tem como finalidades "desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores" (LDB 9394/96, art. 22). Dessa forma, a proposta do ensino médio, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2002), é preparar os jovens para a vida, qualificando para exercer a cidadania e capacitando para o aprendizado permanente, seja para prosseguir os estudos, seja para ingressar no mundo do trabalho, tendo como base a contextualização, a interdisciplinaridade, as habilidades e as competências por meio das áreas do conhecimento – Ciências da Natureza e Matemática, Ciências Humanas, Linguagens e Códigos – as quais foram organizadas para esta modalidade de ensino. Portanto, quando o indivíduo faz a relação desses conhecimentos com a realidade vivida torna-se habilitado para atingir as finalidades do artigo 22, bem como as do artigo 35 da LDB 9394/96, que prevê as finalidades do ensino médio:

> I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
>
> II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
>
> III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
>
> IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina (BRASIL, 1996).

A partir deste artigo mencionado acima, podemos constatar que a LDB (9394/96) permite ao aluno dar continuidade aos estudos posteriores - ensino superior, tecnológico e técnico -, preparar-se para ingressar no mundo do trabalho e para exercer

a cidadania, por meio dos conhecimentos das áreas já citadas anteriormente, aprimorando a formação ética, o desenvolvimento humano, a autonomia intelectual, o pensamento crítico e a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos, pois o mundo globalizado não exige uma única competência técnica, mas que o indivíduo consiga relacionar o conhecimento teórico à prática.

Com essas exigências, a partir de 1996, o governo federal vem lançando diversas avaliações externas nacionais para aferir a qualidade das instituições de ensino, dos cursos e a aprendizagem dos estudantes, entre elas, o Sistema Nacional da Educação Básica (SAEB), o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE). Além dessas avaliações, há, também, o Programa Internacional de Avaliação dos Alunos – PISA *(Programme for International Student Assessment*), esta avaliação visa aferir se os jovens de 15 anos que estão próximos ao termino da educação obrigatória adquiriram conhecimentos e habilidades necessárias para participar efetivamente da sociedade, são participantes do Programa, os países-membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE.

Entretanto, neste estudo, nos atemos somente ao ENEM, considerando que essa avaliação não é restrita ao campo pedagógico, ou seja, ela orienta, também, a elaboração de políticas públicas de governo e seus interesses, transformando-se em um instrumento de controle do Estado, sem reduzir a complexidade do processo educativo ao que é mensurável e tem respaldo na LDB 9394/96. Essa lei determina que a União deve organizar o processo de avaliação do rendimento escolar para todos os níveis de ensino em nível nacional, objetivando a definição de prioridades e melhorias da qualidade de ensino.

Além dessas avaliações, no Distrito Federal, há, ainda, o vestibular tradicional e o Programa de Avaliação Seriado (PAS) oferecidas pela Universidade Pública do Distrito Federal (UnB), cujos resultados chamam a atenção de pais e alunos para escolherem as instituições, nas quais os jovens irão realizar sua formação profissional. Esses resultados transformam-se em conteúdos de diversas propagandas das instituições de ensino particulares de ensino médio em *sites* e *outdoors* com os números de aprovados, tornando-se visadas por pais e alunos da comunidade local.

Foram exatamente esses números de aprovados na universidade pública divulgados sobre o ingresso de jovens na UnB que me fizeram levantar questões sobre a qualidade da educação dessas instituições de educação básica, ou seja, o que é educação

de qualidade para jovens do ensino médio em escolas particulares do Distrito Federal? Será que a classificação dos alunos, nessas avaliações, externas garante uma educação de qualidade? Como estas instituições atingem esses resultados? Que relação existe entre ensino e qualidade da educação nas instituições particulares de ensino médio? Em que sentido a proposta curricular das instituições particulares de ensino médio está preocupada com a educação de seus jovens?

É importante salientarmos que o termo qualidade possui variados conceitos, pois não é um tema fechado, isto é, este conceito pode ser visto de muitos ângulos. Julliato (2005, p. 51), em seu estudo sobre a qualidade da educação, citando Arturo Garzón (1987) explicita "quatro diferentes categorias de abordagens no enfoque da qualidade da educação ou nos modos de definir o seu conceito, são elas: antropológica, axiológica, epistemológica e empírica", Paro (2007) destaca a qualidade voltada para a democracia, e Sandrini (1994) destaca paradigmas sobre a qualidade da educação, e entre eles estão o clássico - que aborda a concepção tradicional, a tecnicista, não-diretiva e a escolanovista -, a escola cidadã, a popular-libertadora, a psicanalítica, e claro tantas outras abordagens que não será possível abranger neste estudo.

O que defendemos é uma educação que se aproxima de autores como Gadotti (2009) e Paro (2000), ou seja, uma educação que desenvolva o aluno nas dimensões: cognitiva, emocional, crítica e social, que não seja somente para responder provas, mas que faça sentido para o aluno. Que ele adquira conhecimentos, os quais não se tornem uma obrigação apenas para passar no vestibular, ou seja, que o aluno possa utilizar esse conhecimento para se conhecer, tomar decisões, agir na vida social, continuar aprendendo, aprender ser ético, ter criticidade e não apenas reproduzi-los. Dessa forma, a escola não pode privilegiar a transmissão de conteúdos, mas auxiliar o aluno desenvolver o emocional, o pensamento crítico e habilidades sociais, os quais poderão contribuir para construir relações saudáveis do jovem, despertando nele o prazer de aprender, de conhecer, de ser e de conviver com os demais adultos e seus pares (BRANDÃO, 1993).

Justificativa do Estudo

Justifica-se a escolha deste tema do estudo de pesquisa, uma vez que por meio de conversas informais com um professor de uma instituição de ensino particular sobre a qualidade da educação oferecida no Distrito Federal. Ele mencionou que "*os alunos*

da escola particular só passavam no vestibular da Universidade de Brasília – UnB, porque eram "adestrados" para a prova". Ou seja, para ele, os alunos passavam todo ensino médio sendo treinados para o vestibular. Esse depoimento despertou-me um olhar mais aguçado para esse tema, comecei a observar *outdoors* e *sites* de instituições particulares de ensino que destacavam o desempenho de seus alunos em termos da classificação nos concursos vestibulares e depois no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM.

Considerando que o curso de Pedagogia orienta acerca das finalidades da educação, bem como os meios apropriados para a formação dos indivíduos, cujos objetivos é prepará-los para as tarefas da vida pessoal e social, acreditamos ser importante estudar como algumas instituições particulares de ensino médio têm formado seus alunos e o que elas defendem como qualidade em seus projetos políticos pedagógicos e em suas práticas (finalidades da educação) e como elas têm preparado seus alunos em relação aos conhecimentos escolares, à vida pessoal e social.

O interesse por este tema despertou-me, também, porque estudei em escolas públicas da 5º série do ensino fundamental ao ensino médio e tive muita dificuldades para ingressar no ensino superior da Universidade de Brasília. Encontrei no momento de realizar o Trabalho de Conclusão de Curso uma oportunidade de refletir sobre essa temática, bem como sobre nossa aprendizagem profissional como Pedagoga, especialmente, o que estudei acerca da educação e o que pode ser considerada educação de qualidade. Tive também interesse por esse tema, pois sempre que procurei fazer um curso, a qualidade dele era extremamente importante e ao chegar ao final do curso de Pedagogia, estudar muitas teorias pedagógicas e concepções de educação, comecei a questionar que teorias e concepções pedagógicas as instituições particulares adotam em suas propostas e práticas pedagógicas?

Relevância do Estudo

Este estudo tem a intenção de contribuir para uma reflexão sobre a qualidade da educação de três instituições de ensino médio da rede particular, bem como as práticas de ensino desenvolvidas pelos professores, tendo em vista que o ingresso de seus alunos nas instituições públicas de ensino superior está sempre em evidência, seja pelas avaliações do PAS ou do vestibular tradicional ou ainda a alta classificação nas avaliações externas realizadas pelo Governo Federal, especialmente, o ENEM.

Neste estudo de pesquisa, nossa intenção foi conhecer e analisar a educação de qualidade oferecida no ensino médio por três instituições particulares de ensino na concepção de um grupo de profissionais (professores e gestores) e um grupo de alunos. Para identificarmos que qualidade defendem, abordamos alguns subtemas que estão diretamente ligados à qualidade da educação, e para melhor nortear esse estudo, definimos os seguintes objetivos geral e específicos.

Objetivo Geral

O objetivo geral deste estudo é investigar que parâmetros de qualidade estão sendo privilegiados nas propostas pedagógicas de três instituições de ensino da rede particular do Distrito Federal por um grupo de profissionais (professores, gestores escolares) e de alunos do 3º ano do ensino médio.

Para atingir este objetivo mais amplo, definimos os seguintes objetivos específicos:

- Analisar as propostas pedagógicas das instituições de ensino participantes deste estudo.
- Identificar a concepção de educação de qualidade dos participantes deste estudo (professores, gestores e alunos).
- Identificar a tendência pedagógica predominante nas propostas pedagógicas das instituições de ensino participantes deste estudo e que tipo de educando elas desejam formar.
- Identificar como ocorre a preparação para a continuidade dos estudos dos alunos nas avaliações externas (PAS, ENEM e vestibular tradicional) nas instituições de ensino participantes deste estudo.
- Identificar como as instituições participantes deste estudo conseguem atingir seus resultados nas avaliações externas (vestibular tradicional, PAS e ENEM).
- Identificar a função da escola na concepção dos profissionais e dos alunos participantes deste estudo.

Para construção deste trabalho tomamos como base os Parâmetros Curriculares Nacionais, a legislação vigente e contribuições de alguns autores que estudam sobre os conceitos de educação, educação de qualidade, tendências pedagógicas e temas relacionados ao ensino médio, entre eles: Brandão (1993), Freire (2009), Gadotti

(2009), Paro (2007), Juliatto (2005), Sandrini (1994), Wellen (2005), Gomes e Sparta (2005), Ferreira (2002), Dalri e Meneghel (2009), Mizukami (1986) e Libâneo (1990).

Estruturamos o presente trabalho em três capítulos. No primeiro, tratamos dos principais temas que subsidiaram a análise dos dados: O que é educação? Trazendo como principais autores, Brandão (1993), Freire (2009) e Gadotti (2009). O que é qualidade da educação? Gadotti (2009), Paro (2007), Juliatto (2005) e Sandrini (1994); sobre o ensino médio, utilizamos os Parâmetros Curriculares Nacionais, a legislação vigente e os autores Wellen (2005), Gomes e Sparta (2005), Ferreira (2002), Dalri e Meneghel (2009) e para as tendências pedagógicas, utilizamos os autores Mizukami (1986) e Libâneo (1990).

No segundo capítulo, descrevemos os passos seguidos para a construção dos dados, ou seja, a metodologia utilizada neste estudo - pesquisa qualitativa numa abordagem exploratória, tendo como instrumentos: a entrevista semi-estruturada com professores, gestores e alunos do 3º ano do ensino médio e a análise documental dos Projetos Políticos Pedagógicos para verificarmos informações sobre a missão das instituições de ensino, a metodologia, a avaliação, a gestão e outros dados considerados relevantes.

E no terceiro capítulo, apresentamos a análise e discussão desses dados, visando responder aos questionamentos feitos no início deste estudo, utilizando os referenciais citados, para compreender os significados que os participantes dão ao fenômeno estudado.

CAPÍTULO I
REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, abordamos os principais conceitos sobre o que é educação? O que é educação de qualidade? O que é ensino médio por meio de seu histórico, e as tendências pedagógicas que permeiam o ensino médio nos dias de hoje.

1.1 Conceituando o termo educação

Segundo Yunes (2004),

> a educação vem de *ex-ducere* e quer dizer 'conduzir-se para fora', aparecer, dar a ver o sujeito; e não o exercício de 'encher' as pessoas de informes e dados; facilitar a que atualize toda a sua potência de ser, de interatuar com o mundo, para daí construir-se num processo interativo e não na mera repetição de práticas estranhas que passam por osmose à sua vida (2004, p.46).

O que Yunes (2004) explica é que a educação deve fazer sentido para o aprendiz e não simplesmente uma repetição de informações à vida do aluno. O aluno deve utilizar o conhecimento para interagir com o mundo, ela deve fazer parte da vida dele.

Sobre educação Brandão (1993) ressalta que esta não é restrita à escola, talvez nem seja o melhor lugar. O ensino escolar não é a sua única prática e o professor não é o seu único praticante. A educação está em todo lugar, em casa, na rua, na escola, na igreja, ou seja, faz parte da nossa vida cotidiana. Com ela, aprendemos, ensinamos, aprendemos-e-ensinamos, serve, também, para saber, para saber fazer, para ser e para conviver. Ninguém escapa dela e há variadas formas de educação, isto é, não há um modelo único.

Ainda segundo Brandão (1993), na espécie humana a educação se instala num processo de trocas de símbolos, de padrões de cultura e de relações de poder. E "a seu modo, ela continua no homem o trabalho da natureza de fazê-lo evoluir, de torná-lo mais humano" (p. 14).

A educação aparece sempre que há a intenção de ensinar-e-aprender, porém quando um povo alcança um estágio complexo na organização de sua sociedade e de sua cultura, enfrenta a divisão social do trabalho, surge com isso o poder e a separação dos homens em categorias de sujeitos socialmente desiguais, e os poderes que organizam a ordem começam a gerar hierarquias sociais, é, aí que começam os problemas com a forma e a transmissão do saber (BRANDÃO, 1993).

Com isso o saber comum de uma sociedade, se dividiu e começou a distribuir desigualmente, passando a servir ao uso político para reforçar a diferença, separando a sociedade e aos poucos opõe: o que faz, o que se sabe com o que se faz e o que se faz com o que se sabe, é então que surgem categorias de especialidades sociais, e aparecem as de saber e de ensinar a saber. É, aí, então que a educação se transforma em ensino e inventa a Pedagogia (BRANDÃO, 1993).

Com a Pedagogia, começam a surgir tipos e graus de saberes correspondentes a diferentes categorias de sujeitos, de acordo com a sua posição social no sistema político, como por exemplo, rei, sacerdote, lavrador e todos querem aprender para ser "gente", "adulto, "homem", "mulher". (BRANDÃO, 1993). E aos poucos acontece a divisão entre o ensino de instruir, pelo professor da escola e o ensino de educar, pelos pais, e a educação aparece como propriedade, como sistema, como escola. (BRANDÃO, 1993).

Segundo Brandão (1993), a educação, como já foi dito anteriormente, não está restrita à escola, ela existe entre os homens e na vida. Ela está sempre onde há processos de ensino-e-aprendizagem, em qualquer lugar, é a passagem da cultura de um povo para as novas gerações.

Gadotti (2009) destaca que a palavra ensinar vem do latim *insignare,* que significa "marcar com um sinal", indicar um caminho, um sentido, ou seja, deve fazer sentido o que se aprende. Muitos jovens e crianças não sabem porque estão na escola e não vêem sentido no que estão aprendendo. "Querem saber, mas não querem aprender o que lhes é ensinado" (GADOTTI, 2009, p. 5), então a escola deve construir o sentido, transformando o obrigatório em prazeroso, informação em conhecimento, porque o conhecimento é a informação que faz sentido para quem aprende. A escola deverá, portanto, mudar toda a lógica da construção do conhecimento, pois a aprendizagem ocupa toda a nossa vida.

Para Gadotti (2009 *apud* FREIRE) não há ensino-aprendizagem sem a 'procura, a boniteza e a alegria', e isso se fará presente quando houver prazer e sentido no conhecimento que construímos, é por isso que precisamos saber o que, o por quê e para que estamos aprendendo.

Na mesma direção de Gadotti (2009), Freire (2009) defende uma educação voltada para a ética, para o respeito à dignidade e à própria autonomia do educando, deve haver coerência entre o saber-fazer e o saber-ser-pedagógico do educador. Este deve ser amoroso com seus alunos, ter vigilância contra todas as práticas

desumanizadoras, a solidariedade deve ser compromisso histórico de homens e mulheres capazes de promover e instaurar a 'ética universal do ser humano'(p. 11).

Freire (2009) contribuiu para uma educação integral do ser, em suas dimensões cognitiva, emocional, crítica e social, pois através de seu método de alfabetização ensinou a muitos jovens e adultos a ler e escrever, além disso, a educação progressista é crítica, pois os alunos não são passíveis, o conhecimento não é depositado na cabeça dos alunos sem uma reflexão crítica ou sem entender o que se aprende, o aprendizado está próximo à realidade vivida pelo educando. É uma educação que transforma a vida social e emocional dos alunos pois eles se tornam mais humanos, sentindo-se mais vivos ao participarem de fato da sociedade.

Segundo Brandão (1993), Freire sempre quis desarmar a idéia que a educação é maior que o homem e que somente os que pretendem fazer dela uma arma de seu poder autoritário tornam-na sagrada, e que é possível reinventar a educação, pois ela é uma invenção humana e se um dia foi feita de um modo pode ser refeita de outro.

1.2 Conceituando o termo qualidade na educação

Qualidade na educação é um tema complexo e pode ser abordado de diferentes formas e sob variados ângulos, como afirma Juliatto (2005), e "essa diversidade de pontos de vista demonstra por um lado, a riqueza do conceito e, por outro, a dificuldade prática de se alcançar um fácil consenso em torno do assunto" (p.50).

Com relação ao tema, Paro (2007) afirma que "a qualidade da educação oferecida deve referir-se à formação da personalidade do educando em sua integralidade, não apenas a aquisição de conhecimentos em seu sentido tradicional" (p.34). Para ele, isso não significa voltar-se contra os conteúdos das disciplinas que compõem os currículos, mas de ampliar a função social da escola, ou seja, formar os alunos através de uma educação para a democracia.

A qualidade da educação, na concepção tradicional, é passível de ser medida pela quantidade de informações exibidas pelos alunos e essa concepção predomina tanto em estatísticas de órgãos governamentais, quanto em estudos acadêmicos que discutem resultados de políticas públicas educacionais (PARO, 2007).

Além disso, quando a concepção da educação de qualidade é tradicional, e os professores são questionados com relação ao tipo de educação mais adequado é notável

a dificuldade que eles têm de definir o que é qualidade de ensino. Geralmente, eles relacionam o bom ensino àquele que o aluno consegue ‘saber a matéria’ e reproduzi-la em provas e exames. Entretanto, quando fazem essa relação e são questionados a definir melhor a qualidade da educação, encontram-se inseguros em formular respostas satisfatórias (PARO, 2007).

Quando há o confronto entre a apreensão de informações e a função democrática da escola e a necessidade de formar integralmente o aluno como cidadão, surgem mais dificuldades para os professores se expressarem o que seria uma educação ideal, principalmente, se a escola restringe-se “à transmissão de informações” do professor para os alunos. Diante dessas dificuldades, os professores buscam auxílio em recursos como a “utilização do espaço, do tempo, das relações de toda ordem que ocorrem no recinto escolar, do tipo de atendimento que é dado ao aluno, aos pais” (PARO, 2007, p. 41-42), formulando conceito de qualidade de ensino pouco convencionais, como, relacionar ao prazer que o aluno sente em estar na escola.

Paro (2007, 48) ressalta, ainda, que “a escola brasileira continua organizada pedagogicamente para atender aos objetivos identificados com uma concepção ‘bancária’ de educação, na qual o mais importante é a aquisição de conhecimentos, verificável por meio de exames e provas”, ou seja, a educação só está preocupada em medir a qualidade por meio de provas e exames, que aferem a quantidade de informações que o aluno adquiriu sobre conteúdos trabalhados em sala de aula.

Em seus estudos, Paro (2007) afirma que a estrutura didático-pedagógica para uma educação democrática, também, tem destaque na discussão sobre a qualidade da educação. Em depoimentos a respeito da estrutura didático-pedagógica, alguns professores de uma escola de ensino fundamental, afirmaram que:

> não só a qualidade que se vê é passível de aferição por exames e provas (apropriação de conhecimentos e informações) , mas também (o que é, sem dúvida, mais importante) a qualidade que não se vê, ou melhor, a que não é tão facilmente mensurável por instrumentos quantitativos, ou seja, a formação da personalidade integral do indivíduo (p. 49).

Além da estrutura didático-pedagógica, Paro (2007) ressalta que a qualidade de ensino precisa levar em consideração, a estrutura administrativa, ou seja, “a forma pela qual a escola se organiza para atingir seus objetivos com base na distribuição do poder e da autoridade em seu interior” (p. 82). Essa consideração é importante, pois,

> para a educação do homem como ser histórico, em bases democráticas, é preciso levar em conta não apenas o que ele aprende e como ele aprende, mas também a medida em que o ambiente ou a instituição em que se dá esse aprendizado está contribuindo para a efetividade dessa educação (PARO, 2007, p. 83-84).

O autor quer dizer que, é preciso vivenciar a democracia dentro da escola, e uma das sugestões que ele dá em relação à estrutura administrativa de forma democrática é que a escola realize um processo eletivo para a escolha de seus dirigentes, pois se não for dessa forma, ”mascara a natureza política da função de direção escolar” (PARO, 2007, p. 116), não ficando dessa forma a mercê de nomeações feitas pelo poder executivo, pois em entidades democráticas, como deve ser a escola, os postos de liderança devem vir da escolha e da vontade dos liderados.

Além do processo eletivo, Paro (2007) destaca, também, que é importante o envolvimento da comunidade externa nos assuntos da escola, em especial, dos pais ou responsáveis pelos alunos, tornando a unidade escolar um lugar agradável e atrativo para seus usuários diretos e indiretos, dotando-a de componentes capazes de atraí-los, na intenção de que sua participação no controle democrático do Estado não seja apenas um direito, “mas também uma necessidade da escola, se esta quer fazer-se de fato educativa” (PARO, 2007, p. 116).

Julliato (2005, p. 51), em seu estudo sobre a qualidade da educação, citando Arturo Garzón (1987) explicita “quatro diferentes categorias de abordagens no enfoque da qualidade da educação ou nos modos de definir o seu conceito, são elas: antropológica, axiológica, epistemológica e empírica”.

A abordagem antropológica está ligada ao campo da cultura, no qual o “fim primeiro da educação é integrar as pessoas em dada sociedade e cultura”. A axiológica trata da forma de cultivar e transmitir valores. A epistemológica dá importância ao processo de desenvolvimento de estrutura lógica do conhecimento e dos mecanismos mentais de operação como instrumentos básicos que a pessoa precisa para agir e atuar no mundo que a cerca. E a empírica “associa a qualidade da educação com os fatores concretos implicados diretamente ao desempenho acadêmico dos estudantes nas escolas, como ensino, aconselhamento (JULIATTO, 2005, p. 51).

Ainda em relação ao tema qualidade na educação, Sandrini (1994) analisa alguns parâmetros, modelos e paradigmas sobre a qualidade de ensino, e apresenta o estudo

sobre alguns deles, quais sejam: o Paradigma Tecnológico, o Paradigma Clássico, o Paradigma Psicanalítico, o Paradigma Popular-Libertador, o Paradigma da escola cidadã e o Paradigma da Qualidade Total.

No Paradigma Tecnológico, a "qualidade de ensino significa apropriar-se da moderna tecnologia para tornar mais eficiente o trabalho escolar" (SANDRINI, 1994, p. 26), sendo a tecnologia um meio e um instrumento para as escolas. No entanto, as escolas não podem "renunciar a missão de formar a consciência crítica das pessoas, transformando-se em mero centro de treinamento para uso de tecnologias" (SANDRINI, 1994, p. 26.), bem como "(...) reduzir a qualidade de ensino ao paradigma tecnológico é retroceder no tempo, ver a escola somente como um setor produtivo e renunciar a sua missão fundamental, que é a formação integral do homem" (SANDRINI, 1994, p. 26.).

O Paradigma Clássico aborda as tendências, que segundo Sandrini (1994, p. 27), "não questionam a estrutura da sociedade e que vêem a educação com fator de integração social", ou seja, pessoas que se encaixarão na sociedade, assumindo seu lugar na atual estrutura da sociedade, entre elas estão a concepção tradicional, a escolanovista, a tendência não-diretiva e a tecnicista. A concepção tradicional da educação, na qual o fator mais valorizado é o conteúdo e sua transmissão, por exemplo, o ensino vai bem quando os alunos sabem tudo ou não sabem nada, quando os professores são exigentes e conteudistas.

A concepção escolanovista "dá ênfase à criatividade, à pesquisa, à experiência, à descoberta" (SANDRINI, 1994, p. 27). A qualidade da escola está no fato das pessoas envolvidas com o processo educativo sentirem-se bem. Essa tendência tem ligações com orientadores educacionais e psicólogos escolares e pedagogos que se preocuparam com a educação de pessoas portadoras de necessidades especiais como Montessori e Décroly, "quem educa é o ambiente como um todo (...). A escola boa é aquela que crianças, adolescentes e jovens gostam" (SANDRINI, 1994, p. 27).

Na tendência não-diretiva, as pessoas se auto-educam, com intervenção mínima dos "educadores", feita apenas sob solicitação, ou animando as pessoas para serem o que devem ser, "educação de qualidade é ensinar as pessoas a se auto-educarem, ainda numa linha psicopedagógica" (SANDRINI, 1994, p. 27).

A tendência tecnicista está ligada ao treinamento, ao adestramento, Sandrini (1994) afirma que

> pessoa educada é aquela que faz bem o que se espera dela. Educar é treinar, modificando os padrões de comportamento, a fim de habilitar para o

> exercício de funções produtivas, para ser consumidor competente dos produtos disponíveis no mercado (p. 27).

No Paradigma Psicanalítico, a qualidade está ligada à pessoa sentir-se bem aqui e agora. “Rompendo-se o afetivo, rompe-se o cognitivo” o mais importante neste paradigma não é o racional, mas o arracional, ou seja, o que é contrário a razão, pois (...) “a racionalidade pura levou a humanidade à irracionalidade, entorpeceu e alienou as pessoas” (SANDRINI, 1994, p. 29).

Educar não é só preparar pessoas para o futuro, mas ajudá-las a curtir a vida a partir do aqui e do agora. Segundo esse paradigma, os conteúdos trabalhados na escola não devem estar ligados somente ao cognitivo, mas também à emoção e ao sentimento, “a beleza, o mistério, o inefável, o indizível, a música, o silêncio... também são conteúdos e resgatar tudo é uma questão de qualidade de vida” (SANDRINI, 1994, p. 30). Esse autor destaca que a arracionalidade, assim como a racionalidade não devem ser levadas às últimas consequencias, pois arracionalidade também leva à irracionalidade e ressalta que se por um lado ‘tempo é dinheiro’, tempo também é gratuidade, portanto “educação de qualidade é ajudar as pessoas a serem gratuitas sem serem supérfluas”(p. 30).

Com relação ao Paradigma Popular-Libertador, “a qualidade de ensino é lutar por uma educação para todos” (SANDRINI, 1994, p. 31), principalmente enfrentar o problema da alfabetização da sociedade brasileira, pois como um país com milhões de analfabetos pode ser de qualidade?

> Alfabetizar a população é elevar a qualidade de vida do povo. É uma visão burra e desumana manter o povo na ignorância para melhor dominá-lo. Como pode uma sociedade ‘dormir’ tranquila, se a maioria do seu povo não participa econômica, política, social e culturalmente da mesma? Isto só pode gerar uma sociedade insegura que gasta bilhões para construir muros, muralhas, armas, grades, alarmes, para defender-se de um ‘inimigo’ gestado e seu próprio ventre (SANDRINI, 1994, p. 33).

No Paradigma da escola cidadã quem decide por um projeto social é o cidadão, a escola cidadã segundo Sandrini (1994) não é centralizada e centralizadora, castradora e messiânica, pois tem autonomia, permite a existência de diferentes, e não se fecha em si

mesma diante de outras instituições educativas e organizações sociais. Uma escola cidadã de qualidade:

> é aquela que está atenta à democratização de sua gestão, à democratização do acesso à escola, à implementação de um ensino com metodologias participativas e à colaboração com os Movimentos Populares na luta contra o analfabetismo (SANDRINI, 1994, p.37).

Para Gadotti (2009, p. 1), a "qualidade significa melhorar a vida das pessoas, de todas as pessoas", inclusive da comunidade escolar e ressalta que uma das grandes ameaças à qualidade da educação é o instrucionismo, ou seja, a aprendizagem é mecânica e com repetição de informações, baseado na tendência comportamentalista.

Conhecimento é, segundo Gadotti (2009, p. 10), "informação com sentido. Qualidade em educação refere-se à construção de sentidos", pois o conhecimento serve para muitas coisas, como para nos conhecermos melhor, tomar decisões na vida, para nossa vida social, para continuar aprendendo e não para fazer vestibular.

Com relação ainda ao conhecimento Paro (1999 e 2000), ressalta que, devido ao paradigma do "credencialismo", professores e aluno preocupam-se mais com exames e aprovações do que com a apreensão do saber e com o gosto pelo conhecimento, aliando-se como meta principal preparar para o mercado de trabalho ou para o vestibular universitário.

Gadotti (2009) reafirma que não se mede qualidade só pela reprodução de conteúdos, mas pela criação de conhecimentos e isto se conquista pela pesquisa, pela leitura e pela reflexão. Não aprendemos somente na escola, pois somos seres programados para aprender. "Só conhecemos realmente o que construímos e reconstruímos de forma autônoma" (GADOTTI, 2009, p. 10).

Outra ameaça apontada por Gadotti (2009) à qualidade da educação é a desprofissionalização do professor, este é descartável, a tarefa de educar está dentro do padrão mercantil, as instituições educacionais possuem empresas que disponibilizam docentes a todo momento, o professor não deve disponibilizar-se apenas para o tempo de aula, mas também em acompanhar e conviver com o aluno, avaliando permanentemente este, e isto está cada vez mais raro devido à função de rentabilidade que tem tomado a educação.

Além do instrucionismo e da desprofissionalização, há uma outra ameaça apontada por Gadotti (2009) que é a mercantilização da educação, que não deve ser

confundida com privatização, pois no processo de mercantilização a tudo é atribuído um valor econômico, inclusive à educação, que é um direito de todos. A contradição existente não está no estatal e no privado, mas entre o público e o mercantil.

Para Gadotti (2009), os paradigmas clássicos da educação, fundados numa visão industrialista, predatória, antoprocêntrica e desenvolvimentista, não estão dando conta de explicar o momento presente da educação e de responder às suas necessidades futuras. Estamos vivenciando hoje, de acordo com Gadotti (2009), e podemos ver na mídia em nosso cotidiano, uma crise profunda na relação entre professor-aluno que está refletindo na qualidade da educação. A relação está tensa, violenta, reproduzindo relações competitivas de mercado. A educação adquiriu um caráter mercadológico, por isso o estresse, as doenças dos professores como a Síndrome de *Burnout*, a sociedade não valoriza seus profissionais da educação.

O professor foi se tornando um mero "facilitador" segundo Gadotti (2009), uma máquina de reprodução social. E ele deve ser um problematizador, não dá para existir qualidade no ensino-aprendizagem quando o professor renuncia a si mesmo, se aliena, renuncia seus sonhos para realizar os sonhos do mercado capitalista.

Quando se afirma que um dos maiores problemas da educação é fazer dela uma mercadoria, porque a educação é direito de todos e não há como colocá-la como mercadoria, porque senão ela torna-se o que estamos presenciando hoje, um verdadeiro caos, o professor não tem o direito de pensar de seu jeito, porque senão é mandado embora, pois dessa forma não atende à demanda das instituições que é em sua maior parte reproduzem conhecimento, e o aluno ao vivenciar essa mercantilização da educação acredita que educação é reprodução e avalia o professor como incompetente quando este não reproduz o conteúdo da maneira que lhe agrada. "A educação não deve se subordinar as exigências do mercado, mas formar pessoas para se inserirem autonomamente no mercado e não numa 'sociedade de mercado" (GADOTTI, 2009, p. 11)

Como isso, Gadotti (2009) defende a necessidade de uma educação de qualidade voltada para o paradigma da sustentabilidade. A sustentabilidade está relacionada ao viver bem, em equilíbrio dinâmico com o outro e com o meio ambiente, uma harmonia entre diferentes, o sentido de nossas vidas não está separado do sentido que construímos o próprio planeta. A preservação do meio ambiente depende de uma consciência ecologia e essa formação depende da educação, e todos esses preceitos caracterizam a

ecopedagogia, que por meio dela ampliamos nosso ponto de vista e passamos a ter uma prática de cidadania planetária.

Educar para uma vida sustentável segundo Gadotti (2009) é educar para adquirirmos novos valores como: “simplicidade, quietude, paz, serenidade, saber escutar, saber viver juntos, compartilhar, descobrir e fazer juntos” (p. 12), ou seja, entendemos que esses preceitos sejam para humanizar a educação, não apenas se preocupar com resultados aferidos por provas. Por meio da sustentabilidade na educação escolar é possível renovar seus princípios e valores fundados em competitividade, havendo com isso comunidades escolares fundamentadas em cooperação e com mais solidariedade.

Com todas essas abordagens é possível verificar que o conceito é bastante amplo e é claro que existem outros conceitos para qualidade da educação não abordados aqui, e que é por meio deles que é possível influenciar na educação que se deseja. O importante é que a qualidade da educação não seja apenas aferida por quantidade de informações adquiridas pelo aluno, mas em uma educação para a cidadania, para a alteridade, a educação do educando deve ser integral, não só cognitiva, mas social, moral e emocional.

1.3 O Ensino Médio

Para compreendermos melhor o ensino médio atual, é necessário analisarmos seu histórico, bem como a Lei de Diretrizes e Bases nº. 9394/96, em seus artigos sobre o ensino médio. Além disso, iremos abordar também as avaliações externas realizadas pelos alunos deste nível de ensino no Distrito Federal, como o Programa de Avaliação Seriada – PAS, vestibular tradicional e o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM.

Segundo Dalri e Meneghel (2009), o ensino médio desde seu início possui uma “crise de identidade”, até meados da década de 90, possuía duas funções, a propedêutica e a preparação profissionalizante. A propedêutica destinava-se aos alunos das classes ricas e a profissionalizante para os filhos de trabalhadores, gerando dessa forma uma dualidade educacional. Hoje, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96), o ensino médio permite o ingresso no ensino superior, mas não tem como objetivo a preparação para o concurso vestibular e a educação profissional de nível médio (cursos técnicos) não substituem mais este nível de ensino, é uma forma de

educação continuada, a formação agora é geral, visa ao desenvolvimento global do educando e a preparação básica para o trabalho e a cidadania (GOMES e SPARTA, 2005), passa a ser parte da educação básica, e segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (2000) este agora tem uma identidade, que é a "etapa final da educação básica", citada no art. 35 da LDB/9394/96, e este mesmo artigo define as finalidades do ensino médio:

> I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
>
> II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
>
> III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
>
> IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina (BRASIL, 2000, p.33).

O inciso II do art. 35 da LBD traz a preparação para a cidadania do educando, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2000), o aluno deve desenvolver competências básicas para o exercício da cidadania e para o desempenho de atividades profissionais, e entre essas competências estão:

> a capacidade de abstração, do desenvolvimento do pensamento sistêmico, ao contrário da compreensão parcial e fragmentada dos fenômenos, da criatividade, da curiosidade, da capacidade de pensar múltiplas alternativas para a solução de um problema, ou seja, do desenvolvimento do pensamento divergente, da capacidade de trabalhar em equipe, da disposição para procurar e aceitar críticas, da disposição para o risco, do desenvolvimento do pensamento crítico, do saber comunicar-se, da capacidade de buscar conhecimento (BRASIL, 2000, p. 11-12).

Para Barbosa (2009), porém o texto da LDB 9394/96 não deixa clara a idéia de qual cidadania se refere, e Tiné (2009, p. 43) ressalta que a formação do cidadão não se restringe a escola, pois "é um processo que se constitui nas relações diárias e no conjunto da sociedade", mas "a escola é um espaço social importante para a reflexão da

realidade à luz do conhecimento socialmente construído pela humanidade", e considera que a escola é um espaço privilegiado para o exercício da cidadania na perspectiva democrática, Tiné (2009, p. 43 *apud* Silva 2000) afirma que,

> [...] educar para a cidadania democrática é essencialmente romper com a cultura autoritária, de submissão, de mando, impregnada nas diferentes relações sociais; é criar uma nova cultura a partir do entendimento de que todo e qualquer indivíduo é portador de direitos e deveres; é garantir o acesso ao conhecimento que permita-lhe apreender a complexidade das relações e determinações do conjunto da sociedade; é prepará-lo para sua inserção no mundo do trabalho, para compreender o avanço tecnológico e a participação ativa na organização da sociedade.

Com isso, é importante que a escola tenha um projeto político-pedagógico coletivo, democrático, vivido no cotidiano, "deve pensar seu trabalho na participação, no diálogo e na crítica" (TINÉ, 2009, p. 44). Além disso, deve prever a autonomia dos alunos, onde esses sejam capazes de pensar, de questionar, de assumir, de submeter à crítica os valores, normas e direitos morais que pertencentes aos indivíduos (TINÉ, 2009).

Com relação à preparação para o trabalho, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000) está na contextualização das disciplinas com a realidade do aluno, ou seja, o conteúdo estará ligado a realidade vivida pelo aluno, e ele precisa fazer essa conexão, com isso ele é capaz de solucionar um problema concreto, dar conta da etapa de planejamento, gestão ou produção de um bem, relacionando contextos e práticas sociais.

A respeito da compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, o primeiro caracteriza-se como a parte teórica e o segundo como a prática, o cotidiano vivido pelo aluno, o que este inciso quer dizer segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000) é que a escola deve contribuir para que haja uma relação entre o aprendido e o observado, no cotidiano de forma espontânea, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. E a formação ética, o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico também estão relacionados às disciplinas de uma maneira que não sejam mais memorizados os conhecimentos, pois isso não se justifica diante de uma moderna tecnologia, e os alunos devem desenvolver competências básicas para continuar aprendendo (BRASIL, 2000).

Com relação ao prosseguimento dos estudos, a LDB/9394/96 está se referindo tanto à educação superior quanto ao curso profissionalizante.

Em 1937, o ensino secundário tinha um caráter propedêutico, ou seja, preparar os alunos de classes ricas para o concurso vestibular. Será que hoje estamos muito distantes disso? E será que o novo ensino médio acabou com a dualidade existente?

Para responder a essas perguntas iremos abordar o estudo de Wellen (2005), realizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, neste estudo Wellen demonstrou no discurso de seus alunos participantes, que esses associavam a qualidade da escola particular e as diferenças na qualidade do ensino à escola pública ao fato delas prepararem para o vestibular, pois eram orientadas pelo conteúdo do programa do vestibular, diferente da pública, com isso as escolas particulares não levam em consideração que, “ o saber é relação, o processo que leva a adotar uma relação de saber com o mundo é que deve ser o objeto de uma educação intelectual e, não a acumulação de conteúdos intelectuais” (WELLEN, 2005, p. 69 apud CHARLOT , 2000), ou seja, o saber intelectual não deve ser só acúmulo de informações deve fazer sentido para o aluno, e estabelecer uma relação desse saber com o mundo. Wellen (2005) conclui que a relação do aluno com a escola privada é propedêutica, resumindo ao preparo do vestibular e não formando uma consciência de estudante universitário.

Será que o ensino médio encontrou mesmo sua identidade de uma formação básica, integral?

Gomes e Sparta (2005) afirmam que a pressão para a preparação ao ingresso na educação superior é tanta, que faz com que o ensino médio deixe de lado seu papel de formação integral para centrar-se na preparação bem ou mal sucedida para concursos vestibulares das principais universidades, principalmente as públicas.

Wellen (2005) afirma que desde sua formação, do período colonial até a atualidade, existe uma dualidade estrutural do sistema educacional brasileiro, a Constituição de 1988 tentou superá-la, mas esbarrou com o novo modelo econômico, o neoliberalismo, que aprofundou as diferenças entre o público e o privado, pois este modelo econômico prioriza o mercado nas relações econômicas, políticas e sociais, incluindo projetos educacionais, com isso as políticas públicas para a educação passam a ser baseadas na ideologia de mercado, fortalecendo a precarização da escola pública e a mercantilização da educação, e com isso a educação deixa de ter caráter de direito social e se transforma em mercadoria, em produto a ser consumido, a escola privada torna-se uma empresa nos moldes das demais empresas capitalistas e tem a necessidade

de demonstrar resultados, produtividade, e no caso das empresas educacionais, relaciona-se ao número de alunos aprovados no vestibular.

Com isso, ressalta Wellen (2005) o projeto neoliberal para a educação oferece para uma camada social mais privilegiada uma educação voltada para a inserção na sociedade do conhecimento e para as pessoas marginalizadas do processo de reestruturação produtiva uma educação voltada para a manutenção dessa desigualdade.

É possível verificar com isso que no "novo" ensino médio a dualidade permanece, só que agora não é mais o ensino profissionalizante e o curso secundário propedêutico, mas sim, escolas privadas com caráter propedêutico e escolas públicas que estão abandonadas por conta do neoliberalismo, onde a prioridade é do particular.

A lei se refere à continuidade dos estudos, e embora seja tanto ao superior, técnico ou tecnológico, iremos nos atentar para o superior, em especial o ingresso na Universidade Federal.

No Distrito Federal, o ingresso na Universidade Federal pode ser por meio do vestibular tradicional ou do Programa de Avaliação Seriada – PAS. O vestibular tradicional acontece duas vezes por ano, uma no primeiro semestre e outra no segundo semestre. O PAS é uma forma alternativa de seleção de candidatos aos cursos de graduação oferecidos pela Universidade de Brasília, o candidato é avaliado em três etapas, ao final de cada ano do ensino médio, e ao final somam-se todas as notas e o aluno é habilitado ou não para o curso que escolheu.

O PAS, segundo o documento de apresentação, disponibilizado em seu *site*, tem o seguinte objetivo: implantar um processo seletivo para os cursos de graduação da UnB alicerçado na integração da educação básica com o ensino superior, visando à melhoria da qualidade do ensino em todos os níveis, com base no princípio de que a vida escolar deve-se caracterizar um *continuum*. E os seguintes objetivos específicos:

- Selecionar os futuros estudantes universitários de modo gradual e sistemático, não como o produto de um único exame seletivo episódico, mas como a culminância de um processo que se desenvolve ao longo do ensino médio;
- Definir os parâmetros de um processo seletivo que busque a avaliação da aprendizagem significativa, em que se privilegie a reflexão sobre a memorização, a qualidade sobre a quantidade de informações, o ensino sobre o adestramento, o processo sobre o produto;

- Adotar como eixo estruturador da avaliação a contextualização e a interdisciplinaridade, com ênfase no desenvolvimento de competências e habilidades.

Diante dos objetivos citados, entendemos que o Programa de Avaliação Seriado – PAS da Universidade de Brasília está próximo ao que propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino médio, principalmente quando cita que em sua avaliação tem como eixo estruturador a contextualização, a interdisciplinaridade, com ênfase no desenvolvimento de competências e habilidades e aprendizagem significativa.

Ainda segundo o documento de apresentação do Programa de Avaliação Seriado, os professores da escola pública e privada do ensino médio participaram juntamente com os professores da Universidade de Brasília, da elaboração dos conteúdos a serem avaliados para o ingresso nos cursos de graduação, através de comitês chamados de *ad hoc*, eles selecionaram conteúdos relevantes para a formação do cidadão, com a convicção de que o aluno fosse avaliado pela aprendizagem significativa desses conteúdos, findando o mito da 'obrigatoriedade' de se trabalharem conteúdos impostos pelo processo de seleção para o ingresso no ensino superior.

Sobre esse assunto, Ferreira (2002, p.76) afirma em seus estudos que "a história se repete e é possível constatar que o ensino médio se torna alvo de todo tipo de influência", pois os conteúdos servem de parâmetros para as provas, tanto do ENEM, quanto do PAS e do vestibular, e acabam por determinar como o trabalho pedagógico desenvolvido e avaliado na escola.

Desde 1995 o governo federal vem avaliando as instituições, o desempenho dos alunos e dos cursos, o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM é uma das avaliações externas nacionais, essas avaliações nacionais não estão restritas ao campo pedagógico, é antes de mais nada político, traduzindo orientações de políticas de governo e seus interesses, se transformando em um instrumento de controle do Estado e ainda reduzindo 'a complexidade do processo educativo apenas ao que é mensurável' (FERREIRA, 2002 *apud* AFONSO, 2000).

O ENEM foi implantado em 1998, e segundo o Documento Básico-ENEM/99 (1999, p. 6 *apud* FERREIRA, 2002, p. 75) tem como objetivo 'avaliar o desempenho do aluno ao término da escolaridade básica, para aferir o desenvolvimento das competências fundamentais ao exercício da cidadania' e como finalidade estimular a discussão e a implementação da reforma do ensino médio tendo como referência os

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os textos que sustentam a organização curricular do ensino médio em áreas do conhecimento, as matrizes curriculares e de referência para o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e a LDB 9394/96 esta última traz em seu texto a determinação que a União organizará o processo de avaliação do rendimento escolar para todos os níveis de ensino.

Além disso, seus resultados podem ser utilizados para o acesso ao mercado de trabalho, cursos profissionalizantes ou à Universidade, criando uma alternativa ao vestibular, atualmente muitas Instituições privadas de ensino utilizam dela para que o aluno ingresse no ensino superior, através do programa de governo – ProUni – e algumas instituições públicas.

1.4 Tendências Pedagógicas

Para uma melhor discussão sobre a prática pedagógica em educação é importante verificarmos as tendências pedagógicas, ou seja, em que se fundamenta a ação docente? A autora Mizukami (1986) aborda quatro diferentes tendências pedagógicas, as quais denominam de abordagens, tradicional, comportamentalista, cognitivista e a sóciocultural.

Libâneo (1990) classifica as tendências pedagógicas em duas abordagens: Pedagogia Liberal e Pedagogia progressista. Na Pedagogia Liberal tem-se: a tradicional, a renovada progressista, a renovada não-diretiva e a tecnicista. Já na Pedagogia Progressista foi agrupadas as tendências: libertadora, libertária e crítico-social dos conteúdos. Libâneo (1990, p.20-21) ressalta ainda que “as tendências não aparecem em sua forma pura, nem sempre são mutuamente exclusivas, nem conseguem captar toda a riqueza da prática concreta”, mas de qualquer forma sua classificação e descrição podem servir de instrumento de análise do professor para avaliar sua prática em sala de aula. O texto que segue será uma explanação acerca de cada uma das abordagens segundo Libâneo e Mizukami.

Libâneo (1990) afirma que o termo liberal não é sinônimo de avançado, democrático ou aberto, nesse caso o termo surgiu como justificativa do sistema capitalista que defendia a liberdade e os interesses individuais na sociedade baseada na propriedade privada dos meios de produção. Para o movimento liberal, a escola tem a

função de preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, conforme as aptidões individuais.

O processo de ensino-aprendizagem segundo Mizukami (1986) na abordagem tradicional, também chamada de liberal tradicional por Libâneo (1990), não está fundamentada implícita ou explicitamente em teorias empiricamente validadas, mas em sua prática educativa e transmissão através dos anos. Segundo essa mesma autora os estudiosos defensores da abordagem tradicional como Snyders (1974), defende que o ensino tradicional é ensino verdadeiro, pois conduz o aluno ao contato com as grandes realizações da humanidade, como obras-primas da literatura e da arte, aquisições científicas atingidas pelos métodos mais seguros. Os especialistas são privilegiados, os modelos e o professor é o elemento imprescindível na transmissão de conteúdo (MIZUKAMI, 1986 *apud* SNYDERS, 1974).

O adulto nessa abordagem é considerado um homem "pronto" e acabado, e o aluno um 'adulto em miniatura', que precisa ser atualizado. O ensino é sempre centrado no professor, voltado para que é externo ao aluno, como o programa, as disciplinas, o professor, e "o aluno apenas executa prescrições que lhe são fixadas por autoridades exteriores" ((MIZUKAMI, 1986, p. 8).

Outro defensor segundo Mizukami (1986) é Saviani (1980) este propõe que o papel do professor é garantir que o conhecimento seja conseguido, independentemente do interesse e vontade do aluno, onde esse talvez por si só não pudesse manifestá-lo espontaneamente, sem o professor suas oportunidades de participação social estariam reduzidas.

O homem nesta abordagem é considerado uma tábula rasa no início de sua vida. É um receptor passivo de informações que ainda desconhece, e que "irá conhecer através de informações que lhe serão fornecidas e que se decidiu serem as mais importantes e úteis para ele" (MIZUKAMI, 1986, p. 8).

O mundo é externo ao indivíduo e ele vai se apropriando de uma compreensão cada vez maior à medida que se confronta com "os modelos, os ideiais, as aquisições cientificas e tecnológicas, raciocínios e demonstrações, teorias elaboradas através de séculos" (MIZUKAMI, 1986, p. 9).

Para Mizukami (1986) os objetivos educacionais encontram-se relacionados aos valores apregoados pela sociedade na qual se realiza. Através dos programas os níveis culturais são adquiridos pela educação formal. Provas e exames são necessários para constatar que o mínimo cultural exigido para cada série foi adquirido pelo aluno e a

reprovação do aluno passa a ser necessária quando esse mínimo não é atingido naquela faixa. Além disso, nessa sociedade o diploma é tomado como instrumento de hierarquização dos indivíduos, que pode ser considerada fundada num saber, no conhecimento da verdade.

O conhecimento dessa abordagem é de que "a inteligência ou qualquer outro nome dado à atividade mental, seja uma faculdade capaz de acumular/armazenar informações. A atividade do ser humano é a de incorporar informações sobre o mundo" (MIZUKAMI, 1986, p. 10). Ao sujeito atribui-se "um papel insignificante na elaboração e aquisição do conhecimento", competindo apenas "memorizar definições, enunciados de leis, sínteses e resumos do que lhe são oferecidos no processo de educação formal a partir de um esquema atomístico" (MIZUKAMI, 1986, p. 11).

A educação segundo Mizukami (1986) na concepção tradicional é restrita à escola, e é entendida como instrução, que tem como característica a transmissão do conhecimento. A escola é o lugar por excelência onde se realiza a educação, restringindo-se a maior parte do tempo a um processo de transmissão de informações em sala de aula.

A escola é lugar onde se raciocina, tem um ambiente físico austero para que o aluno não se distraia, o ato de aprender é uma cerimônia e acha necessário o professor se manter distante dos alunos, a escola não é considerada como a vida, mas fazendo parte dela (MIZUKAMI, 1986).

No processo ensino-aprendizagem a ênfase é dada segundo Mizukami (1986, p. 13) "as situações de sala de aula, onde os alunos são 'instruídos', e 'ensinados' pelo professor". A educação é subordinada à instrução, e a aprendizagem do aluno como um fim em si mesmo, os conteúdos e informações tem que ser adquiridos e os modelos imitados. As matérias de estudo de acordo com Libâneo (1990, p. 24) "são determinadas pela sociedade e ordenadas pela legislação".

A crítica a esse modelo afirma Mizukami (1986) é com relação à intervenção, esta visa apenas à atuação de um dos pólos, no caso o professor.

O ensino tradicional por ocorrer em aquisição de informações e de demonstrações transmitidas, gera reações estereotipadas, de automatismos, denominado hábitos, que são aplicáveis somente as situações idênticas e que foram adquiridos, com isso o aluno acaba possuindo apenas a compreensão parcial, do que 'aprendeu', essas reações estão sempre ligadas a uma expressão simbólica, que pode ser verbal, algébrica ou numérica (MIZUKAMI, 1986).

É um ensino preocupado com a variedade e quantidade de noções/conceitos/informações e não com a formação do pensamento reflexivo. O ensino acaba tendo pura receptividade. As tarefas de aprendizagem quase sempre são padronizadas, o que acaba por recorrer à rotina para que seja conseguida a fixação de conhecimentos/ conteúdos/informações (MIZUKAMI, 1986).

Segundo Mizukami (1986) a relação professor-aluno é vertical, tendo o professor o poder de decisão quanto à metodologia, conteúdo, avaliação, forma de interação da aula, é reduzida a possibilidade de cooperação entre eles, pois grande parte das tarefas destinadas aos alunos exige sua participação individual. Os objetivos são escolhidos pela escola/e ou pela sociedade e não pelos sujeitos do processo de ensino-aprendizagem. O papel do professor é a transmissão do conteúdo predefinido e que constitui a finalidade da existência escolar.

Mizukami (1986) afirma que a metodologia baseia-se frequentemente na aula expositiva, o professor já traz o conteúdo pronto e o aluno se limita a escutá-lo passivamente. Quando o aluno reproduz os conteúdos de forma automática e sem variações, na maioria das vezes, indica que houve uma aprendizagem e que o produto está assegurado. Elementos da vida emocional ou afetiva são reprimidos por serem considerados impeditivos para uma boa continuidade do trabalho de ensino.

E quando o professor transmite o conteúdo pelo método expositivo, faz parecer que o magistério é uma arte centrada no professor, e não naquele que aprende. Segundo Mizukami (1986) o aluno só inicia seu trabalho intelectual, após a exposição do trabalho proposto pelo professor e o assunto é considerado terminado quando este conclui, “prolongando-se através de exercícios de repetição, aplicação e recapitulação” (Mizukami, 1986, p.16), o trabalho continua mesmo sem a compreensão do aluno e somente após uma verificação posteriormente é que o professor toma consciência desse fato.

Nessa abordagem o professor tem dificuldade de saber qual dos alunos está com dificuldades, e quando ele dá atenção a um deles o resto da turma fica isolada e não tem como saber se um aluno está necessitando de auxílio, pois quem fala é ele. Então todos seguem o mesmo ritmo de trabalho, estudam pelo mesmo material didático, repetindo as mesmas coisas e adquirindo o mesmo conhecimento.

Com relação à avaliação, esta é realizada segundo Mizukami (1986, p.17) “visando a exatidão da reprodução do conteúdo comunicado em sala de aula. Mede-se portanto pela quantidade e exatidão de informações que se consegue reproduzir”. Por

isso a utilização de provas, exames, exercícios, para que se verifique a exatidão da reprodução da informação.

Essa abordagem é bastante comum nos dias atuais, até mesmo em nossas leis da educação, ao definirem provas e trabalhos como avaliadores do conhecimento nas escolas.

Passemos agora para outra abordagem, a comportamentalista. Segundo Mizukami (1986), também chamada de liberal tecnicista por Libâneo (1990), é caracterizada pelo empirismo, considerando a experiência ou a experimentação planejada como a base do conhecimento, ou seja, o conhecimento é resultado direto da experiência. Este modelo leva em consideração a influência do meio sob o comportamento. O comportamento humano pode ser modelado e reforçado, através de recompensa e controle.

Mizukami (1986, p. 20) afirma que "o ensino é composto por padrões de comportamento que podem ser mudados através de treinamento, segundo objetivos pré-fixados". Através dos objetivos de treinamento obtêm-se as categorias de comportamento ou habilidades a serem desenvolvidas. O objetivo dessa abordagem, é que o professor possa aprender a analisar os elementos específicos de seu comportamento para ganhar controle sobre eles, para modificá-los ou desenvolver outros padrões, dependendo da situação.

A escola segundo Libâneo (1990, p. 28) funciona como "modeladora do comportamento humano, através de técnicas específicas". Mas especificamente no cotidiano, é uma educação escolar onde o indivíduo adquire habilidades para se integrar na máquina do sistema social global. "A escola atua no aperfeiçoamento da ordem social vigente" (LIBÂNEO, 1990, p. 29), ou seja, o capitalismo, articulado com o sistema produtivo, produzindo indivíduos competentes para o mercado de trabalho e a função da educação está restrita a especialistas.

Os conteúdos a serem ensinados resume-se ao conhecimento observável e mensurável, são decorrentes da ciência objetiva, eliminando dessa forma qualquer sinal de subjetividade (LIBÂNEO, 1990).

De acordo com Mizukami (1986) para os behavioristas, defensores dessa tendência, como o autor Skinner (1980), "ensinar consiste num arranjo e planejamento de contingência de reforço sob as quais os estudantes aprendem e é de responsabilidade do professor assegurar a aquisição do comportamento", (...) os "comportamentos

desejados dos alunos são instalados e mantidos por condicionantes e reforçadores tais como: elogios, graus, notas, prêmios e reconhecimentos" (MIZUKAMI, 1986, p. 30).

Para Libâneo (1990, p. 30-31) ensino na abordagem comportamentalista "é um processo de condicionamento através do uso de reforçamento das respostas que se quer obter". Se um comportamento operante é seguido por um estímulo reforçador a probabilidade de reforçamento será maior (LIBÂNEO, 1990 *apud* SKINNER 19??).

Mizukami (1986, p. 31 *apud* SKINNER 1980) afirma que através dos princípios da teoria do reforço é possível programar o ensino de qualquer disciplina, tanto o de qualquer comportamento, como o pensamento crítico e criatividade, ou seja, "a aprendizagem será garantida pela sua programação", a ênfase da proposta se dará pela organização dos elementos para a experiência curricular.

Na relação professor-aluno, segundo Libâneo (1990), o professor é um elo de ligação entre a verdade científica e aluno, cabe ao professor empregar o sistema instrucional previsto. Ambos são expectadores da verdade objetiva. A comunicação entre eles tem um sentido exclusivamente técnico, sendo somente a de garantir a eficácia da transmissão do conhecimento.

O ensino nessa abordagem, de acordo com Libâneo (1990, p. 30-31) é "um processo de condicionamento através do uso de reforçamento das respostas que se quer obter". Essa abordagem embora tenha sido bastante reforçada no final da década de 60 na a formação de técnico para trabalhar nas indústrias, ainda é muito comum nas escolas, como por exemplo, os elogios aos alunos por serem bem comportados ou realizarem a atividade proposta, reforçando dessa forma o comportamento esperado.

Outra tendência é a definida por Mizukami (1986) como cognitivista e por Libâneo (1990) como tendência liberal renovada progressivista, na qual os conteúdos são estabelecidos a partir de experiências que o sujeito vivencia através dos desafios cognitivos que lhes são colocados, dá-se mais valor aos processos de como o indivíduo chegou ao saber do que ao saber propriamente. É valorizada a pesquisa, a descoberta, o estudo, as atividades respeitam a natureza do aluno e as etapas de seu desenvolvimento. É priorizado o trabalho em grupo, para o desenvolvimento mental.

O professor não está no centro do processo ensino-aprendizagem, ele só aparece para dar suporte ao aluno. A criança deve ter um desenvolvimento livre e espontâneo, ele só intervém para dar forma ao seu raciocínio, a idéia é aprender fazendo. O aluno deve ter uma boa vida em grupo, a relação entre professor e aluno é harmoniosa. Aluno

disciplinado segundo Libâneo (1990, p. 26) é aquele que é “solidário, participante, respeitador das regras do grupo.”

A motivação vem de dentro do aluno, através de uma estimulação externa do ambiente. Os principais defensores dessa abordagem são Decroly, Dewey, Piaget e Montessori. Esse método segundo Libâneo (1990) é bastante difundido em escolas particulares, como o método Montessori e o ensino baseado na psicologia genética de Piaget na educação pré-escolar.

Além da Pedagogia Liberal, Libâneo (1990) trata também da Pedagogia Progressista, que é uma Pedagogia de lutas sociais, com finalidades sociopolíticas da educação, que embora não há como se institucionalizar na sociedade capitalista conseguiu se manifestar em espaços educativos não-formais, junto ao povo, dentre elas estão a libertadora, a libertária e a crítico social dos conteúdos. A versão libertadora e libertária tem como base educativa a valorização da experiência vivida, a idéia de autogestão pedagógica, são antiautoritarismo e só fazem sentido junto ao povo, numa educação não-formal e a crítico-social dos conteúdos diferente das outras, prima pelos conteúdos confrontando-os com as realidades sociais, apresentaremos a seguir somente a crítico-social dos conteúdos e a libertadora, pois são as que podem se aproximar mais do ensino médio.

A tendência progressista libertadora, não defende o ensino escolar, sua marca é a atuação não-formal, embora haja educadores engajados no ensino formal que vem adotando os pressupostos dessa pedagogia. Através da realidade apreendida e conscientizada somos capazes de atuarmos nela e transformá-la socialmente, o conteúdo é gerado a partir da problematização da vida dos educandos, o método de ensino se dá pelo diálogo, e o conhecimento dá-se entre educador e educando e vice-versa (LIBÂNEO, 1990).

Mizukami (1986) apresenta também a abordagem sócio-cultural, esta afirma que a relação professor-aluno é horizontal e não imposta, o diálogo “é desenvolvido e ao mesmo tempo são oportunizadas a cooperação, a união, a organização, a solução em comum dos problemas, e os alunos participarão do processo junto com o professor” (p. 99).

E a avaliação segundo Mizukami (1986) é a auto-avaliação e/ou a avaliação mútua, neste processo tanto o professor como os alunos saberão quais são suas dificuldades e progressos.

Já a tendência progressista crítico-social dos conteúdos segundo Libâneo (1990) o papel da escola é difundir os conteúdos, mas não conteúdos abstratos, mas que façam parte das realidades sociais dos alunos, e a escola é valorizada, pois contribui para eliminar a seletividade social e tornar-se democrática.

Segundo Libâneo (1990, p. 40) a metodologia "o objetivo é privilegiar a aquisição do saber vinculado às realidades sociais", com isso é preciso que o conteúdo faça correspondência ao interesse dos alunos, "e que estes possam reconhecer nos conteúdos o auxílio ao seu esforço de compreensão da realidade (prática social)" e "os métodos partem da relação direta com a experiência do aluno, confrontada com o saber trazido de fora" (p. 40)

O conhecimento segundo Libâneo (1990) resulta de trocas estabelecidas na interação entre o meio e o sujeito, sendo o professor o mediador. Em relação a interação professor-aluno, o papel do adulto é insubstituível, mas o aluno participa do processo. O aluno busca a verdade ao confrontar sua experiência com os conteúdos e modelos sociais expressos pelo professor e este possui mais experiência acerca das realidades sociais, lhe cabendo o papel de mediar. Nesta tendência o aluno se reconhece nos conteúdos e modelos apresentados pelo professor e amplia sua própria experiência.

Para uma aprendizagem significativa o professor verifica aquilo que o aluno já sabe, e em seguida precisa compreender o que os alunos dizem ou fazem, e o aluno precisa compreender o que o professor está lhes dizendo, a aprendizagem se dá no momento em que o aluno supera sua visão parcial e confusa e adquire uma visão mais clara e unificadora (LIBÂNEO, 1990).

A avaliação não se dá como julgamento definitivo e dogmático do professor, mas como uma comprovação para o aluno de seu progresso em relação as noções mais sistematizadas (LIBÂNEO, 1990).

Além dessas tendências há também a abordagem sóciointeracionista. Segundo Oliveira *et al* (2004) nessa abordagem a aprendizagem se realiza na interação com o outro, por meio da internalização, a partir de um processo anterior de troca que possui uma dimensão coletiva. Então um processo interpessoal se transforma num processo intrapessoal.

A avaliação nessa abordagem ocorre no espaço relacional e dialógico com o outro envolvendo aspectos como:

- O aprendente, com suas funções cognitivas e aspectos afetivos (valores, atitudes, emoções) e os níveis de conhecimento (potencial e real).
- O ensinante e a sua visão do processo, o que ele desejava ensinar, suas expectativas e aspirações.
- A interação que ocorre entre ambos (modalidades, ritmos, recursos mediadores, a ação sobre a zona de desenvolvimento proximal do aprendente e do ensinante, já que ambos aprendem neste processo.
- O processo ensino – aprendizagem como um todo, incluindo o seu "envoltório" sócio – histórico (meta – avaliação). (OLIVEIRA;CAPELLO; REGO; VILLARDI, 2004).

As tendências são muitas e cada uma tem suas características que dão impulso ao aprendizado e cada uma está ligada ao um determinado momento histórico, e é importante ressaltar que as escolas não possuem tendências puras, de acordo com Libâneo (1990, p. 20-21) "as tendências não aparecem em sua forma pura, nem sempre são mutuamente exclusivas, nem conseguem captar toda a riqueza da prática concreta."

CAPÍTULO II
METODOLOGIA DE PESQUISA

Este capítulo tem por objetivo apresentar a metodologia da pesquisa adotada neste estudo de pesquisa. Nele, abordamos o tipo de pesquisa escolhida, no caso a qualitativa de cunho exploratório, as escolas, os participantes escolhidos, os instrumentos utilizados para a coleta de dados, o caminho percorrido para a obtenção dos dados e como eles foram analisados.

2.1 Opções teórico-metodológicas

Para a construção da metodologia deste estudo, utilizamos a pesquisa qualitativa, considerando que este tipo de paradigma teórico se adequa melhor ao problema de pesquisa escolhido. Minayo, Deslandes e Gomes (2010) afirmam que a pesquisa qualitativa busca compreender e interpretar a realidade. Sendo assim, o objeto de estudo do pesquisador qualitativo são as relações, os valores, as atitudes, as crenças, os hábitos e as representações. A matéria-prima é a vivência, a experiência e o cotidiano, portanto, a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares "com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado" (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2010, p.21).

Para facilitar a compreensão sobre a pesquisa qualitativa, Lüdke e André (1986) apresentam cinco características básicas. São elas:

- A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.
- Os dados coletados são predominantemente descritivos.
- A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto.
- O "significado" que as pessoas dão as coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.
- A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo (p. 11-13) .

Por meio das características citadas anteriormente, observamos que, na pesquisa qualitativa, o pesquisador possui um contato direto com o ambiente e a situação investigada. Ela é também considerada um estudo "naturalístico" (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), pois não há manipulação intencional do pesquisador do fenômeno estudado, ou seja, os problemas estudados no ambiente ocorrem naturalmente. O material obtido é

rico em descrições e o pesquisador deve estar atento para que um maior número de detalhes que venham complementar seus dados. A preocupação é maior com o processo do que com o produto, pois o pesquisador deve analisar como o problema se manifesta nas atividades, no cotidiano escolar, por exemplo. Nesse tipo de estudo, o pesquisador pode obter pontos de vista do(s) participante(s) que o observador externo não consegue, porque ele tem acesso às respostas dos participantes sobre as questões que estão sendo abordadas. O pesquisador deve, portanto, segundo Lüdke e André (1986), ter acuidade ao revelar os pontos de vistas dos participantes, checando ou discutindo abertamente com ele.

Por outro lado, os pesquisadores da abordagem qualitativa, segundo Lüdke e André (1986), não pretendem comprovar hipóteses definidas antes do estudo, elas vão se formando e se consolidando a partir da inspeção dos dados.

A pesquisa exploratória, de acordo com Gil (1999), é realizada especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e/ou torna-se difícil para o pesquisador formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. De todos os tipos de pesquisa esta apresenta menor rigidez no planejamento e é desenvolvida com o objetivo de proporcionar uma visão geral, do tipo aproximativo, acerca de determinado fato.

Os instrumentos escolhidos para a coleta de dados deste estudo foram entrevistas semi-estruturadas com professores, alunos e gestores e a análise documental do Projeto Político Pedagógico das instituições de ensino escolhidas para complementar informações dos participantes deste estudo.

A entrevista semi-estruturada, de acordo com Lüdke e André (1986), permite ao entrevistador fazer adaptações necessárias a partir de um roteiro que não é rígido, pois é mais adequado para pesquisas deste tipo, uma vez que não se trata de obter resultados uniformes dos entrevistados, nem uma comparação para estatísticas. Além disso, este tipo de entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações caso seja necessário, o que não ocorre com outros instrumentos, como o questionário por exemplo.

Na entrevista semi-estruturada com os participantes obtivemos informações sobre suas concepções de educação, de educação de qualidade, resultados das avaliações externas: Programa de Avaliação Seriada (PAS), vestibular tradicional das Universidades Federais e o Exame Nacional do Ensino Médio ENEM, a função da escola para esses profissionais e alunos, a partir de três roteiros de perguntas que se encontram anexados ao final deste trabalho, sendo um para cada segmento (apêndices I, II e III). Procuramos construir os roteiros com quase o mesmo número e as mesmas

questões para termos uma visão mais equilibrada dos participantes e as entrevistas foram gravadas na íntegra.

A técnica de análise documental, segundo Ludke e André (1986, p. 38 *apud* PHILIPS, 1974) é a leitura de "(...) quaisquer materiais escritos que possam ser utilizados como fonte de informações sobre o comportamento humano", instituições, comunidades, entre outros.

Na análise documental procuramos verificar informações sobre a missão das instituições de ensino, a metodologia de ensino, o processo de avaliação, a gestão da escola e mais algum outro dado que fosse relevante e compararmos com as respostas dadas pelos participantes, quando fosse necessário esclarecer aspectos importantes para o fenômeno estudado aqui.

2.2 Contexto da Pesquisa

Participaram deste estudo, três instituições de ensino da rede particular que oferecem ensino médio na cidade de Brasília. Foram escolhidas por apresentar os melhores desempenhos no vestibular da Universidade de Brasília, de acordo com as propagandas divulgadas em *outdoors* e *sites* da *internet*, bem como representações sociais na comunidade do Distrito Federal de um modo geral.

Ressaltamos que para preservar a identidade das instituições participantes, as identificamos como: instituição de ensino A, B e C.

De acordo com o Projeto Pedagógico da instituição de ensino A, esta teve início em 1969 e destinava-se a preparar estudantes para os exames vestibulares e ofertava educação de jovens e adultos, por meio do ensino supletivo. Com a crescente demanda de estudantes houve a necessidade de ampliar as instalações físicas, e em 1975, foi inaugurada a primeira etapa de sua sede na Asa Sul. Como a instituição já dispunha de melhores instalações físicas, de um quadro de professores e pessoal técnico-pedagógico com muita experiência em cursos preparatório para exames vestibulares, foi iniciado o atendimento aos estudantes de 2º grau. Dessa forma a instituição foi aperfeiçoando as instalações físicas, com laboratórios de Física, Química, Biologia e informática, salas de projeção, biblioteca e quadra poliesportiva.

Em 1991, para atender as solicitações da comunidade essa instituição iniciou a oferta do ensino de 1º grau, hoje ensino fundamental. No ano de 1995, com o objetivo de oferecer um ensino de qualidade, deixou de ofertar ensino supletivo e preparatório para o vestibular e ampliou o atendimento do 1º e 2º graus. Em 1998, implantou o

Programa de Qualidade da escola que avalia continuamente os processos inerentes ao ensino, à aprendizagem e os envolvidos no processo.

A instituição oferece ensino fundamental de 9 anos de 1º a 9º ano e ensi no médio, a partir de 2007. Os dois níveis de ensino são oferecidos no turno matutino, sendo que do 1º ao 9º ano ocorre no horário entre 7h30 às 12h e o ensino médio de 7h15 às 12h35, as aulas de educação física e língua espanhola ocorrem no turno vespertino.

A instituição de ensino B não nos disponibilizou seu Projeto Político Pedagógico, por isso, algumas informações descritas aqui foram retiradas do *site* da escola. O início desta instituição é bastante semelhante ao relato da instituição anterior. Em 1965, estudantes de medicina e médicos em São Paulo fundaram um pequeno curso preparatório para as faculdades de medicina dessa região. O sucesso dos alunos nos concursos vestibulares foi grande. A partir de 1966, o grupo investiu na qualidade da educação, transformando o curso na maior instituição de ensino do país. Em 1970, o grupo de professores com a intenção de desenvolver um ensino mais abrangente, implantou o ensino médio e em 1974 abarcou a educação infantil e o ensino fundamental. Segundo informações do *site* da instituição, o ensino médio tem como meta formar cidadãos críticos e atuantes na sociedade em que estão inseridos, bem como preparar o aluno para enfrentar com segurança o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e exames vestibulares mais concorridos e desafiadores. Entretanto, o *site* não traz informações detalhadas sobre suas outras unidades, como por exemplo, a de Brasília.

Já o Projeto Político Pedagógico da instituição C informa que esta instituição foi criada em 1996, como um curso pré-vestibular de Matemática no Distrito Federal, e após três anos de comprovada experiência, a equipe resolveu complementar o ensino médio regular. Em 2005, ampliou sua atuação, incluindo o ensino fundamental. Atualmente a escola oferece o ensino fundamental do 1º ao 9º ano e o ensino médio, os dois funcionam no turno matutino, o primeiro de 7h40 às 12h40 e o segundo de 7h20 às 12h50.

Observamos que as três instituições tiveram início como cursos preparatórios para concursos vestibulares e defendem como qualidade da educação desde sua fundação o êxito na preparação de seus alunos para essas avaliações externas.

2.3 Participantes do Estudo

Participaram deste estudo, quinze sujeitos das três instituições de ensino descritas no tópico anterior. De cada instituição, participaram um(a) gestor(a), dois professores(as) que atuam no ensino médio e dois alunos(as) do 3º ano do ensino médio. Totalizando seis professores, seis alunos e três gestores. Esses sujeitos foram escolhidos aleatoriamente, conforme a disponibilidade nas instituições participantes.

Para situar melhor nossos participantes, descrevemos algumas características deles, ressaltamos que seus nomes e o das instituições de ensino são fictícios para preservar suas identidades. As instituições de ensino foram identificadas por A, B e C e os participantes por um nome, conforme o que segue:

Instituição de ensino A

O professor Antonio tem 37 anos de idade, é formado em Geografia, possui 11 anos de experiência no magistério e o mesmo tempo com o ensino médio. Fez cursos de formação continuada, uma Especialização em Formação Sócioeconômia do Brasil e outra em Gestão de Perícia Ambiental. O professor Augusto tem 50 anos de idade, é formado, também, em Geografia e trabalha, nesta instituição, como Coordenador Pedagógico e professor substituto no 3º ano. Tem 26 anos de experiência no magistério e o mesmo tempo com o ensino médio, possui diversos cursos de aperfeiçoamento e algumas especializações, uma delas, em Climatologia.

A gestora Amélia tem 48 anos de idade, exerce a função de Diretora Pedagógica do ensino médio, com formação acadêmica em Pedagogia, possui 15 anos como gestora do ensino médio e cursos de formação continuada: pós-graduação em Administração Escolar e Psicopedagogia.

A aluna Adriana tem 17 anos de idade, ao concluir o ensino médio pretende concorrer a uma vaga para o curso de Nutrição na Universidade de Brasília. Ela se considera uma boa aluna, pois, nunca reprovou no ensino médio. Está participando do PAS, e irá realizar também o vestibular tradicional e o ENEM. O aluno André tem 17 anos, pretende ao concluir o ensino médio, cursar Engenharia Civil na Universidade de Brasília. Está participando também do PAS, do vestibular tradicional e do ENEM.

Instituição de ensino B

O professor Bruno tem 37 anos de idade, é formado em Letras-Inglês, possui 10 anos de experiência no magistério e 7 deles como professor do ensino médio. Não possui curso de formação continuada na área, mas fez outra graduação em Psicologia. Já a professora Beatriz, tem 41 anos de idade, é Argentina, ministra aula de Espanhol, é formada em seu país em Letras-Espanhol e no Brasil, em Letras-Português. Possui 12 anos de experiência no magistério, e o mesmo tempo de magistério no ensino médio. Têm cursos de formação continuada, inclusive uma pós-graduação em Língua e Literatura Espanhola e Hispano-Americana e o curso de Magistério com habilitação em Educação de Adultos realizado na Argentina.

A gestora Betânia tem 33 anos de idade, exerce a função de Coordenadora Pedagógica da instituição, com formação acadêmica em Pedagogia, está há 2 anos como gestora do ensino médio e possui Pós-graduação em Psicopedagogia.

A aluna Brenda tem 17 anos de idade e pretende cursar Ciências Econômicas na Universidade de Brasília ao concluir o ensino médio, nunca reprovou no ensino médio, está participando do PAS, do vestibular tradicional e do ENEM. A aluna Bianca tem 17 anos, pretende cursar Medicina na Universidade de Brasília quando concluir o ensino médio, não está participando do PAS porque não sabia se iria permanecer em Brasília, e não participou do ENEM, porque perdeu a data de inscrição, só irá concorrer ao vestibular tradicional.

Instituição de ensino C

O professor Caetano tem 51 anos de idade, possui duas formações acadêmicas, a primeira em Pedagogia e a segunda em Letras-Português. Tem 18 anos de magistério e há 14 anos ministra aulas para o ensino médio, possui alguns cursos de formação continuada entre eles: a especialização *Lato Sensu* em Literatura Brasileira. Já o professor Carlos tem 33 anos, é formado em Ciências Biológicas, possui 13 anos de magistério e igual tempo de magistério no ensino médio, com relação aos cursos de formação continuada possui uma especialização em Geoprocessamento, e está concluindo o mestrado em Gestão Ambiental.

A gestora Cássia tem 35 anos. É psicóloga e exerce a função de Coordenadora Pedagógica da instituição há seis anos e quatro deles tem se dedicado a gestão do ensino médio, possui curso de formação continuada uma pós-graduação em Gestão Educacional.

A aluna Carina tem 17 anos, pretende cursar Arquitetura na Universidade de Brasília, nunca reprovou no ensino médio, está participando do PAS, do vestibular tradicional e do ENEM. A aluna Carla tem 17 anos também e pretende cursar Psicologia na Universidade de Brasília, e está participando do PAS e do vestibular tradicional. Não participou do ENEM, considerando que se tivesse uma boa classificação, só poderia ter acesso a este curso fora do Distrito Federal, portanto, não lhe interessa.

Ressaltamos que todos os professores entrevistados dão aulas em suas respectivas áreas de formação nestas instituições de ensino pesquisadas.

Dos seis alunos entrevistados, cinco estão participando do Programa de Avaliação Seriada (PAS) oferecido pela Universidade de Brasília, exceto a aluna Bianca, da instituição B que só irá prestar o vestibular tradicional. Em relação ao vestibular tradicional todos os alunos irão participar do concurso oferecido da Universidade de Brasília. E quatro alunos fizeram a prova do Exame Nacional do Ensino Médio, exceto as alunas Carla e Bianca, a primeira porque '*não há como ingressar na graduação de uma universidade pública no Distrito Federal por meio do ENEM*, portanto não tem interesse e a segunda porque perdeu a data da inscrição.

2.4 Procedimentos de Construção de dados

Para realizar este estudo, foi necessário utilizar diversos procedimentos de construção de dados, considerando que a pesquisadora não trabalha no campo educacional. Neste sentido, a pesquisa de campo em si oportunizou mais um contato com as instituições de ensino, ampliando a minha própria formação profissional.

Os procedimentos realizados foram: no dia 17/10/2011 entrei em contato com a primeira instituição de ensino pessoalmente e procurei a responsável para autorizar-me realizar a pesquisa de campo. Fui recebida pela diretora pedagógica do ensino médio e apresentei o projeto de pesquisa. Em seguida, discuti com ela sobre a possibilidade de realizar entrevistas com professores, alunos do 3º ano e um gestor do ensino médio e de ter acesso ao Projeto Político Pedagógico. Após essa conversa, ela consentiu a pesquisa em sua instituição e agendou, portanto, os horários com cada participante. Os professores foram escolhidos em função dos horários de suas aulas, ou seja, eles participariam nos horários que não estivessem em sala de aula. Já os alunos foram escolhidos pela orientadora pedagógica, aleatoriamente.

No dia 18/10/2011, entrei em contato pessoalmente com a segunda instituição, como a Diretora Pedagógica do Ensino Médio não se encontrava no momento, conversei com a Coordenadora Pedagógica do Ensino Médio que me entregou os contatos da Diretora Pedagógica do Ensino Médio. Retornei o contato por telefone com a Diretora Pedagógica, ela informou-me que só seria possível realizar as entrevistas com os participantes na primeira semana de novembro, diante disso descartei a possibilidade de fazer a pesquisa nesta instituição, pois não havia como ser na semana indicada, por conta do tempo.

Diante disso, entrei em contato com outra instituição, pessoalmente, procurando a Coordenadora Pedagógica do Ensino Médio, ela recebeu-me, expliquei sobre a pesquisa e da necessidade de realizar entrevistas com professores e alunos do terceiro ano do ensino médio e um(a) gestor(a) e de conhecer o Projeto Político Pedagógico da instituição de ensino. Ela concordou, com as entrevistas e agendou os horários com cada participante de acordo com seus horários disponíveis.

Após a escolha das instituições que concordaram em participar da pesquisa em tempo hábil dei início às entrevistas.

No dia 20/10/2011, entrevistei as duas gestoras – uma Diretora Pedagógica e uma Coordenadora Pedagógica - da primeira e segunda instituições respectivamente.

No outro dia (21/10/2011) pela manhã, entrevistei dois professores da segunda instituição e à tarde dois alunos da primeira instituição.

Em seguida, entrei em contato por telefone com outras duas instituições de ensino para escolher a terceira para a pesquisa e conversei com seus respectivos Coordenadores Pedagógicos, agendando para uma conversa sobre a possibilidade de realizar a pesquisa. Uma das instituições só poderia receber-me no dia 24/10/2011, às 9 horas, em função da realização do ENEM que iria ocorrer dia 23/10. A outra agendou para dia 24/10/2011 às 10:10 horas, pois este era o único horário disponível.

No dia 24/10/2011, conforme agendado com a terceira instituição, compareci, às 9h da manhã, ao encontro com a gestora. Ela foi muito receptiva e logo escolheu duas alunas. Em seguida, indicou um professor que estava em horário vago, logo após foi sua vez. Por último, indicou o outro professor que tinha terminado de ministrar sua aula e estava com horário vago. Assim, na mesma manhã consegui entrevistar todos os participantes desta instituição

Como já havia conseguido a terceira instituição, agradeci as outras duas - uma que estava agendada para o início de novembro e a outra que estava agendada para o dia 24/10 às 10h10 – por telefone.

No dia 25/10/2011, realizei as entrevistas com dois alunos da segunda instituição e fui informada pela Coordenadora Pedagógica da instituição que não seria possível ter acesso ao Projeto Político Pedagógico da instituição, pois a Diretora Pedagógica da instituição não autorizou.

E no dia 26/10/2011, completei as entrevistas com os dois professores da primeira instituição.

Em relação à receptividade para responder aos instrumentos de pesquisa, podemos ressaltar que tanto as instituições quanto os participantes foram muito receptivos e todos colaboraram muito para este estudo de pesquisa.

2.5 Procedimentos de Análise de dados

Neste estudo de pesquisa, a análise dos dados e discussão dos resultados foi realizada, a partir do material fornecido pelos participantes: professores, gestores e alunos nas entrevistas semi-estruturadas realizadas com cada um deles em três instituições de ensino e alguns dados do Projeto Político Pedagógico dessas instituições com o auxílio dos estudiosos utilizados no referencial teórico deste estudo.

Inicialmente, o nosso procedimento foi transcrever todas as entrevistas realizadas com os participantes na íntegra para conhecer o material e planejar a organização das categorias, buscando identificar as concepções dos participantes acerca da educação de qualidade, coerência entre o projeto de educação de qualidade das escolas escolhidas e o que os profissionais evidenciam em seus discursos, construção do projeto político pedagógico, a interação professor-aluno, a metodologia, as avaliações dos alunos e a preparação dos alunos para avaliações externas como PAS, vestibular tradicional e ENEM e a função social da instituição de ensino, a preparação dos jovens para ingressar no mundo do trabalho e a consciência cidadã, bem como desenvolve o pensamento crítico, a formação ética e a autonomia intelectual dos alunos.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, realizamos a análise dos dados e discussão dos resultados obtidos nas entrevistas semi-estruturadas com professores, gestores e alunos e a análise do Projeto Político Pedagógico das escolas participantes, complementando as informações prestadas pelos participantes.

A análise dos dados e discussão dos resultados realizada levou em conta um roteiro de entrevista semi-estruturado para cada participante, professor, gestor e aluno. Em seguida, lemos individualmente cada resposta, interpretando os depoimentos de cada participante e depois lemos em conjuntos para avaliar segundo os pressupostos teóricos que orientaram este estudo.

Ressaltamos que os nomes dos participantes e das instituições são fictícios para preservar suas identidades. As instituições foram identificadas por A, B e C e os participantes pelas siglas (G) Gestora, (P) Professor (a) e (A) aluno, seguidos por um nome e suas idades, conforme quadro abaixo:

Quadro 1

Participantes da pesquisa

Instituição A		**Instituição B**		**Instituição C**	
Gestora	(G) Amélia, 48 anos	**Gestora**	(G) Betânia, 33 anos	**Gestora**	(G) Cássia, 35 anos
Professor Geografia	(P) Augusto, 50 anos	**Professor Letras-Inglês**	(P) Bruno, 37 anos	**Professor Letras-Português**	(P) Caetano, 51 anos
Professor Geografia	(P) Antônio, 37 anos	**Professora Letras-Espanhol**	(P) Beatriz, 41 anos	**Professor Biologia**	(P) Carlos, 33 anos
Aluno	(A) André, 17 anos	**Aluna**	(A) Brenda, 17 anos	**Aluna**	(A) Carina, 17 anos
Aluna	(A) Adriana, 17 anos	**Aluna**	(A) Bianca, 17 anos	**Aluna**	(A) Carla, 17 anos

Os assuntos foram organizados nas seguintes categorias:

- **Concepções dos participantes sobre a educação de qualidade.**
- **Por que os participantes acreditam que a instituição em que trabalham e estudam tem uma educação de qualidade?**
- **As tendências pedagógicas nas instituições**
- **As instituições de ensino e a preparação dos alunos para as avaliações externas (PAS, ENEM, vestibular tradicional)**
- **Os alunos, a instituição que em estudam e as expectativas em relação ao ingresso no ensino superior**
- **O processo das avaliações externas e o trabalho pedagógico**
- **As avaliações externas e a educação de qualidade nas instituições participantes deste estudo**
- **O Projeto Político Pedagógico das instituições**
- **A função da escola, a cidadania e o ingresso no mundo do trabalho na concepção dos participantes**
- **As instituições de ensino e a formação ética, a autonomia intelectual e o pensamento crítico dos alunos**

A partir dessas categorias, iniciamos a análise dos dados e discussão dos resultados.

3.1. Concepções dos participantes sobre a educação de qualidade

Com esta categoria, buscamos compreender a concepção de educação de qualidade dos participantes deste estudo. E obtivemos os seguintes depoimentos:

Inicialmente, a gestora e os professores da instituição de ensino A concebem a educação de qualidade aquela que:

Gestora: *(...) deve favorecer ao aluno o desenvolvimento integral, desenvolver a parte acadêmica, desenvolver também a parte emocional e a parte social (...)* (G Amélia, 48 anos)
Professores: *Deve oferecer ao aluno, uma formação é... não só acadêmica mas também pensando na questão profissional, na questão de ética, na questão da formação do cidadão como um todo, não pensando apenas no exame vestibular, né , mais sim na formação dele como um todo* (P Antonio, 37 anos) (...) *Educação de qualidade se faz primeiramente com comprometimento, do corpo docente, como dos alunos de forma geral. E a escola tem que ter uma estrutura, não só uma estrutura física, para poder oferecer esse tipo de educação(...) a educação de qualidade está diretamente relacionada com o compromisso das escolas e dos governos, sobretudo dos gestores da educação, em relação à aplicabilidade das leis que são criadas numa relação à temática (...) geralmente criam-se regras, normas muito mais flexibilizando e facilitando o processo para o aluno, então ele acaba estudando cada vez menos e acaba havendo um comprometimento da qualidade* (P Augusto, 50 anos).

Gestora e professores da instituição de ensino B:

Gestora: *Deve oferecer subsídios para que ele* (aluno) *possa pensar e elaborar o pensamento deles, tanto o que os professores iniciam quanto o que os alunos buscam, também não ficar só preso dentro da sala de aula, tem que fazer o aluno ser crítico para buscar mais informações, não se contentar só com o que é ensinado na escola ir além daquilo* (G Betânia, 33 anos).
Professores: *Educação de qualidade é oferecer para os alunos realização pessoal e completá-los para a vida na sociedade* (P Beatriz, 41anos)

Para ser de qualidade tem que ser transformadora, incrementar a rotina do aluno, a vida do aluno, (...) promovendo todo esse ambiente de transformação, de mostrar a realidade, eu acho que o correto seria até em algumas matérias é possível você trabalhar até in loco, oferecer a realidade para o aluno, por exemplo, as aulas de química, ir a rodoviária do plano, veem onde o povo passa e joga lixo no chão, transformar aquela coisa (...) quando a gente estuda, a gente quer mudar a realidade, fazer um curso superior, fazer uma graduação, aquilo tem que transformar alguma coisa na minha vida, tem que acrescentar, pois senão não tem o porque (P Bruno, 37 anos).

Gestora e professores da instituição C:

Gestora:

Educação de qualidade é aquela que visa o todo do aluno, (...) então eu acho que a qualidade do ensino começa lá na educação infantil, lá no ensino fundamental deveria ter uma base mais sólida lá, para que o aluno não sofresse tanto no ensino médio, porque é o momento que ele sofre muita pressão, e tem que ser cobrado no vestibular um todo que ele aprendeu em uma vida inteira em três anos, então eu acho que a qualidade de ensino ainda falta muito para alcançar o objetivo (G Cássia, 35 anos)

Professores:

Metodologia, perspectivas associadas ao que o mercado exige, (...) qualidade e quantidade, muitas aulas, presença de humanidade, educação paralela ao saber constituído, acho que basicamente é isso (P Caetano, 51 anos)

(...) *ela tem que ser uma formação mais completa possível, então além do que a gente já tem hoje que é uma formação formal de sala de aula, de uma matéria muito expositiva, dentro do que eu julgo três campos,que são as ciências exatas, inclui aí a biologia, as humanas e as artes, eu acho que falta um pouquinho, uma formação um pouco mais não sei como chamar mas do dia-a-dia, então ter uma parte de economia, de direito, essas coisas que o profissional quando sair do ensino médio vai enfrentar , ele fazendo um ensino superior ou não e que a gente não tem noção nenhuma no ensino médio, (...) como falta também eu acho que um pouco mais o lado mais humano da história, fazendo uma comparação os Estados Unidos quando um cara quer ir para o Ensino Superior, ele tem o currículo dele avaliado, então se ele fez trabalho voluntario, se ele participou de um esporte, uma equipe, os trabalhos extra escola formal que ele fez, e aqui a gente não incentiva muito isso, aqui eu digo o Brasil,(...) Brasil a gente tem uma escola muito formal, eu costumo chamar o ensino médio do país como adestramento, você ta adestrando para fazer o vestibular, ponto, você não oferece pro aluno nenhum crescimento a mais que esse, não que esse não seja importante, mais eu acho que é por aí(...) então a qualidade acho que a gente tinha que alcançar uma formação da pessoa, então , completo, sua plenitude* (P. Carlos, 33 anos).

Analisando os depoimentos das gestoras é possível constatar que, a concepção da gestora Amélia sobre educação de qualidade diz respeito ao desenvolvimento integral, não só acadêmico, mas também emocional. Essa concepção se aproxima do que Rosa (2008 *apud* GOLEMAN, 1995) defende quando afirma que o mais importante é "educar" as emoções, ter uma Inteligência Emocional, intrapessoal e inter pessoal, e também ao Paradigma Psicanalítico, destacado por Sandrini (1994) que a escola não deve só desenvolver a dimensão intelectual, mas a emoção e o sentimento, estabelecendo um equilíbrio entre essas dimensões.

Já gestora Betânia destaca que é oferecer subsídios para que o aluno possa pensar e elaborar seu pensamento, fazer o aluno ser crítico e buscar informação fora da sala de aula, Gadotti (2009) salienta que educação de qualidade não é só reprodução de conteúdos, mas a criação de conhecimentos, por meio da pesquisa, da leitura, da reflexão, e que não aprendemos somente na escola, pois somos seres programados para aprender. Para a gestora Cássia, a qualidade não deve estar só no ensino médio, mas deve começar na educação infantil, e no ensino fundamental o aluno deve desenvolver uma base sólida para o vestibular, para que não sofra tanto no ensino médio, com isso a gestora associa qualidade ao preparo para o vestibular. Sobre esse assunto, Paro (1999 e 2000) ressalta que devido ao paradigma do "credencialismo", educadores e educandos preocupam-se mais com exames e aprovações do que com a apreensão do saber e com o gosto pelo conhecimento, aliando-se como meta principal preparar para o mercado de trabalho ou para o vestibular universitário.

Os professores Antonio e Caetano destacam que deve oferecer uma educação não apenas acadêmica, voltado apenas no exame vestibular, mas pensar na questão profissional, na formação ética, cidadã e nas perspectivas associadas ao que o mercado exige, ou seja, preparação o para o trabalho. Esses depoimentos se aproximam do que os Parâmetros Curriculares Nacionais e a atual Lei de Diretrizes e Bases salientam, isto é, a educação deve preparar para o trabalho, para a cidadania e para a continuidade dos estudos posteriores.

O professor Carlos destaca que a educação de qualidade deve ser a mais completa possível, tanto em relação aos conteúdos, como humana e cidadã, com relação a isso, Paro (2007) ressalta que "a qualidade da educação oferecida deve referir-se à formação da personalidade do educando em sua integralidade, não apenas na aquisição de conhecimentos em seu sentido tradicional" (p.34) o que concorda com nossa

concepção de qualidade da educação, pois não está levando em conta apenas os conteúdos curriculares, mas a formação do integral do aluno.

Já o professor Augusto ressalta que educação de qualidade é cobrança, tanto do professor como do aluno, e que não se alcança a qualidade quando o aluno estuda cada vez menos. Com esse depoimento entendemos que sua visão aproxima-se da concepção tradicional de educação, que segundo Sandrini (1994) o fator mais valorizado é o conteúdo e sua transmissão, por exemplo, o ensino vai bem quando os alunos sabem tudo ou não sabem nada, quando os professores são exigentes e conteudistas.

Para o professor Bruno, a educação deve fazer sentido para transformar a realidade, o que segundo Gadotti (2007 *apud* FREIRE, p. 42) "educar é sempre impregnar de sentido todos os atos da nossa vida, é entender e transformar o mundo e a si mesmo."

A professora Beatriz destaca que é oferecer para os alunos realização pessoal e completá-los para a vida em sociedade.

Para os alunos educação de qualidade é:

Instituição de ensino A

Alunos:

Uma educação que realmente ensine, (...) que ensine coisas que realmente vão fazer diferença na vida do estudante não um monte de decorebas, porque tem um monte de escolas ensinando só a matéria as formas, sem focar em coisas realmente importantes. (A. André, 17 anos)

(...) que não é decoreba, mais ... pra você ... aprender sim e num .. ficar uma pessoa assim tão ignorante (A. Adriana,17 anos)

Instituição de ensino B

Alunas:

Primeiro bons professores, professores que não ensinam assim é naquele método tradicional, mas que é ... como é que eu posso dizer, interagem mais com os alunos, não só que ensinem tradicional, interagir acho com o aluno é importante, ver, acompanhar o aluno de perto pra ver se ele ta aprendendo o que é bom (A. Brenda, 17 anos)

Bom educação de qualidade, tem que ... primeiro ela tem que conhecer o aluno para criar um método e acompanhar se ele ta progredindo ou não a partir daquele método, senão mudar, e ... ver a

evolução do aluno porque ele pode aprender um pouco, ter dificuldade em algumas matérias tanto que sempre tem que ter esse acompanhamento que nem todo mundo pega a matéria tão fácil.(A. Bianca, 17 anos)

Instituição de ensino C

Alunas:

Educação de qualidade é quando os alunos conseguem captar tudo o que os professores transmitem para os alunos. (A Carina, 17 anos)

(...) mostrar o básico, aprofundar no que é realmente necessário.[E o que seria realmente necessário?] *para mim o necessário agora seria passar no vestibular*. (A Carla, 17 anos)

Os alunos André e Adriana destacam que deve ser um ensino que faça sentido, não um método "decoreba", mas para aprender, o que se aproxima da ideia de Gadotti (2009), quando este destaca que a informação deve fazer sentido.

A aluna Carla menciona que qualidade é quando o professor mostra o básico e se aprofunda no necessário, que para ela é passar no vestibular e a Carina é quando os alunos conseguem captar tudo o que o professor diz. Já a aluna Brenda é quando tem bons professores e estes acompanham o aluno de perto para ver se ele está aprendendo o que é bom e a aluna Bianca ressalta que primeiro ela tem que conhecer o aluno para criar um método e acompanhar se ele está progredindo ou não, senão mudar porque o aluno pode aprender ou ter dificuldades para aprender, ou seja, para todas as alunas a qualidade está relacionada ao que o professor busca construir de conhecimento para que elas aprendam. Esses depoimentos estão próximos ao do professor Augusto, ou seja, concepção tradicional de educação de qualidade onde o conteúdo transmitido é mais valorizado (SANDRINI, 1994)

3.2. Por que os participantes acreditam que a instituição em que trabalham e estudam tem uma educação de qualidade?

Nesta categoria, o nosso objetivo era saber se os participantes consideravam a instituição em que trabalhavam e estudavam de qualidade e por quê? Aqui separamos os depoimentos dos participantes por instituição para ter uma visão mais clara sobre esta

temática. No decorrer da discussão, vamos mostrar os pontos que se aproximam ou não. Obtivemos, então, os seguintes depoimentos:

A gestora e os professores da instituição de ensino A argumentam que:

Gestora: *Sim, primeiro a escola tem uma preocupação muito grande em selecionar os profissionais, que atuam aqui, (...) nos procuramos garantir que eles tenham um trabalho diferenciado, então nos oferecemos diversos projetos diferentes, (...), nossa carga horária é diferenciada a partir da 6º serie, eles têm 6 horários, a partir do ensino médio eles têm 7 horários de aula, fora esses horários eles têm em turno contrario laboratórios de língua portuguesa, matemática, física, química, biologia, eles têm também, é.... plantões de dúvidas em turnos contrario, então tudo aquilo academicamente que é possível de ser oferecido para que aquele aluno se desenvolva e tenha bons resultados, a escola oferece, fora isso outros projetos por ai que envolvem os alunos também* (G Amélia, 48 anos).
Professores: *Acredito, pela questão de não ser só apenas uma escola conteudista, uma escola que trabalha também com pesquisas, com desafios, trabalhos em grupo, então assim ela acaba sendo preparada por muito trabalho e parte desse muito você tem um vestibular, você tem o programa de avaliação seriada do PAS da UNB e acaba abarcando como um todo e não só uma parte* (P Antonio, 37 anos). *Sim, justamente em questão desse aspecto, nós temos um modelo que é essencialmente conteudista, tudo bem, existe um lado humano, mas a escola é conteudista, é uma escola tradicional, conteudista, que cobra, cobra, o aluno tem que estudar, tem que estudar mesmo, caso contrário não vai ser promovido para a série seguinte. E a estrutura que a escola oferece é de primeira qualidade, com laboratórios, oficinas, aulas extras, revisões. Tudo isso disponibilizado pela escola* (P Augusto, 50 anos).

Gestora e professores da instituição de ensino B:

Gestora: *Sim, com certeza, porque nosso material, ele é muito rico(..) busca sempre atualizar, não se limita a um livro, também manda buscar em sites, (...) já passa para os alunos onde ele pode encontrar outras*

fontes de informações e é muito dinâmico, em termo de imagem, formas de ensinar não é um livro maçante digamos assim(...) (G. Betânia, 33 anos).
Professores: *Claro...primeiro é uma escola que tem uma tradição mais de 20 anos, e assim, em números ela sempre foi uma escola que pela comunidade de Brasília, o bom é quanto mais se passa no vestibular da UnB, então tradicionalmente, isso é uma qualidade (...) Isso quer dizer o seguinte que está focado de acordo com os anseios da comunidade de Brasília* (P Bruno, 37 anos). *Eu acredito que sim porque,... não somente eu estou interessando-me pelas questões da minha matéria, eu vi também o material de todas as outras e comparei com o meu, o ensino médio realmente tem uns livros próprios da escola que são muitos bons fantásticos tem uma lógica, uma dinâmica, trabalha muito, não trabalha abrindo o livro da primeira a ultima página tem módulos para serem trabalhados, dinâmicos e também para os professores indicação muito boa.* (P Beatriz, 41 anos).

Professores e gestores da escola C:

Gestora: *Sim, (...) porque justamente ele pega esses os pontos fracos do aluno no ensino médio, o aluno que tem alguma dificuldade, ele tem um sistema monitorado, monitoria, plantão de atendimento individual, (...) o aluno não tá conseguindo acompanhar a turma, ele vem no turno contrário, (...), esse método aqui ensina os alunos a aprender a estudar e depois ele consegue sozinho sem problema algum* (G. Cássia, 35 anos).
Professores: *Certamente que sim, mas eu penso, ratificando isso que falei, que a gente tem preocupação com o conteúdo, mas com outras condições fundamentais para esses adolescentes, para esses jovens se situar na vida, formação cidadã, observar o outro, sair um pouco do particular e se interar do contexto, a seriedade com que a gente desenvolve as aulas, uma grade forte, nesse sentido, muitas disciplinas, formação acadêmica docente adequada* (P. Caetano, 51 anos). *Sim, eu acho que a escola oferece um ensino de qualidade porque ela tenta alcançar a formação completa, então a gente tem as aulas formais, que são muito puxadas, muito pesadas até porque a gente*

> *enfrenta aqui em Brasília um dos vestibulares mais difíceis do país, que é o da UnB(...) e além disso, o colégio abre espaço para os professores oferecerem projetos extras dentro de cada área, então por exemplo eu sou biólogo, todo ano tenho um projeto de sustentabilidade (...). Tem outros professores que oferecem trabalhos voluntários, então vão à creches, vão a asilos oferecer uma mão amiga para essas pessoas, que as vezes precisam mais que a gente, o colégio acaba abrindo essa possibilidade, para formar um pouco mais o cidadão e aqui no médio não, por falta de tempo, mas no fundamental já começou o plano de colocar matérias que eu falei que estavam mais próximas a realidade, (...) então eu considero que a escola oferece um leque para professores trabalharem com os alunos e com isso com certeza melhora a formação do aluno* (P. Carlos, 33 anos).

Ao analisarmos os depoimentos acima, podemos constatar que a gestora da escola A, Amélia, ressalta que a qualidade da escola está relacionada à seleção de bons profissionais, à carga horária que a escola oferece que é maior a partir do 6º ano e a outros projetos que envolvem os alunos e o professor Augusto concorda com a gestora quando afirma que é porque a escola oferece no turno contrário aulas nos laboratórios, plantões de dúvidas, revisões. Entretanto o professor Antonio se posicionou em discordância entre o professor Augusto e a gestora Amélia, pois o primeiro afirma que a escola é de qualidade por não ser somente conteudista. Ele argumenta que há outras atividades tão importante quanto os conteúdos, isto é, desafios, pesquisas, trabalhos em grupo e o professor Augusto assevera que a escola, embora tenha um lado humano, é, essencialmente, conteudista em relação à escola ter uma qualidade voltada para o conteúdo, Sandrini (1994) afirma que está dentro de um paradigma clássico da qualidade da educação, mais especificamente na concepção tradicional de educação.

Ao observarmos os discursos dos participantes da escola B é possível verificarmos que a gestora Betânia e a professora Beatriz concordam que o material didático seja o principal responsável pela qualidade da escola. Esse discurso está próximo também à tendência tradicional, pois dão mais ênfase aos conteúdos (SANDRINI, 1994).

Já para o professor Bruno, a qualidade da escola está relacionada ao fato da quantidade de aprovados no vestibular da UnB, pois responde aos anseios da comunidade local, com isso segundo ele, a escola acaba focando de acordo com o que a comunidade espera dela. Este discurso pode ser explicado pelo que a autora Wellen

(2005) comenta em seu estudo, com o neoliberalismo, ocorre a mercantilização da educação e com isso a escola privada torna-se uma empresa nos moldes capitalistas, tendo a necessidade de demonstrar resultados, produtividade, relacionando dessa forma, por meio do número de aprovados no vestibular tradicional.

No depoimento da gestora Cássia, é possível complementar o que ela abordou em sua concepção de qualidade na primeira categoria, pois ela defende que a qualidade da escola está em abordar pontos fracos deixados no ensino fundamental e na educação infantil. Para ela, "*o ensino de qualidade começa lá na educação infantil, no ensino fundamental, (...) para que o aluno não sofresse tanto no ensino médio*", e com isso a escola consegue fazer com que o aluno aprenda a estudar sozinho, por meio do acompanhamento dos monitores que são alunos da UnB, que transforma segundo ela *" o aluno em autodidata"*.

Os professores Caetano e Carlos concordam que a qualidade da escola está relacionada à variedade do que ela oferece como: conteúdo, formação cidadã, observação do outro, seriedade no desenvolvimento das aulas e formação acadêmica adequada dos docentes, ou seja, não só conteúdo, mas formação cidadã.

Analisando agora os depoimentos dos alunos:

Instituição de ensino A

Alunos:

Sim, porque, eu acho assim eu consigo entender tudo, quer dizer mais ou menos tudo é ... uma escola que tem conseguido, ... por exemplo ... o melhor aluno no vestibular, o primeiro lugar foi da escola esse ano, não é sempre mas eles sempre ficam, sempre... normalmente ficam entre os melhores lugar tal. (A, André, 17 anos)

Sim, porque ela não é decoreba assim..., por exemplo, em geografia tava tendo mudança no código florestal eles mostram essas coisas de fora não só as coisas do livro assim sabe(...) foge um pouco disso vai mais para atualidades, ele mostrou por exemplo que o código florestal que está sendo proposto (...) vai deixar que os fazendeiros destruam bem mais (...) tão falando que o código de agora é antigo tá ultrapassado mas, eles tentam também lá na escola (...) informar sobre essas coisas que tá acontecendo no mundo. (A, Adriana, 17 anos)

Instituição de ensino B

Alunas:

Eu acho que sim, primeiro por causa do material que é muito bom,(...) e também por causa dos professores que são bons, (...) as explicações do material elas são direcionadas a pessoa que é leiga mesmo que não sabe, ele começa explicando da introdução e vai aprofundando no assunto ai você aprende, também os exercícios são bons. (A Brenda, 17 anos)

Acredito, porque, apesar de ter diminuído o número de alunos bastante... o conteúdo que eles usam, o material e os professores também, tem vários que estão aqui há anos, então eles já estão acostumados sabem como lidar com os alunos (...)o material em si é muito bom ele é bem completo ele não é que nem os livros didáticos cheios de divisão, mas ele é um pouco resumido foca mais exercícios pra ver se você aprendeu ou não. (A Bianca, 17 anos)

Instituição de ensino C

Alunas:

Sim, porque os professores são excelentes no que eles fazem, eles tem bastante experiência e eles conseguem transmitir o conteúdo de forma que a gente entenda. (A, Carina, 17 anos)

Sim, por causa dos professores, por causa do ensino que é bom. (A Carla)[...] Bom por que ele vai fazer você chegar onde quer? (Pesquisadora) [...] *Isso* (A, Carla, 17 anos)

Os alunos André(A), Adriana(A), Brenda(B), Bianca(B), Carla(C) e Carina(C) acreditam que a escola tem qualidade porque conseguem entender o conteúdo transmitido pelos professores. As alunas da instituição B complementam que o material também é muito bom, porque é completo e com muitos exercícios, o que coincide com o relato da professora Beatriz e da gestora Betânia da instituição, a partir dos depoimentos dos alunos entendemos que a concepção deles é próxima ao paradigma tradicional, no qual o conteúdo e a transmissão deles é valorizado (SANDRINI, 1994).

O aluno André também cita que a escola é de qualidade por ter conseguido o melhor aluno no vestibular, o que concorda com o professor Bruno da instituição B.

Com relação a esta categoria analisamos também a missão das escolas no Projeto Político Pedagógico e o obtivemos o seguinte:

A instituição de ensino A tem por missão: “formar cidadãos preparados para superar desafios pessoais e profissionais, além de capacitar seus colaboradores, professores e funcionários para desenvolver um trabalho eficiente, orientado sempre pelos princípios da qualidade plena, para atingir a Excelência Educacional” (p.14).

E para atingir a meta de um ensino de qualidade, a escola possui, desde 1998, um Programa de Qualidade, que objetiva avaliar continuamente todos os processos inerentes ao ensino e à aprendizagem, bem como os envolvidos no processo, possuindo as seguintes finalidades segundo seu documento:

> - Melhorar a qualidade dos serviços educacionais oferecidos à comunidade escolar;
> - Qualificar os novos profissionais na filosofia, no método e nas ferramentas de qualidade;
> - Padronizar os procedimentos operacionais, os fluxogramas e os planos de ação dos diretores, dos coordenadores pedagógicos e disciplinares, das orientadoras educacionais, dos professores e dos funcionários;
> - Implantar Sistema de Avaliação do Desempenho Profissional dos diretores, dos coordenadores pedagógicos e disciplinares, das orientadoras educacionais e funcionários;
> - Premiar professores, coordenadores pedagógicos e disciplinares, orientadores educacionais e funcionário que se destacam pelo excelente desempenho profissional semestral. (p. 30-31)

A instituição B não disponibilizou o Projeto Pedagógico.

A instituição C em seu Projeto Político Pedagógico possui como missão oferecer uma educação de excelência à comunidade brasiliense.

Ao observamos as missões das instituições e o Programa de Qualidade da instituição A, compreendemos que as instituições adotam uma Gestão de Qualidade Total em educação, onde as principais características é a busca pela diminuição dos erros e atingir a excelência, a eficiência e a qualidade plena no ensino, o que não é possível em educação (SANDRINI, 1994).

3.3. As tendências pedagógicas das instituições de ensino

A intenção com esta categoria foi a de conhecermos as tendências pedagógicas das instituições. Para isso, buscamos captar maiores informações sobre as aulas por meio das entrevistas realizadas com os participantes, como por exemplo, como era realizado o planejamento das aulas? Qual a metodologia utilizada pelos professores? Como se dava a interação professor-aluno? E com os alunos eram avaliados, ademais,

analisamos os Projetos Políticos Pedagógicos procurando identificar quais as tendências destacadas pela instituição para cumprimos os objetivos deste estudo, além disso, perguntamos aos alunos se as avaliações realizadas pela instituição de ensino em que estudavam contribuíam para seu aprendizado. Ressaltamos que foram feitas as mesmas perguntas para os alunos e professores, exceto na última, na tentativa de obtermos uma maior uniformidade a respeito da prática.

Para uma melhor compreensão e análise dividiremos as perguntas em subcategorias, e os discursos por instituições.

a) Perguntamos aos professores e aos alunos como eram dadas as aulas, se seguiam um currículo ou não?

Inicialmente, apresentamos os professores da instituição A e obtemos os seguintes depoimentos:

> Professores:
>
> *Depende muito do conteúdo,.(...)conteúdos mais fechados, exemplo, a parte física da geografia, eu sigo mais ou menos um conteúdo programático, e fico antenado no que está acontecendo no mundo. Agora acabou de acontecer um terremoto na Turquia, então a gente para pra ver as causas específicas do terremoto na Turquia, eu como trabalho com geopolítica, não posso trabalhar com um conteúdo muito engessado, somente num conteúdo programático. Então a gente tá diretamente ligado no que tá acontecendo no mundo como um todo. Então não tem um planejamento rígido, meu planejamento, ele é absolutamente flexível*. (P. Augusto, 50 anos)
>
> *Nós temos um planejamento anual, (...) temos a divisão dele em períodos, são seis períodos, nós dividimos o ano letivo, (...) temos uma diretriz que vem da secretaria de educação, (...) vamos elaborando nossos planos de aula e a aula ocorre assim, de acordo com o planejado e com as perguntas dos alunos, com as colocações, com os debates, com algumas discussões em sala a cerca de temas principalmente voltados a atualidades.* (P. Antônio, 37 anos)

Os professores da instituição B, responderam que:

Professores:

(...), o planejamento é pré estipulado, só que também tem como seres humanos em sala de aula se modificar a relação, as necessidades (...) os norteadores das minhas aulas são meus alunos, se você escutá-los você vai para frente, eu pego nas provas alguns temas que não ficaram bem firmes, eu percebi a oralidade deles, e depois sobre o tema próximo que vou dar também modifico para reforçar (...) até melhorar a aula para que fique bem esclarecidos o tema (P. Beatriz, 41 anos)

Bem, a mim é dado um material e eu planejo em cima da sequência dos assuntos que eu vou dar aula, (...) se eu não tenho um texto eu penso em um(...) (P. Bruno, 37 anos)

E os professores da instituição C, responderam que:

Professores:

Bem a gente tem um conteúdo programático que inclusive é definido pelos vestibulares, não vou nem dizer por PNCD, né? Porque o PNCD pra gente fica um pouco para trás porque as Universidades acabam definindo o que elas cobram nas provas e o nosso objetivo é fazer o aluno passar no vestibular, então isso não tem nem como fugir, então a gente tem um conteúdo programático, mas as aulas são muito dinâmicas, então acaba sempre aparecendo a curiosidade do aluno,(...) minha tendência pelo menos é, eu dou a aula daquele conteúdo x, surgiram dúvidas eu pego essas dúvidas e encaixo na próxima aula, se forem dúvidas simples é claro eu respondo na própria aula, mas ser forem uma coisa mais interessante, uma coisa que vai explorar um pouquinho mais inclusive já colocando ganchos para próxima matéria que vou falar pros próximos conteúdos, eu tento preparar um pouquinho melhor pra próxima aula, respondo o aluno, mas deixo um pouco para próxima aula, (...) trabalho com ele rapidinho até para não perder muito tempo, depois continuo o conteúdo, sempre tento fazer um gancho e como as matérias são seguidas, (...) então uma mistura dos dois tem um conteúdo programático (...) mas tem a participação dos alunos com certeza. (P. Carlos, 33 anos)

A gente tem uma espinha dorsal que já é aquele conteúdo consagrado, e a medida do possível vai fazendo uma adequaçãozinha ou outra por conta de algumas mudanças no acesso à graduação, que o processo seletivo muda né? O próprio vestibular da UnB, o ENEM ou o que seja, a gente tenta fazer adequações, mas a espinha dorsal a gente já tem a metodologia lá no começo do ano, a gente distribui pelas cinco etapas, não tem bimestres aqui são etapas, (...) a cada etapa tem que desenvolver a carga horária(...)São cinco etapas, como se fossem bimestres,mas de acordo com a cronologia se dividiu assim (...) (P. Caetano, 51 anos)

E para os alunos, perguntamos como eram dadas as aulas pelos professores, se eles sugeriam um tema e os professores traziam, se os professores seguiam um conteúdo programático. E obtivemos os seguintes discursos:

Os alunos da instituição A, responderam que:

> Alunos:
>
> *Eles seguem o que o MEC e principalmente a UnB vai trazer no PAS e no vestibular. Então é mais focado nisso que eles dão as aulas.* (A. André, 17 anos)
>
> *Geralmente ele que leva o tema.* (A. Adriana, 17 anos)

Segundo os depoimentos das alunas da instituição B, sobre as aulas dos professores:

> Alunas:
>
> *Eles seguem o cadernetão, que a gente chama, tem um a apostila que tem os módulos dividida, cada módulo tem exercícios que o professor dá em aula aí depois a gente faz os demais exercícios na coleção que é um livro que a gente não traz pra escola a gente faz só em casa os professores só usam a apostila em sala.*(A. Brenda, 17 anos)
>
> *Bom, geralmente eles seguem a ordem da apostila aí se for muito diferente do que é lá em São Paulo, o conteúdo daqui, aí eles criam uma ordem própria, eles dão prioridade ao conteúdo daqui, fazem anotações no caderno pulando alguns capítulos (...).* (A. Bianca, 17 anos)

E as alunas da instituição C, responderam que os professores:

> Alunas:
>
> *Não, eles seguem de acordo com a ordem da apostila, a gente não dá opinião sobre o que poderia ser a aula, a apostila que é montada pelos professores*. (A. Carina, 17 anos)
>
> *Os professores dão a matéria mesmo do terceiro ano e quando tem alguma aula que não vai cair no vestibular eles avisam, isso aqui não precisa, quase nunca cai no vestibular (...) são pouquíssimas coisas que eles falam que não vai cair no vestibular* . (A. Carla, 17 anos)

Diante dos depoimentos dos professores das instituições A, B e C, o que podemos constatar é que todos eles seguem um currículo, mas que estão sempre respeitando e ouvindo os questionamentos dos alunos. E os alunos responderam que eram conteúdos estipulados pelo Ministério da Educação - MEC, e o que o PAS e o vestibular da UnB exigem.

b) Perguntamos aos professores como era sua metodologia, se as aulas eram expositivas ou por meio de debates, e obtivemos os seguintes depoimentos:

Os professores da instituição A responderam que:

> Professores:
>
> *Expositivas, debates, eventualmente usamos o data show, às vezes filmes, né? Mas o carro-chefe mesmo são sempre as aulas expositivas*. (P. Augusto, 50 anos)
>
> *Normalmente são aulas expositivas, nos trabalhamos muito o apoio do resumo do quadro, com aulas de projeções no Power Point, em algumas aulas a gente trabalha as questões dos debates então no primeiro momento, início de período vamos a frente expor o conteúdo a partir daquela exposição conceitual começa a abrir alguns debates com os alunos a partir da segunda e terceira aula, primeira parte ela é conceitual, depois ela já é mais interativa no sentido do aluno participar, não só com perguntas, mas com colocações também durante a aula*. (P. Antonio, 37 anos)

Já os professores da instituição B, responderam que:

> Professores:
>
> *Bem, tem um tema que coloco no quadro, mas pela particularidade de que dou muita força à oralidade na sala de aula, é participativa, (...) e não tem como não interagir com os alunos, aliás minhas provas são respondidas todas em espanhol, então ... é...a partir da inquietude de um aluno, tanto que a gente, vem conversar com eles e tenho a chance e a abertura para conversarmos, e... me colocaram a inquietude de ter prova oral em sala e um deles falou assim, professora nos vamos prestar muito mais atenção, sabia? Ele até argumentando a importância de ter uma prova oral,(,...) temos um 3º ano a tarde, que é optativa o MEC exige, mas ele é optativo, eu tenho a alegria de ter alunos na matéria optativa com a maior responsabilidade, falam como eu estou falando português, agora! Muito melhor espanhol, eu fico muito feliz, são novinhos e já estão*

aproveitando, não precisam buscar um curso fora, com apenas uma hora/aula por semana, 50 minutos a aula. (P Beatriz, 41 anos)

(..) se eu não tenho um texto eu penso em um e naquele texto eu vou tentar primeiro ambientar os alunos, o que eles sabem sobre aquele assunto, mostro o texto, a gente faz a leitura juntos, faz um debate, vê se acrescentou alguma coisa na vida dele, se ele não sabia, discorda ou concorda, e as aulas são sempre feitas em cima de textos, então a gente prepara os textos para que o aluno tenha uma visão de mundo, e só da pra fazer isso através da leitura. (P Bruno, 37 anos)

E os professores da instituição C, responderam que:

Professores:

(...) a grande maioria das aulas são expositivas, até pelo volume de conteúdo que você tem que cumprir, exigências do vestibular, então é uma aula muito expositiva, tem espaços para perguntas, isso sempre tem, (...) agora, aulas diferentes, então uma aula só de debate, uma aula só de (...) outra atividade pedagógica elas não acontecem muito não, até porque a gente já tem, pelo menos na biologia tem um espaço que é permitido isso, que a gente tem uma aula de laboratório por semana, onde a turma é dividida em três terços, um terço é para física, um terço para biologia, um terço para química e aí quando você pega uma turma reduzida ali você tem um tempo maior para trabalhar, (...), aí gera o debate(...), e todos o semestres a gente tem uma atividade extra que o aluno vai fazer para que ele precisa de 10% para a nota dele e pode ser um vídeo onde ele vai discutir um assunto, pode ser um cartaz, pode ser uma discussão em sala, e também é um espaço que ele pode colocar as idéias dele, expressar de forma um pouco mais alongada do que no dia de aula, então assim as aulas são basicamente expositivas mesmo. (P. Carlos, 33 anos)

Se a gente pudesse colocar num valor quantitativo 70% expositivas, mas sempre naquele olhar assim numa exposição dialogada, uma exposição flexibilizada, nunca naquele distanciamento educador e educando, e com as demandas de hoje para a meninada do ensino médio são muitas, então a gente sempre paralelamente em cima de questões, eles fizeram um movimento aí na explanada, se envolveram em alguns movimentos lá de corrupção, reivindicaram, você leva para sala de aula, pega um tema do vestibular que discuti isso ou, um possível tema que seja solicitado. (...) (P. Caetano, 51 anos)

Em análise aos depoimentos podemos constatar que as aulas de todos os professores das instituições A, B e C são expositivas, mas que há sempre um diálogo com os alunos e a participação desses.

c) Perguntamos aos professores e aos alunos como ocorria a interação professor-aluno.

Para os professores perguntamos, como era a participação dos alunos em sala de aula, como ocorria a interação professor-aluno em sua disciplina. Os professores da instituição A, responderam que:

> Professores:
>
> *A participação, o interesse deles é aí muito no conteúdo. A parte da variedade, eles são bem interessados. A parte mais tradicional da geografia a gente percebe que existe, uma despreocupação. Aos assuntos relacionados ao dia a dia, no que tá acontecendo no mundo são os que chamam mais atenção deles. Então a participação, no meu caso, que trabalho com geopolítica, geralmente a participação deles eu diria que é de boa pra excelente* (P. Augusto, 50 anos)
>
> *A partir do momento que a gente tá explicando às vezes surgem a questão da dúvida o aluno já começa a perguntar já começa interagir e a partir do momento que se fala, por exemplo, de demografia, quando vai trabalhar a questão de previdência social, envelhecimento da população muitos alunos trazem muitas informações de casa, do próprio pai, do avó, a experiência pessoal deles, assim familiar e por meio também de telejornais, dos magazines, periódicos que eles também acompanham e chegam durante a semana discutindo conosco*. (P. Antonio, 37 anos)

Os professores da instituição B, responderam que:

> Professores:
>
> *Como eu falei até agora é necessária, porque senão falar espanhol não se comunica comigo, claro que às vezes você tem que ver abaixar em pouquinho, andar mais lento, mas não significa que se você começar a correr, que todo mundo vai te alcançar você precisa ter essa visão maior, e recuperar a que fica um pouquinho atrasado, voltar as vezes assim a explicação em português, mas também eles se estimulam " nossa é isso?" contar curiosidades na sala de aula e que fazem parte né?, então eles, me perguntam, ah você de que lugar é á vida então é parte da vida real, e eu tenho uma coisa complementando na faculdade está rendendo bons frutos, eu falei*

pros meus alunos por favor vocês não são meninos são adultos vocês não façam frases da escola, façam frases reais porque se você falar assim eu estou almoçando contigo agora em espanhol, é verdade e real ? A gramática esta correta mas não significa que seja uma frase real porque estou fazendo entrevista agora, então quero que você faça frases reais para toda a vida senão nada vai te estimular, independente do horário que vocês vão estudar, se forem todas a manhãs, todas as tardes, as noites né ! E cada aluno no horário de estudo tem sua particularidade sabia? Então tudo tem que estimular senão você dorme, inclusive eu. (P. Beatriz, 41 anos)

Na minha aula a participação é essencialmente muito heterogênea, eu tenho alunos que tem um conhecimento elevado, tem aqueles que não tem nenhum pré-requisito, tem aqueles que se sentem enfadados, ou assim cansados, aqueles que são participativos, tem uns que se for pra frente, vai, se for para trás vai, se for pro lado ele ta feliz, se for fazer um trabalho ele tá feliz, ele acaba vinda a escola para passar o tempo, mas em geral tem uma participação bacana, não é total, mas também não é metade. (P Bruno, 37 anos)

E os professores da instituição C, responderam que:

Professores:

(...) a interação assim é, , (...) você chega na sala de aula, eles já vão se acomodando, sentam e a interação durante a aula é muito de pergunta – resposta, então a aula vai acontecendo e a minha dinâmica, tem professor que prefere deixar todas as perguntas para o final, eu já deixo a aula rolar e assim sempre que eles tem alguma colocação, alguma dúvida, eles tem total liberdade de levantar a mão eu passo a palavra para eles, e é interessante porque às vezes um aluno pergunta o outro já responde e aí eu falo,... seu colega já respondeu vou tocar a aula e toco porque acaba que um sabe outro sabe e até estimulo pra mostrar gente eu tenho um pouquinho mais de conhecimento, porque eu vivi um pouquinho mais eu não sou detentor de todo conhecimento, eu falo com eles assim isso aqui eu não sei vou ter que pesquisar então acho que é grato, é isso, a gente quebra um pouquinho aquele estigma de aluno raso, professor lá no pódio, tem uma troca ali, a gente aprende com o aluno, claro que a gente sabe mais pela vivência, pela formação, mas quebrar isso é legal porque eles sentem mais liberdade de se expressar de falar de conversar e ... de trocar experiências com eles e de confiar no colega, eu já estudei em escola que o colega respondia, mas eu não acredito nele, professor tinha que falar por que se não, não era o peso, e não é assim, a gente aprende com as outras pessoas. (P. Carlos, 33 anos)

É a melhor possível, logicamente não é a ideal, porque acho que esse senso aí a gente ainda precisa buscar na educação brasileira como um todo, ela ainda não é a ideal, mas no geral a gente tem uma clientela aqui interada, os meninos, eles tem clareza dos que eles querem aqui, já tem objetivos mas sempre a gente precisa de tá chamando atenção para isso não se perder, mas acho que é a melhor

possível (...) tem uma participação qualitativa, muito menino de terceiro ano tem uma maturidade que você que já está com uma prontidão necessária para fazer uma graduação, as vezes menino de 2º ano, nesse último vestibular do meio do ano alguns meninos do 1º ano passaram, um pouquinho mais do 2º e os do 3º também, então as vezes a gente consegue. (P. Caetano, 51 anos)

E para os alunos perguntamos: como era a participação deles nas aulas? Como ocorria a interação professor-aluno? Os alunos da instituição A, responderam que:

Alunos:

(...) *depende da matéria, porque tem umas matérias que a gente só depois conversa, também fala com o professor, acho que depende do professor também, só se eu gosto de uma matéria é mais fácil que eu vá falar com ele, depois da sala, mas também ainda do professor, tem professor que é mais chegado aos alunos*. (A. André, 17 anos)

Tem... a hora que você pode falar com o professor e tal, tem debate ... depende da aula, depende do professor, geralmente ele explica a matéria, ai depende, tipo geografia que quando ele vai discutir essas coisas de fora, assim código florestal eles abrem pra gente debater assim. (A. Adriana, 17 anos)

As alunas da instituição B, responderam que:

Alunas:

É assim, o professor primeiro explica o assunto,... depois a gente vai fazer os exercícios(...), tem professor que já vai resolvendo entendeu, não deixa nem tempo pra gente resolver acho que falta um pouco isso, ele explicar o assunto e deixar um tempinho pra gente resolver e não ele resolver direto, (...) isso ele corrigir depois que a gente faz, eu acho melhor assim (...) é, tem professor como o de matemática por exemplo ele já faz os exercícios explicando a matéria(...) e eu acho falta da explicação entendeu, (...) depois a gente faz os exercícios em casa que é a coleção que todo mundo tem, que chama de intocáveis (...), que só faz quem estuda mesmo (...) aí quando tem alguma dúvida o professor resolve, mas poucas pessoas usam esses livros, porque assim os professores poucos deles passam o dever dessa coleção (...) o de matemática passa, o de física também passa, (...) na sala de aula agente usa o cadernetão que é um livro especifico para fazer na sala de aula. (A. Brenda, 17 anos)

Bom eu sento na frente e presto atenção porque eu tenho facilidade de aprender até dou preferência para conversar na hora do intervalo, eu raramente pergunto alguma coisa e às vezes eu respondo, mas respondo baixinho, a professora não escuta mais é

tranqüilo (...) ou espero ele terminar e as vezes na própria explicação já responde ou então se for algum exercício de exatas eu vou pra monitoria.(...)(A Bianca, 17 anos)

E as alunas da instituição C, deram os seguintes depoimentos:

Alunas:

Eu não participo muito porque, não sei eu tenho um pouco de vergonha de perguntar, mas quem participa é geralmente muito bem respondido, os professores insistem até a pessoa entender o conteúdo. (A. Carina, 17 anos)

Acho que como qualquer outra escola os alunos prestam atenção na aula (...) quando alguma dúvida de algum aluno é gerada ali, ele pergunta aí o professor responde, e tem gente que coloca sua opinião, a gente nunca faz uma aula só para debates, (...) às vezes na aula de redação isso acontece, mas eles passam mais exercícios. (A. Carla, 17 anos)

Para os professores das três instituições embora não sejam todos os alunos participantes das aulas, os professores consideram que os alunos têm uma boa participação, interagindo com eles durante as aulas, o que pode ser confirmado também nos depoimentos de todos os alunos, pois eles afirmam que não participam sempre, e segundo a aluna Carina, quem participa é sempre muito bem respondido.

Agora analisaremos as tendências próximas aos professores entrevistados, por instituição.

De acordo com os depoimentos dos professores Antonio e Augusto e dos alunos André e Adriana, da instituição A, as aulas seguem o currículo da Secretaria de Educação, havendo a possibilidades de participação dos alunos, com debates e opiniões.

Verificamos que os professores Antonio e Augusto se aproximam da Pedagogia crítico-social dos conteúdos, que segundo Libâneo (1990) a difusão dos conteúdos é primordial, não são conteúdos abstratos, mas que estão ligados à realidade social.

O trabalho docente desse professores relaciona a prática vivida pelos alunos com os conteúdos propostos, o que é possível verificarmos no discurso do professor Antonio "(...) *quando vai trabalhar a questão de previdência social, envelhecimento da população muitos alunos trazem muitas informações de casa, do próprio pai, do avó, a experiência pessoal deles, assim familiar e por meio também de telejornais, dos magazines, periódicos que eles também acompanham e chegam durante a semana*

discutindo conosco", e também no discurso do professor Augusto " (...) *a parte mais tradicional da geografia a gente percebe que existe, uma despreocupação. Os assuntos relacionados ao dia a dia, o que está acontecendo no mundo são os que chamam mais atenção deles (...)"*, que segundo Libâneo (1990, p. 40) "é preciso que os métodos favoreçam a correspondência dos conteúdos com os interesses dos alunos, e que estes possam reconhecer nos conteúdos o auxílio ao seu esforço de compreensão da realidade".

Para os alunos Andre e Adriana, os professores seguem o conteúdo do PAS e do vestibular da UnB e a interação com os professores depende do professor. Têm professores que são dão mais abertura aos alunos do que outros.

No discurso do professor Bruno, da instituição B, observamos que fica claro que a tendência mais próxima à sua prática é a pedagogia crítico-social dos conteúdos, pois ele primeiro procura instigar o que o aluno sabe sobre o tema para depois fazer a construção de conhecimento com o aluno verificando se houve a aprendizagem. Sobre isso Libâneo (1990) ressalta que, o saber parte de uma relação direta com a experiência do aluno, o conhecimento novo se apóia numa estrutura cognitiva já existente, o professor é o mediador, mas tanto ele como o aluno devem colaborar para fazer progredir essas aprendizagens. O aluno participa da busca da verdade confrontando com sua experiência e o conteúdo do professor. Este último deverá disciplinar os métodos de estudo, exigir o esforço do aluno, propor conteúdos e modelos compatíveis com suas experiências vividas para que o aluno se mobilize para uma participação ativa(LIBÂNEO, 1990)

Pelo discurso da professora Beatriz, também da instituição B, sua metodologia se aproxima da tendência sóciointeracionista, a qual defende que só há aprendizagem na interação com o outro (OLIVEIRA; REGO; VILLARDI, 2004), neste caso os alunos aprendem por meio da oralidade da professora, com sua experiência, pois é uma aula de língua espanhola, e a professora por sua vez disse que também aprende o português com os alunos.

No discurso da aluna Brenda, podemos identificar depoimentos de outros professores, ou seja, o professor que explica o assunto primeiro e depois os alunos resolvem os exercícios. Essa metodologia aproxima-se mais da abordagem tradicional, que segundo Mizukami (1990), o assunto é terminado quando o professor conclui a exposição, realizando logo após a explanação de exercícios de repetição, aplicação e

recapitulação e o trabalho continua mesmo sem a compreensão do aluno e somente posteriormente é possível uma verificação sobre esse fato pelo professor, o que é observável também na postura da outra aluna, Bianca, perante um professor, ela tira dúvidas não na mesma aula, mas com um professor de monitoria, além disso, os alunos resolvem em casa exercícios de um livro de conteúdo trabalhado em sala de aula, principalmente os de exatas.

E há também o professor que resolve todos os exercícios como a explicação do conteúdo e não deixa nenhum para os alunos resolverem.

Todos os participantes da instituição C concordam que é seguido o currículo da escola voltado no caso para o vestibular da UnB, e sofrem alterações de acordo com este ou com qualquer outra avaliação externa como o Enem. Com relação ao conteúdo ser de acordo com as avaliações externas, Ferreira (2002, p.76) concluiu em seus estudos que, "a história se repete e é possível constatar que o ensino médio se torna alvo de todo tipo de influência", pois os conteúdos servem de parâmetros para as provas, tanto do ENEM, quanto do PAS e do vestibular, e acabam determinando como o trabalho pedagógico deve ser organizado, desenvolvido e avaliado na escola. Sobre este assunto ressalta que é enriquecedor a proximidade da universidade com a escola de ensino médio, no caso do PAS, mas como a definição dos conteúdos é feita em função das necessidades de desempenho do aluno no vestibular "é de se esperar forte ênfase conteudista, ainda que com ênfase em distintos tipos de raciocínio lógico, transferência, etc.., mas com menor atenção a dimensões da aprendizagem voltadas para a vida geral, o mundo do trabalho, a cidadania..."(FERREIRA, 2002).

Sobre a instituição C, de acordo com os teóricos e os relatos dos participantes, pela metodologia e a interação professor-aluno os professores Carlos e Caetano estão próximos as tendências pedagogia crítico-social dos conteúdos e da sociocultural, da primeira porque são os professores que conduzem a aula, por terem mais experiência a cerca das realidades sociais e uma formação para ensinar (LIBÂNEO, 1990) e da segunda, pois o professor Carlos menciona que não é detentor do saber e que troca experiências com os alunos, e os alunos aprendem uns com os outros, e a relação professor-aluno não é imposta, é horizontal, o educador se torna educando (MIZUKAMI, 1986), o que da mesma forma o professor Caetano afirma que valoriza o diálogo com seus alunos. Mizukami(1986) afirma que na tendência sóciocultural "o dialogo é desenvolvido ao mesmo tempo em que são oportunizadas a cooperação, a

união, a organização, a solução em comum dos problemas. Os alunos, participarão do processo juntamente com o professor" (p.99).

O que podemos identificar sobre as instituições é que o currículo é guiado pelas avaliações externas, mas há discussão, diálogo, reflexão crítica sobre os temas estudados, não é apenas uma reprodução de conhecimento ou uma decoreba, um conhecimento sem reflexão, e isso pode ser explicado, pois estamos num mundo tecnológico e globalizado, onde os alunos têm contato com a tecnologia, outras fontes de pesquisa e o conhecimento não é construído somente na escola. Além disso, os pressupostos do PAS e do vestibular da UnB cobram um conhecimento interdisciplinar e contextualizado e para ter sucesso nessas avaliações, os jovens têm de demonstrar habilidades, competências e aprendizagem significativa.

Analisamos, ainda, o Projeto Político Pedagógico das instituições. Identificamos no documento da instituição A em relação às tendências pedagógicas que esta procura "apresentar coerência com o momento atual, conjugando tendências pedagógicas que possam ser complementares (teoria crítico-social dos conteúdos, teoria das aprendizagens significativas, teoria da construção de competências, entre outras" (p.16). Esse objetivo está presente no discurso dos participantes, principalmente, em relação à tendência crítico-social dos conteúdos, embora não sabemos se todos os participantes da instituição pensam assim, considerando que o nosso grupo é relativamente pequeno.

Ressaltamos que a instituição de ensino B não disponibilizou o Projeto Político Pedagógico e o que pudemos identificar sobre as tendências de alguns professores desta instituição são a tendência crítico social dos conteúdos, a sociointeracionista, a comportamentalista. E a nosso ver pode ter outras se considerar os demais professores.

Em relação à instituição C, o Projeto Político Pedagógico ressalta o seguinte, "acreditamos que, por meio de uma relação de respeito mútuo entre professor-aluno, poderemos contribuir para a formação de indivíduos autônomos. As atividades são realizadas de forma cooperativa, com a interferência provocativa do professor; assim, tanto o professor como o aluno assumem a postura de pesquisador" (p. 14), o que se aproxima da teoria crítico-social dos conteúdos, pois há uma intervenção do professor e participação ativa dos alunos, de modo a pensar sobre o conhecimento e uma há troca de saberes entre o professor e aluno (LIBÂNEO, 1990), e foi uma das tendências encontradas durante o discurso de um dos professores, além da sócio-cultural, porém

também não é possível responder por toda a instituição, pois não tivemos acesso a todos os professores.

d) A avaliação dos alunos.

Perguntamos aos professores, se os alunos eram avaliados por trabalho e provas, e o que se avaliava nas provas e trabalhos realizados pelos alunos. E obtivemos os seguintes depoimentos dos professores da instituição A:

Professores:

(...) no meu caso,(...), eu não passo trabalhos, minha avaliação é essencialmente em cima da provas, e as provas, é..., eles recebem o planejamento, seleção e planejamento do período. Além disso, a gente disponibiliza o roteiro pra eles, aquilo que ele deve mais se apegar para poder estudar para a prova, de forma a cortar aquele conteúdo que, de uma certa maneira, não tendem a ser muito relevantes. Mas são provas geralmente com 70% de questões discursivas e 30% de questões objetivas, geralmente seguindo o padrão UnB, questões tipo A, certo e errado, e questões tipo C, a,b,c e d. (P. Augusto, 50 anos)

Sim, eles são avaliados periodicamente, são seis períodos,, por uma prova ao término de cada período e por uma avaliação complementar que consiste numa avaliação qualitativa, em ternos de exercícios nos fazemos com eles durante o período com tarefas pra casa, exercícios em sala, avaliações orais, nos termos de sabatina trabalhamos com eles no mínimo duas vezes por mês, então dessa forma a gente faz parte 20% no total da avaliação ela é complementar e os outros 80% é uma prova no termino de cada período. (P. Antonio, 37 anos)

Os professores da instituição B, responderam que:

Professores:

(...), são avaliados por provas específicas (...) minha prova tem pequenos textinhos que também tem uma pontuação,(...) em cada prova, cada questão eu coloco um foco diferente, numa avalio vocabulário, outra avalio compreensão, leitura, na outra avalio se estudaram por exemplo verbos, noutra avalio, é....raciocínio lógico, são muitos .... são 8 itens 2 pontos de conceito e faço 10 pontos para a prova, então onde entra a prova oral ? eu conversei com a coordenação que me sugeriram que esses 2 pontos de conceitos seja avaliada a prova oral, então eu não vou estar olhando se o aluno ficou sentado direitinho, isso ou aquilo, não, vou ver a atitude dele na sala de aula comigo em espanhol, uma prova x pode ser um

diálogo, que me contem alguma história que me contem algo, fica livre pelo menos assim fiz a primeira e fiquei feliz porque foi um resultado bom. (P.Beatriz, 41 anos)

Bem, em cima do texto, no dia da prova não é nada diferente daquilo, eu vou pegar um outro texto ou tema que eles não sabem previamente que assunto é, vou colocar para eles, e nessa colocada, esse contexto de mundo, ele vai jogar, preparando-se para o PAS, lê o texto, infere sobre o texto, faz uma paráfrase sobre o texto, julga os itens. (P. Bruno, 37 anos)

Já os professores da instituição C, responderam que:

Professores:

(...) o primeiro ponto que se avalia é o conhecimento formal dele, do aluno naquele conteúdo, segundo, o que a gente avalia muito aqui como as provas são primordialmente discursivas, a escrita do aluno, então o colégio sentiu muito, apesar de está falando de biologia a gente faz umas correções, chama atenção para quando faz uma frase mal formulada, um texto ruim, uma caligrafia horrorosa, alguma coisa assim a gente vai tentando aparar essas arestas, e a gente tenta também detectar as dificuldades que ele tenha com o aprendizado, não é porque muitas vezes ele chega em casa estuda, passa horas estudando, mas na hora da prova não sabe, então quando a gente consegue avaliar um problema desse a gente passa pra orientação que é um trabalho mais especializado ou se for o caso a psicóloga da escola que a gente tem, aí eles vão trabalhar isso ai, mas basicamente o conteúdo formal nas avaliações (...) é as provas aqui 70% delas tem que ser discursivas, no mínimo e evitar algumas questões que a gente tem aqui, por exemplo questões punitivas um item certo anula um errado isso não acontece (...) tem geralmente as questões objetivas que a gente coloca na prova são tiradas do vestibular, as discursivas, a gente até tira uma ou outra do vestibular, como no Brasil nos temos poucos vestibulares discursivos e os que tem não são de Brasília, que a UnB adota prova objetiva agora que tem umas questões tipo D que é discursiva, mas mesmo da UnB ainda fica um texto gigante, ai seu eu for colocar uma questão da UnB e contemplar outros conteúdos da minha prova o aluno não faz a prova em tempo hábil, então da UnB a gente usa mas tem que adaptar reduzir, ou só uma parte daquela questão, mas ela é 70% discursiva e o resto objetiva mesmo (...) é de vestibulares do Brasil inteiro as vezes até e de concurso público a gente coloca. (...) (P. Carlos, 33 anos)

Bom, a minha avaliação a gente tenta fazer as questões voltadas para o que o MEC cobra, o que a UnB cobra, dentro das áreas de conhecimento que tem outra nomenclatura e que são da área de certa forma respectiva, linguagens, códigos, ciências da natureza, ciências sociais e tal, os trabalhos a gente pede ora individual, ora coletivamente, sempre texto crítico, sempre uma posição consciente desse aluno para ele discutir, para ele no processo de formação humana que se encontra para ele crescer, enxergar outras

possibilidades, as vezes o aluno da escola particular tem um olhar muito reducionista neste sentido né? De pobreza, de dificuldade econômica, sair um pouco desse lugar cômodo que é a família dele, o que de certamente vai proporcionar, mas é bom entender outras realidades. (P. Caetano, 51 anos)

Para os alunos perguntamos se são avaliados por trabalhos e provas e o que é avaliado nesses, o conteúdo dado pelo professor? Se nas provas há questões iguais aos exercícios realizados em sala. E obtivemos os seguintes depoimentos dos alunos da instituição A:

Alunos:

(...) no início desse semestre existe uma feira cultural que vale pontos também e é só ... mais é trabalho, é prova, dever de casa algumas matérias, varia um pouco de matéria para matéria, mas é basicamente isso. (A. André, 17 anos)

(...) o professor dá em sala coisas bem mais difíceis até as que vão cair na prova, pra você saber assim a mais, mesmo que não vá cair na prova assim você sabe resolver qualquer uma.(A. Adriana, 17 anos)

As alunas da instituição B, responderam que:

Alunas:

Sim, a gente faz dois testinhos e mais uma prova que são 25 questões de todas as matérias, mais uma prova específica da matéria no final do bimestre, depois tem o simulado do PAS e as vezes tem trabalhos também de artes, filosofia, agora a gente ta fazendo um trabalho dia 05 que vale pra todas as matérias é multidisciplinar (...) é um por bimestre, no final do bimestre tem um simulado(..) é geralmente a prova ela ... tem prova de física por exemplo ela é parecida com que o professor ensinou,(...) de química também é assim o que o professor ensina que cai em prova, o que presta atenção que muitas vezes ele não anota no quadro só fala a gente que fica esperto, a gente anota né, pode cair na prova, aí as provas são para quem presta a atenção mesmo nas aulas,(...) já aconteceu de uma questão que ele só falou, tem gente que você sabe como é que não copia nada da lousa. (A. Brenda, 17 anos)

Raramente trabalhos, mais provas, (...) olha a gente tem dois testes cada um com 25 questões a gente fez até um hoje (...) são objetivas de A á E e... ai a gente tem 2 horas pra fazer e tem as provas discursivas que é uma de cada matéria, esse teste tem em todas as

matérias, depois tem as provas especificas de cada matéria aí soma a média de teste mais provas que é a nota bimestral (...) biologia o professor se inspira em vestibulares da FUVEST, da UNICAMP e tudo mais, agora outros professores criam as questões (...) os simulados deles é um pouco fraco porque aqui na UnB é... são dois dias de prova, mais redação, mais questões dissertativas, mais tudo e no nosso simulado você tem 150 itens objetivos (...) não é muito parecido não. (A. Bianca, 17 anos)

E as alunas da instituição C, responderam que:

Alunas:

Só prova e trabalho. Geralmente os trabalhos eles avaliam sua capacidade de pesquisar, transmitir conhecimento, como tendo pesquisado sem ter tido aula com o professor, as vezes..., e as provas, como que você reproduz aquilo que você viu na sala de aula. Tem muitas questões iguais às das apostilas. (A. Carina, 17 anos)

O que ele deu em sala,(...) são parecidos, algumas, acho que metade da prova são exercícios parecidos com os da apostila, dos livros e outras eles buscam em outros vestibulares, não necessariamente só de Brasília, de São Paulo, Rio, e outras também eles criam. (A. Carla, 17 anos)

De acordo com os depoimentos dos participantes das instituições A, B e C é possível captarmos que as avaliações são a partir de provas e trabalhos. As provas são divididas em discursivas e objetivas, além das sabatinas na escola A. Da mesma forma, as provas são reproduzidas a partir de exercícios parecidos com provas da UnB, conforme discurso do professor Augusto e Bruno e de exercícios dados em sala de aula. E as alunas Adriana, Carina e Carla dizem que as avaliações contemplam questões, das apostilas. Com isso, a tendência predominante dessas instituições de ensino aproxima-se da Pedagogia Tradicional, segundo Mizukami (1986). Para a autora, a avaliação a partir dessa abordagem visa à exatidão da reprodução do conteúdo comunicado em sala de aula, o que pode ser confirmado no discurso do professor Augusto "(...) *a gente disponibiliza o roteiro pra eles, aquilo que ele deve mais se apegar para poder estudar para a prova, de forma a cortar aquele conteúdo que, de uma certa maneira, não tende ser muito relevante (...)"*. A avaliação prioriza a exatidão de informações que se

consegue reproduzir. Daí, a importância dada às provas, aos exames orais e aos exercícios (p.17).

É possível verificar no depoimento do professor Bruno, quando menciona que suas provas já vão se preparando para o PAS e dos simulados, que os alunos já estão sendo condicionados a se familiarizar com as provas do PAS. Sobre esse assunto Ricci (2001) ressalta que:

> O fato é que teoricamente a concepção psicopedagógica que se aplica na maioria dos cursos de Ensino Médio no Brasil e na quase totalidade dos cursos preparatórios ao vestibular é a base conceitual da Escola Comportamental. Esta teoria sustenta que uma pessoa, se condicionada cotidianamente, acaba agindo como o seu adestrador previa (...).

Em análise ao Projeto Pedagógico da instituição A, identificamos que a avaliação é diagnóstica, na qual é utilizada como instrumento os avanços dos estudantes, capazes de orientar e reorientar o planejamento de ensino, que deve refletir os objetivos, os fundamentos e os postulados teóricos estabelecidos no Currículo. As notas e os pontos atribuídos às provas, aos exercícios, aos testes, aos trabalhos, às tarefas de casa, às recriações de textos e aos filmes, são dados coletados para retratar a situação do estudante, do trabalho do professor e das necessidades de novas estratégias e providências a serem tomadas pela escola, numa reflexão coletiva e individual em consonância com o Regimento Escolar.

Da mesma forma a instituição C, em seu Projeto Pedagógico, ressalta que a avaliação "é encarada como um meio de fornecer informações sobre o processo ensino-aprendizagem, para que o professor conheça a eficácia de sua atuação pedagógica" (p. 14). Observamos, com isso, que a instituição C se aproxima da A quando menciona em seu Projeto Pedagógico que se "avalia com o propósito de realimentar ou reformular o processo, os métodos e recursos empregados, adequando-os às necessidades reais do aluno" (p. 14). Isto caracteriza a avaliação como diagnóstica, pois o documento destaca que "se avalia para realimentar ou reformular o processo e avaliar a prática do professor" (p.14). "A forma de se tornar confiável e satisfazer os critérios de objetividade na atribuição de notas exige a utilização de testes, provas, trabalhos de pesquisas individuais e coletivas" (p. 14).

A instituição B não disponibilizou o acesso ao Projeto Político Pedagógico.

e) **Ainda sobre o tema avaliação dos alunos, perguntamos a estes se as avaliações realizadas na instituição de ensino contribuíam para seu aprendizado.**

Os alunos da instituição A responderam que:

Alunos:

Contribui, eu tava conversando com um colega meu e ele falou que não gostava de provas e tal, devia ser um trabalho, em equipe e tal, mas assim eu acho que se não tiver prova acho meio difícil que o aluno vá..., porque a prova exige que você tire uma nota, ou seja, que você aprenda pra consegui passar de ano. Então assim, pode até existir outros modelos, mas eu acho que é o único que funciona. E também tem haver com o vestibular e o PAS que é o que a gente vai fazer pra gente entrar na universidade. (A. André, 17 anos).

Sim, porque ela faz com que a gente estude para alcançar a meta do colégio que é difícil então você acaba aprendendo, não só decorando, você tem que aprender mesmo que você não consiga fazer as coisas direito e não vai bem na prova e não alcança o objetivo do colégio (A. Adriana, 17 anos).

As alunas da instituição B responderam que:

Alunas:

Eu acho que sim porque as provas que eu tenho aqui (...), elas avaliam se você aprendeu mesmo, no outro colégio as provas eram muito fáceis, então assim, todo mundo tirava 10, aqui não ela avalia se você aprendeu o assunto mesmo (...) (A. Brenda, 17 anos).

Acho que sim não só as notas em si mais, por exemplo, eu mesma .... corro atrás, fico pegando no meu pé pra buscar o conteúdo, pra estudar e tudo mais, agora alguns alunos, por exemplo, se ganham nota baixa,... acho que não tem que vê isso como uma coisa ruim, um jeito que mostre que eles têm que melhorar e ... se eles estão ruins no colégio, é aqui que eles estão para aprender (...)(A. Bianca, 17 anos).

E as alunas da instituição C responderam que:

Alunas:

Sim, com certeza, (...) porque é um jeito de testar o nível (...) como que está o meu conhecimento e ve se eu tô realmente aprendendo e

> *tal* (A. Carina, 17 anos).
>
> *Acho que sim porque, as provas e trabalhos, ela é o único meio de você avaliar o aluno, né? Para saber se ele tá aprendendo tudo ou não* (A. Carla, 17 anos).

Todos os alunos concordam que a prova é a melhor forma de avaliar seus conhecimentos. André destaca que é por meio da prova que ele e seus colegas poderão ingressar no ensino superior, as alunas Adriana e Brenda ressaltam que as avaliações realizadas em suas escolas fazem com que realmente aprendam, não só decorem. Esta última destaca que em sua outra escola as provas eram fáceis e exigiam apenas memorização dos conteúdos. Para passar, ela e seus colegas decoravam os conteúdos e todos tiravam a nota máxima.

O que a aluna Adriana afirma pode ser confirmado no Projeto Político Pedagógico da instituição A, que identificamos o seguinte sobre a avaliação dos alunos:

> As provas, testes e atividades de natureza conteudista foi substituída por avaliações operatórias contextualizadas, nas quais há possibilidades de se perceber, além do domínio dos aspectos cognitivos, o desenvolvimento do raciocínio lógico e do pensamento reflexivo, de competências e habilidades básicas, de atitudes críticas e valores desejáveis (p.25).

A escola B não disponibilizou o Projeto Pedagógico e não foi localizado nada com relação a este assunto no Projeto Pedagógica da escola C.

A partir das análises realizadas com esta categoria, podemos destacar o que Libâneo (1990) afirma sobre as tendências pedagógicas. Para ele, as

> tendências não aparecem e sua forma pura, nem sempre são mutuamente exclusivas, nem conseguem captar toda a riqueza da prática concreta, são aliás limitações de qualquer tentativa de classificação (p. 21).

O que fizemos aqui foi uma tentativa de abordar as tendências que mais se aproximavam das classificações estabelecidas pelos autores que têm se dedicado a este tema. É possível que haja tendências não abordadas na prática desses professores, pois diante apenas dos diálogos não é possível captarmos toda a prática, inclusive classificar a escola seguidora de uma única tendência, pois cada professor trabalha à sua maneira.

3.4 As instituições de ensino e a preparação dos alunos para as avaliações externas

Com essa categoria objetivamos levantar junto ao grupo de participantes como os alunos das instituições escolhidas estão se preparando para as avaliações externas. Ressaltamos que foi realizada a mesma pergunta para todos os participantes visando obter o maior número de informações. Para analisar os depoimentos, organizamos os depoimentos por instituições. Iremos começar pelos participantes da instituição A, que responderam:

Gestora: *Essa preparação ocorre no dia-dia na sala de aula, porque fora o livro didático adotado eles recebem apostilas com questões do PAS, ENEM e da UnB, aí então o professor trabalha o conteúdo no livro didático, ele treina com questões de vestibulares, de diversos vestibulares do país e aprofunda com a apostila que eles recebem a partir da 8 º série eles já tem apostila de todas os componentes só com essas questões* (G. Amélia, 48 anos).
Professores: *Nossa escola tem como lema trabalhar a preparação dele desde o primeiro dia de aula com a questão do conteúdo, agora quando está próximo ao término do ano letivo é o caso agora em novembro, nós fazemos revisões do conteúdo ministrado ao longo do ano em ritmos de exercícios com apostila, então nós desenvolvemos exercícios com todos os conteúdos significativos, que são cobrados pelo PAS, que foram ministrados ao longo de um ano* (...). *Nós temos 4 simulados por ano a partir da 8º serie com nossos alunos, normalmente ao termino do 2º e 3º períodos 5º e 6º período* (P. Antonio, 37 anos). *Nós temos, revisões, aulas extras à tarde, aulões especiais, palestras, debates, nós temos também filmes à tarde, então uma série atividades realizadas no horário contrário às aulas que possibilitem uma preparação adequada para eles participarem desses eventos(...). Não faz parte da avaliação deles, mas a frequência geralmente gira em torno aí de 90% para cima* (P. Augusto, 50 anos).
Alunos: *Pro PAS eu to fazendo cursinho e também a escola ela se foca bastante nisso, então quando se estuda para as provas você já ta estudando pra coisas* (A. André, 17 anos). *Eu estou estudando em casa e na escola. Pra escola, as matérias passadas* (A Adriana, 17 anos).

Os participantes da Instituição B afirmam que os alunos se preparam:

Gestora: *Para o PAS, eles têm revisão uma semana antes (...). Durante as aulas, os professores estão sempre trazendo coisas além do nosso material, do PAS e coisas extras* (...). *Tem um simulado do PAS ao final de cada bimestre com 150 itens* (G Betânia, 33 anos).
Professores: (...) *eles me consultam e ajudo bastante na elaboração das questões. Mesmo assim uma aula é pouco por semana NE. Estou feliz com o resultado de interesse, eles guardam as perguntas para a próxima aula, e depois os materiais, por isso gosto muito dos materiais daqui são muito completo, muito esclarecedor, visivelmente agradáveis* (P. Beatriz, 41 anos). *Aqui, eles* (alunos) *têm as aulas, se eles não estiverem bem, pode ter aulas para reforçar o conteúdo, geralmente os alunos do ensino médio fazem a preparação em cursinhos a tarde no turno contrário, particularmente* (P Bruno, 37 anos)
Alunas: (...) *eu não estou fazendo cursinho, mas eu comprei as apostilas específicas do PAS (...) [aqui vocês recebem alguma preparação?] para o PAS especificamente não, só as leituras obrigatórias que a gente trabalha nas aulas de literatura* (A. Brenda, 17 anos) *Bom, o PAS eu não fiz porque eu não ia continuar em Brasília e ainda não sei, o ENEM perdi a data, e aí estou dependendo só do vestibular nesse ano. Eu to estudando aqui de manhã, não participei de cursinho e as vezes eu fico aqui à tarde pra monitoria ou fico em casa estudando até a noite* (A. Bianca,17 anos).

.E na instituição C, obtivemos os seguintes depoimentos:

Gestora: *(...) os alunos do 1º ano têm uma carga horária todos os dias de manhã e um dia à tarde, fora o plantão de desafios que nós temos à tarde, que é a resolução de questões para cursos mais difíceis, como medicina, arquitetura, engenharia, direito. Então assim, os alunos são preparados durante três anos para essas avaliações, nós temos as frentes (...) de matemática, de biologia, e no final do ano nessas frentes eles conseguem ver todo o conteúdo, o que muitas escolas eles não conseguem, vencer até o final* (G Cássia, 35 anos).
Professores: *A gente tem aulas no período vespertino, focadas assim direcionadas, tem plantões de desafios, tem uma apostila fora das aulas de manhã voltadas para esse tipo de demanda ou ENEM ou*

PAS/UnB ou outras Faculdades e Universidades (...) sempre no turno contrário, aí tem um material didático voltado só para isso, eles vem duas vezes na semana (P. Caetano, 51 anos). *Aqui, a preparação é ao longo do ano todo, a escola hoje virou um grande adestrador de menino para fazer prova, e a gente tenta quebrar um pouco isso, mostrando a eles que não é pra decorar o conteúdo ele tem que saber, nisso a UnB ajuda muito, porque a UnB com essas mudanças no vestibular ela tem tentado trazer o conteúdo para o dia a dia, por exemplo, um conteúdo interdisciplinar. O conteúdo vai ser dado agora, mas vai ser cobrado o ano todo, então a gente vem fazendo um crescente com ele, para que ele vá aprendendo, (...). O colégio oferece duas semana antes do PAS para ser mais específico uma revisão de toda a matéria do ano então tem um material já feito com exercícios do PAS a gente vai fazendo todas as cadeiras, (...) o colégio tem o simulado(...) com uma mistura de avaliações nossas, questões de vestibulares e eles fazem mesmo como se fosse um vestibular (...)o simulado ele entra na nota também entra na composição da média final(...)é.... eles são obrigados porque compõem a nota não é uma parte muito grande da nota (...) e ai os outros preparatórios têm o Pré-PAS que tá acontecendo no semestre inteiro, o aluno vai revisando a matéria e o Pré-vestibular (...) tem que vir fazer a matrícula é um outro produto que a gente tem* (P. Carlos, 33 anos).
Alunas: *Eu estudo em casa, todo dia, e eu faço cursinho preparatório Pré-PAS (...) noutro local* (A. Carina, 17 anos). *Eu to me preparando mais para o PAS porque o vestibular, a preparação veio desde o 1º ano, só que eu acredito que para passar no vestibular eu vou precisar muito mais. Não é só estudar, porque eu não lembro mais do conteúdo, então eu teria que fazer cursinho, só que não dá para eu fazer, a carga horária é muito alta se eu fizer, pré-vestibular, então eu to preparando muito mais para o PAS, aí eu faço Pré-PAS aqui na escola* (A. Carla, 17 anos).

Os alunos da instituição A preparam-se para as avaliações externas no dia-a-dia, desde o primeiro dia de aula, os professores trabalham o conteúdo no livro didático e os alunos estudam em apostilas fornecidas pela instituição para o PAS, ENEM e vestibular. No mês de novembro, a instituição realiza revisões para o PAS, debates, aulões especiais, palestras, filmes e atividades. O aluno André destaca que quando ele estuda para as provas normais já está estudando para as avaliações porque a instituição foca nisso. Ele está fazendo, também, cursinho para o PAS, ou seja, a instituição acompanha o conteúdo do PAS e do vestibular, os alunos resolvem exercícios de apostilas com questões de vestibular desde o 9º ano e quando o aluno estuda para a

prova da escola já está se preparando, além disso, têm alunos que fazem cursinhos fora da escola.

Já a instituição B não tem uma preparação tão intensa como as instituições A e C, mas ela prepara seus alunos com aulas, monitoria e simulados. Os professores levam material extra sobre o PAS, há revisões, o material segundo a professora Beatriz é bom, e os alunos estudam em casa com apostilas específicas compradas fora da escola, e em cursinhos como afirmou o professor Bruno.

Por meio dos discursos dos participantes da instituição C, podemos constatar que a preparação se dá na escola, com uma carga horária maior desde o 1º ano, as aulas no turno da tarde são focadas nos conteúdos das avaliações externas, há plantão de desafios nesse mesmo horário, para resolver questões mais difíceis de vestibulares. A instituição oferece duas semanas de revisão antes do PAS com exercícios, em sala. A escola oferece Pré-PAS e Pré-Vestibular, mas não fazem parte da escola, o aluno paga por fora se desejar fazer, as alunas que participaram deste estudo fazem além da escola, o Pré-PAS, uma na própria escola e a outra fora dela.

Concluímos que todas as instituições oferecem uma preparação para as avaliações externas, principalmente, exercícios, simulados, e as instituições A e C essa preparação é mais intensa e alguns alunos participam além da escola de cursinhos preparatórios.

3.5 Os alunos, a instituição que estudam e as expectativas em relação ao ingresso no ensino superior.

Para conhecer melhor os alunos perguntamos a eles no início da entrevista se eles gostavam da instituição em que estudavam e durante a entrevista que expectativas tinham em relação ao ingresso no ensino superior e obtivemos o seguinte:

Inicialmente, apresentamos o depoimento dos alunos da instituição A:

Sim, por causa dos amigos e dos professores (A. André, 17 anos) *Sim, por causa do ensino que é bom e por causa dos amigos* (A. Adriana, 17 anos)

As alunas da instituição B responderam que:

> Alunas:
>
> *Sim, porque gosto do jeito que os professores explicam... o material faz pensar e aprender* (A Brenda, 17 anos)
>
> *Sim, o modo como é passado o conteúdo, só não gosto por ter diminuído as turmas de ensino médio* (A Bianca, 17 anos)

E as alunas da instituição C responderam que:

> *Sim, porque tem bons professores e...os amigos* (A Carina, 17 anos).
>
> *Sim, porque tem professores bons, diferente de outras escolas, pesada de conteúdo e passa o que importa* (A Carla, 17 anos).

Ao analisarmos os depoimentos dos alunos podemos constatar que, os alunos André, Adriana e Carina gostam da instituição por causa dos professores, do ensino e dos amigos, já as alunas Brenda, Bianca da instituição B gostam da instituição porque o tem um jeito diferenciado de trabalhar o conteúdo, a última só não gosta de ter diminuído as turmas de ensino médio, no momento a instituição só possui uma turma de 3º ano, com 24 alunos e a aluna Carla gosta da instituição porque tem bons professores e a instituição trabalha com muitos conteúdos, passando o que é importante para ela passar no vestibular.

Perguntamos também aos alunos: que expectativas eles tinham em relação ao ingresso no ensino superior?

Os alunos da instituição A responderam que:

> *Acho que são grandes as chances, mas eu to mais confiante nesse ano, eu quero passar.* (A André, 17 anos)
>
> *Não sei... acho que vai ser bom...* (A Adriana, 17 anos)

Já as alunas da instituição B responderam que:

> *Bom é.... ter uma profissão que eu goste e que me dê uma vida confortável* (A. Brenda, 17 anos)
>
> *Eu acho que muda bastante tanto o comportamento das pessoas ao redor, quanto à maturidade, mas é uma nova etapa né ... então to um*

> *pouco ansiosa porque eu já passei aqui na escola, eu estou aqui só pra receber presença e... eu to ansiosa pra ver* (A Bianca, 17 anos)

E as alunas da instituição C responderam que:

> *Eu espero que seja... não sei... que eu veja todas as matérias que eu quero ver, que eu conheça muita gente nova, espero que não tenha greve também na UnB uma coisa assim...*(A. Carina, 17 anos)
>
> *Não sei, eu acho que... é meu futuro né?! Que ta ali, me preparar eticamente e tem que levar a sério o ensino superior, porque vai ser a minha profissão* (A. Carla, 17 anos)

Com relação às expectativas dos alunos quanto ao ingresso no ensino superior, os depoimentos foram bem diversificados, o aluno André relatou que está confiante este ano e que quer passar, frisamos que o curso que ele deseja é Engenharia Civil na UnB, a aluna Adriana não respondeu por completo a pergunta somente disse que acha que será bom, ela pretende cursar Nutrição na UnB. A aluna Brenda, ressalta que espera ter uma profissão que goste e uma vida confortável, o curso desejado é Ciências Econômicas na UnB, a aluna Bianca destaca que é uma nova etapa, em que as pessoas passam a vê-la com mais maturidade, e que está ansiosa para ingressar, o curso pretendido é Medicina, na UnB. A aluna Carina, espera ver todas as matérias que deseja, conhecer pessoas novas e que a UnB não tenha greve, o curso pretendido por ela é Arquitetura e a aluna Carla, pretende se preparar eticamente e levar a sério a graduação pois será sua profissão no futuro, o curso desejado é Psicologia na UnB.

3.6 O processo das avaliações externas e o trabalho pedagógico

Com essa categoria, buscamos compreender a visão dos participantes e o que motivou esses estudantes a atingirem resultados altos nas avaliações externas. A análise está separada por instituição, pois a pergunta foi: como a instituição consegue atingir resultados altos nas avaliações externas?

Iniciaremos pela instituição A:

Gestora: *(...) com muito investimento em bons profissionais* (...). *Essa carga horária então tudo isso aí, termina repercutindo* (....) (G. Amélia, 48 anos)
Professores: *Por meio da qualidade do ensino oferecido, por meio das avaliações, da cobrança por parte da instituição para com os alunos, que eles venham fazer um constante estudo quando se divide o ano em períodos trabalha 30, 35 dias vence um período então o aluno tá constantemente estudando, quando se trabalha por bimestre a prova bimestral, então ele vai estudar de forma mais espaçada, pois a preocupação dele é a prova. Quanto mais próximo for uma prova da outra faz com que o aluno crie um hábito de estudar e não na véspera da prova (...)* (P. Antonio, 37 anos). *A forma que o planejamento é organizado na escola por cada equipe. Então a preocupação que a gente tem em dar uma informação, uma formação integral. Mostrar ao nosso estudante que ele é um elemento não meramente participante do meio, ele é um elemento que compõe esse meio. Então entender esse meio é fundamental. Daí, a gente ter essa participação, essa aprovação elevada e ter essa participação elevada* (P. Augusto, 50 anos).
Alunos: *Acho que a escola tá bem focada nisso, e nós temos interesse também. Eu não sei se é uma boa, mas tem gente que faz cursinho também* (A. André, 17 anos) *Por causa do ensino que (...) não é só decoreba que ele tem o objetivo da gente aprender mesmo, não só decorar as coisas* (...) (A. Adriana, 17 anos).

Os participantes da instituição B apresentaram os seguintes discursos:

Gestora: *Bons professores e um excelente material e alunos, aqueles que querem né! Aqueles que querem vão atrás, eles aproveitam o material e os professores* (G. Betânia,33 anos).
Professor: *Eu acredito que é ambientando o aluno com o mesmo tipo de prova que ele vai se deparar quando for fazer essas avaliações, então se é uma prova de verdadeiro ou falso, de julgamento, então eu vou treinar o meu aluno para que ele faça isso, pego provas antigas, olha como é a visão de quem tá avaliando vocês, a visão é essa aqui, dou dicas, estuda isso, isso é importante, então nessa filosofia eles vão bem* (P. Bruno.37 anos).

Alunas:

Acho que tem muita diferença entre as escolas públicas e particulares na nota, porque tem muito haver com o material, muito material utilizado em cada instituição, o material daqui, do Sigma, do Galois são muito bons né, os materiais dessas escolas e também os professores e o salário deles é bom e eles ensinam mais também (A. Brenda, 17 anos).

Eu acho que em todo o colégio tem aqueles que brincam bastante que não levam a sério que o importante é passar de ano e... têm aqueles que buscam, porque sabem que o que aprende no colégio não vai morrer ali, mas que tem importância, porque quando tiverem na faculdade o professor não vai voltar e perguntar se tem dúvida você vai ter que se virar então ele vai saber a importância do que ele já aprendeu e usa (A. Bianca, 17 anos)

Os participantes da instituição C têm os seguintes depoimentos:

Gestora:

É fruto de muito trabalho, nós temos uma equipe muito boa, os professores são realmente preparados, professores autodidatas, foram estudantes da UnB, muitos têm mestrado, foram alunos muito preparados e passaram por toda essa pressão, então assim, além de entender os alunos, eles sabem o nível de cobrança que tem de fazer com os meninos, então os nossos alunos, o pai que paga a mensalidade da escola pode ficar tranqüilo que a intenção nossa é que ele seja aprovado numa Universidade Federal (G. Cássia, 35 anos).

Professores:

Eu acho que mais ou menos é esse equilíbrio entre um olhar conteudista e uma educação cidadã, que tenta quebrar um pouco essa concorrência, essa situação do aluno, ah eu não preciso estudar 15 horas por dia então ele não precisa estudar 15 horas por dia, certamente que a concorrência é cada vez maior, mas de outra lado há um processo formativo, tem que é interessante filosofia, sociologia, né, educação física. (P. Caetano, 51 anos)

A formação do aluno, o conteúdo formal que é dado pra ele, então a escola C foi criada por professores que já tinham experiência em sala de aula, não são como outras escolas que são administradores ou empresários, então foram professores, e o pensamento primeiro do professor foi, eu quero trazer os melhores, quando foi montada a escola C ele trouxe os melhores até pensando em valores financeiro mesmo, eu vou pagar melhor que todo mundo para trazer os melhores e foi o que aconteceu, então os professores aqui eles tem uma formação muito grande e junto as cadeiras a troca é muito rica (...) está sempre se reavaliando melhorando as aulas aí a gente acaba alcançando um nível lá em cima né, porque você se reavaliando você vai pensando melhor como você fala com o aluno,

então como as avaliações PAS, ENEM são formais, você tá avaliando formalmente o aluno, o aluno tem melhor desempenho, melhores aulas, melhores condições de estudo vai se sair melhor, é nesse ponto que a gente bate (P. Carlos, 33 anos)
Alunas: *Os alunos são muito dedicados, os professores que a gente tem são muito bons, então realmente não tem como não ir muito bem* (A. Carina, 17 anos) *Eu acho que os alunos daqui é aquele ... como eles dizem trabalho de formiguinha, é o trabalho do dia-a-dia mesmo, se você estudar um pouquinho todos os dias, você não vai precisar estudar tanto no final né?!* (A. Carla,17 anos)

A partir dos depoimentos acima podemos constatar que, a gestora Amélia e professor Augusto concordam que os bons resultados da instituição A nas avaliações externas advém do investimento que a instituição oferece aos alunos. O professor Augusto ressalta, ainda, que a instituição aconselha aos alunos explicando que estes fazem parte do meio e não são apenas um participante dele, ou seja, oferece incentivo aos alunos. O professor Antonio afirma que é a qualidade do ensino oferecido, as avaliações, a cobrança da instituição para com os alunos, o fato dos alunos estarem estudando constantemente para as provas num período de 30 a 35 dias, e não na véspera das provas, o que corrobora para uma concepção de qualidade tradicional.

Quanto aos alunos, André menciona que é porque a instituição foca nas avaliações e o interesse dos alunos e Adriana destaca que a qualidade do ensino oferecido, pois não é decoreba, mas uma aprendizagem real de conteúdos.

A gestora Betânia e a aluna Brenda concordam que são os bons professores, a qualidade do material e o interesse de alguns alunos. Já a aluna Brenda destaca que é o bom salário dos professores e o material (questões de vestibular), o que se aproxima dos participantes da instituição A, quando mencionam que é por causa do investimento feito, ou seja, o material que traz questões de vestibular e bons professores. A aluna Bianca expõe que é por causa do interesse dos alunos. Já o professor Bruno entende que é habituando o aluno ao mesmo tipo de prova que ele vai fazer nessas avaliações, dando dicas de como é a visão de quem está avaliando, treinando com as provas antigas. Sobre esse assunto Ricci (2001) ressalta que:

> O fato é que teoricamente a concepção psicopedagógica que se aplica na maioria dos cursos de Ensino Médio no Brasil e na quase totalidade dos cursos preparatórios ao vestibular é a base conceitual da Escola Comportamental. Esta teoria sustenta que uma pessoa, se condicionada cotidianamente, acaba agindo como o seu adestrador previa. (...) (p.1)

Para a gestora Cássia, os bons resultados são frutos de muito trabalho, professores preparados (ex-alunos e alunos da UnB) que entendem os alunos e sabem o nível de cobrança para com eles, a intenção da instituição que é a aprovação do aluno em uma Universidade Federal. O professor Caetano entende que é o equilíbrio entre conteúdo e educação cidadã, e ressalta ainda que na instituição há também um lado formativo, em Sociologia e Filosofia, não é apenas conteúdos. O professor Carlos julga que é a formação e o repasse dos conteúdos ao aluno e o salário dos professores. Este último item ele concorda com a aluna Brenda, da instituição B. Além disso, a boa formação dos professores e a troca de experiências entre os professores sobre suas aulas, pois estão sempre reavaliando e melhorando-as, e a avaliação formal realizada com os alunos, pois eles vão se desenvolvendo para as avaliações externas, o que se aproxima do aluno André que em um de seus discursos sobre avaliação ressalta, que os alunos devem ser avaliados por provas, pois é através delas que eles ingressarão em um curso superior. As alunas da instituição C entendem que é a dedicação dos alunos, professores bons e o trabalho do dia-a-dia, porque quando os alunos estudam todos os dias um pouco não precisarão estudar tanto na véspera da prova.

Avaliamos que os pontos destacados pelos participantes foram: a boa formação dos professores, os bons salários pagos e o trabalho realizado por eles, os conteúdos voltados para as avaliações externas, o material, os simulados, a aprendizagem dos alunos que é diferente de memorização, o interesse dos alunos e a direção do trabalho da instituição focada nas avaliações externas e atividades extras no período vespertino. Portanto, as instituições e os alunos estão bastante empenhados nessas avaliações, o que faz com que as elas tenham os resultados altos, ou seja, todo o investimento realizado pela instituição, é o que podemos notar quando a gestora Cássia ressalta que o pai que paga a mensalidade na instituição C pode ficar tranqüilo porque a intenção da instituição é que o aluno ingresse em uma Universidade Federal.

3.7 As avaliações externas e a educação de qualidade nas escolas participantes deste estudo.

Com esta categoria, objetivamos levantar junto aos participantes se os resultados das avaliações externas estavam relacionados a uma educação de qualidade.

Inicialmente apresentamos os depoimentos da gestora e dos professores da instituição A:

Gestora: *É porque na verdade ela é a culminância de todo trabalho, de todo o ensino fundamental, do ensino médio com diversos projetos pedagógicos, projetos de hábitos de estudo, projetos de orientação profissional, liderança, os pequenininhos têm projetos de matemática financeira, xadrez, raciocínio lógico, então na verdade o resultado é produto de um processo que tem início lá no ensino fundamental, né, não é somente no ensino médio, porque se você for trabalhar isso só, no ensino médio não funciona* (G. Amélia, 48 anos)
Professores: *Sim, acredito que com essa educação de qualidade ofertada pela instituição faz com que os alunos tenham um desempenho melhor do que muitas instituições, inclusive as publicas né, aonde tem uma grande diferença na questão de ministrar o conteúdo, de ministrar a a avaliação, ela é bem diferenciada. Acredito muito na questão da qualidade do ensino que tenha este desempenho melhor [ela é diferenciada como?] na valoração da prova, da forma de perguntar, no número de questões, principalmente, no número de questões dissertativas, eu observo algumas avaliações de alguns colegas e familiares que trabalham na rede pública de ensino do GDF, do governo de estado de Goiás, a gente observa que a prova não é tão abrangente, as questões são mais diretas, as perguntas são mais conceituais, não estabelecem relações entre conteúdos* (P. Antonio, 37 anos). *(...) a instituição cobra, ao mesmo tempo conscientiza, ao mesmo tempo a valoriza, ao mesmo tempo mostra quem esse aluno, você tem de ter um objetivo. E pra que eles alcancem esses objetivos, eles vão ter que se entregar* (P. Augusto, 50 anos).

Gestora e professores da instituição B:

Gestora: *Também, não só esses resultados no papel não, mas eu considero uma educação de qualidade, o dia-a-dia dos alunos, aí você vê a*

educação que eles têm, formação de casa, formação de escola, não só provas, mas o que eles aprendem no dia-dia que a escola não é só repassar conteúdos, muitas coisas além de conteúdo (G. Betânia, 33 anos)
Professores: *Pode ser que sim, pode ser que não, não posso dizer que haja controvérsias aí. Para nós, a qualidade é inscrever os alunos e fazer com que eles passem no vestibular, agora o que acontece diariamente não posso falar por outros né, normalmente é isso Brasília a qualidade é números né...números de quantos passaram, a gente vê outdoors em Brasília passa mil e não sei quantos, então a escola é boa, e a comunidade aceita isso como sendo boa, e aí essa é a nossa meta*. (P. Bruno, 37 anos) *(...) com certeza porque o caminho aqui a pergunta esta inversa, não sei se para fazermos pensar, deve ser, porque você não pode pensar vou fazer aquilo, na verdade você tem que dar sustento e depois o resultado vem, o fruto vem, tem que plantar a sementinha, regar, cuidar para crescer e depois ela vai dar bons frutos, depois vai sair o resultado do bom PAS, do bom ENEM, do bom vestibular, um tanto de alunos que vão para a UnB ou para faculdades é ... Federais (...), porque nossa escola não está só em Brasília certo? Acho que é o contrário, você tem que ter um estímulo, um alicerce firme, então depois você manda ver* (P. Beatriz, 41 anos)

Gestora e professores da instituição C:

Gestora: *Sim, exatamente igual eu expliquei na pergunta anterior, o trabalho em cima dos alunos do ensino fundamental, que hoje temos 6º, 7º, 8º e 9º ano, já é preparando eles para o ensino médio, quando ele chegar no ensino médio o foco, o objetivo deles é passar numa Universidade Federal, então eles cobram muito também dos professores e aí se dá o ensino de qualidade quanto mais se cobra, mas o professor te oferece, então essa troca deles é muito maior no ensino médio e isso favorece os resultados com certeza, (...)*(G. Cássia, 35 anos)
Professores: *Certamente, é a contrapartida que o aluno dá, às vezes você pode ofertar o melhor ensino, mas não tem contrapartida, ou você oferta entre aspas o ensino não é tão bom, mas o aluno busca, ele quer, ele se envolve mais, eles já tem uma visão muito bem firme, assim eu tô aqui para isso, então eu sei que a escola C tem uma proposta tal por isso que eu não vou estudar numa escola x, eu vou estudar na escola C, porque lá tem uma perspectiva assim e eu quero me interar nesse processo, o aluno aqui por exemplo, ele se incomoda se a prova vale 80 e ele tira 60% da nota que é a média, ele se incomoda, se você devolve a correção para ele e você deu 1,5 na questão que vale 2,0,*

ele questiona você, se você deu 1,8 ele questiona, se você deu 2,0 as vezes ele ainda te questiona, então é nesse sentido, claro que isso não são todos, mas é um senso comum, mais ou menos, eles têm isso (P. Caetano, 51 anos).

Sim, com certeza é... bem eu vou usar essa palavra educação na forma bem ampla, é.... pelo menos o aluno da escola C ele vem de famílias com dinheiro famílias de classe A, B e tal então esse pessoal já tem dentro de casa uma formação, uma família que tá acostumada com cultura, você vê os alunos falando de museus do mundo inteiro, cinema, artes em geral, nossos alunos lêem muito, é muito comum você entrar na sala de aula entre uma troca de professor e outra você encontrar 2, 3, 4 alunos com livro na mão lendo e lêem livros assim vorazmente e claro que isso não é uma formação completa isso é educação do cidadão, então quando ele chega aqui é muito difícil você encontrar um aluno falar: " ah professor isso aqui é muito difícil, isso aqui eu não consigo", porque ele já tem uma cultura que já vem de casa mesmo, é difícil mas eu dou conta, eu tenho acesso, e é obvio o acesso as ferramentas, sabe que nem todo mundo hoje tem acesso a essas ferramentas de educação, eles tem a livros, a internet, a professores, a gente incentiva inclusive eles irem a UnB conversarem com os professores da UNB, tem alunos meus que conhecem meus professores de faculdade, porque eu indiquei, ai ele vai lá fala com fulano, você ta fazendo trabalho disso, fala que você é meu aluno, vai conversa (...) (P. Carlos, 33 anos)

Analisando os depoimentos é possível constatar que as gestoras Amélia e Cássia concordam quando afirmam que o resultado é a culminância de um trabalho feito desde o ensino fundamental, não apenas no ensino médio, a gestora Cássia destaca ainda que a qualidade da instituição está na cobrança dos alunos e dos professores. Neste ponto, o professor Caetano concorda com a gestora Cássia de sua instituição, quando responde afirmativamente à pergunta desta categoria, que são os alunos que cobram dos professores e porque os mesmos têm interesses, diferente da instituição A que é o contrário e pode ser encontrado no discurso do professor Augusto, quando menciona que a instituição cobra dos alunos, e que essa é razão para o bom desempenho da instituição, e concorda que está relacionado à educação de qualidade.

O professor Antônio julga que a qualidade de ensino ofertada pela escola contribui para que os resultados sejam bons, inclusive melhores que a pública, pois há uma grande diferença entre elas nos quesitos ministrar o conteúdo e a avaliação.

A gestora Betânia confirma e ressalta que não só os resultados são educação de qualidade, mas também o dia-a-dia dos alunos, pois a instituição não ensina apenas conteúdos. O professor Bruno afirma que depende do ponto de vista, mas que para eles

a qualidade é inscrever os alunos e fazer com que eles passem no vestibular, e que normalmente em Brasília a qualidade é relacionada aos números de quantos passaram no vestibular, e a comunidade local julga essa instituição boa ou não, e a instituição toma isso como meta.

A professora Beatriz pediu para responder-me as perguntas 9 e 10 juntas, ou seja, a categoria anterior e essa, e entende que se tem um estímulo e um alicerce firme os alunos conseguirão atingir resultados bons nas avaliações externas.

O professor Carlos complementa descrevendo que não é só a instituição é responsável, mas a educação que recebem de casa colabora, pois a família dos alunos também incentiva, eles têm acesso a ferramentas como *internet*, livros, viagens, a persistência dos professores, então tudo isso contribui.

Constatamos também no discurso da gestora Cássia da instituição C, que a instituição trabalha com os alunos desde o ensino fundamental preparando-os para o ensino médio, pois quando eles chegarem nesse nível de ensino o foco é auxiliar ingressar em uma Universidade Federal. Com o comentário da gestora fica perceptível que o objetivo do ensino médio nesta instituição é predominantemente propedêutico, pois ela menciona que o objetivo é ajudar os alunos ingressar em uma Universidade Federal quando chegam ao ensino médio, então eles preparam os alunos no ensino fundamental para isso.

Com relação aos alunos, obtivemos os seguintes depoimentos:

Instituição A

Sim, porque se não fosse de qualidade não teria resultados tão bons porque (...), para que você consiga fazer a prova que normalmente é difícil você precisa ter um nível alto (A. André,17 anos).

Sim, porque eles não visam só decoreba (A. Adriana,17 anos).

Instituição B

Acho que sim, porque para você ir bem no vestibular e no PAS você tem claro que estudar bastante em casa e na escola, mas é a escola que vai apresentar o que você tem que estudar, claro que não só na escola e nem em casa, mas você precisa se preparar para o vestibular (A. Brenda,17 anos).

Acho que sim, porque é muito mais difícil, por exemplo, alguém do colégio público ter uma nota tão alta, porque geralmente trabalha, também tem outras coisas pra fazer e tem outra rotina, do que alguém que ta no colégio particular que tem mais oportunidades até

> *e ... tem melhores professores, a disponibilidade no colégio* (A. Bianca, 17 anos).

Instituição C

> *Tá. (...) porque mostra que os professores que a gente tem estão conseguindo ensinar pra gente o conteúdo, e isso é fundamental, né?* (A. Carina, 17 anos).
>
> *Acho que sim porque os resultados são frutos da educação, se a qualidade não é boa, o fruto não vai ser bom, agora se a qualidade é boa, os alunos vão conseguir atingir as metas* (A. Carla, 17 anos).

Os alunos André e Carla concordam que a qualidade de ensino está relacionada aos resultados. Com isso, os alunos estão preparados para uma prova difícil e conseguem atingir as metas. A aluna Adriana relaciona qualidade à aprendizagem porque quem aprende, não decora. Já a aluna Brenda afirma que sim porque para a pessoa se preparar para as avaliações a instituição tem de apresentar o conteúdo a ser estudado para os alunos. Bianca ressalta que o aluno da escola particular tem mais oportunidade que o da pública, por causa dos professores e da disponibilidade da escola e a aluna Carina diz que na instituição particular os professores conseguem ensinar o conteúdo.

Em resposta à pergunta, se os altos resultados das avaliações externas estavam relacionados à uma educação de qualidade? Quatorze participantes responderam que sim e complementaram ressaltando atributos da escola para esse fim, e um professor levantou a questão da educação familiar. Somente a gestora Betânia afirmou que "*não somente as que estão no papel",* pois educação de qualidade não se refere somente ao que está no papel, porque a instituição não ensina somente conteúdo. Paro (2007) afirma que a concepção tradicional da educação é passível de ser medida pela quantidade de informações exibidas pelos educandos e essa concepção predomina tanto em estatísticas de órgãos governamentais, que se propagam por toda a mídia, quanto em diversos estudos acadêmicos que discutem resultados de políticas públicas educacionais e ressalta ainda que "a escola brasileira continua organizada pedagogicamente para atender a objetivos identificados com uma concepção 'bancária' de educação, em que o mais importante é a aquisição de conhecimentos, verificável por meio de exames e

provas" (PARO, 2007, p. 48), e a avaliação afere a quantidade de informações que o educando adquiriu sobre conteúdos programáticos.

Com relação ao conhecimento, Paro (1999; 2000) salienta que, devido ao paradigma do "credencialismo", educadores e educandos preocupam-se mais com exames e aprovações do que com a apreensão do saber e com o gosto pelo conhecimento, aliando-se como meta principal preparar para o mercado de trabalho ou para o vestibular universitário.

E para complementar a pergunta anterior, solicitamos, também, que os professores e gestores refletissem se os resultados das avaliações externas eram suficientes para qualificar o trabalho pedagógico desenvolvido na instituição.

Inicialmente, apresentamos os depoimentos da gestora e dos professores da instituição A:

Gestora: *Eu acho que não. O trabalho desenvolvido pela escola, pelo professor, transcende muito as avaliações externas porque elas não conseguem captar vários aspectos da realidade escolar, né, aspectos intrínsecos das relações, aquilo que ocorre no cotidiano escolar mas elas são uma referência, porque elas são validadas pelas famílias, pela comunidade de uma maneira geral, então eles se baseiam em resultados para escolher a escola, então acredito que dificilmente uma avaliação externa vai captar todas as nuances da escola, mas que é uma referência e a gente não pode negar* (G. Amélia, 48 anos).
Professores: *Suficientes não, mas é um parâmetro para que seja medido. A questão das avaliações como vestibulares, a prova Brasil, o ENEM, são parâmetros que poderiam ser melhores, ter uma qualidade maior nesse parâmetro de medidas do estado, mas eu acredito que seja uma forma de medir essa qualidade* (P. Antonio, 37 anos) *Não, não considero, não considero. Porque ai a gente tá reduzindo a educação ao estudante que tem êxito, na verdade a educação vai, além disso, eu não posso mensurar somente em função do rendimento do aluno nas avaliações externas no primeiro momento. Eu tenho que mensurar em relação ao que o aluno pretende fazer da vida dele no futuro, e às vezes o que ele quer não tá bem relacionado àquilo que a gente como escola espera. Então particularmente eu tenho uma preocupação muito grande de que antes de mais nada, ele saia daqui feliz, que ele seja feliz no futuro, e que não somente se preocupe com essas avaliações externas, a vida vai além disso* (P. Augusto, 50 anos)

A Gestora e os professores da instituição B:

Gestora: *Não, só isso ai não, é porque eu acho que prova não é uma avaliação completa, não dá pra avaliar, tudo avalia alguma coisa, mas o nosso país é assim , provas, tudo é por provas* (G. Betânia, 33 anos)
Professores: *Não, não... por isso que eu falei há controvérsias, porque se passa a escola é boa, se não passa eu não posso dizer que a escola é ruim, entende? Porque tem várias filosofias, existem escolas mais católicas, que eles não vêem isso como o fim passar no vestibular, eles vêem a escola como um lugar onde se constrói o ser humano, humanamente construído, não deslumbram apenas o vestibular, várias escolas em Brasília não visam só vestibular, então eu não posso dizer que isso é ruim tem que analisar a filosofia da escola, o que aquela comunidade quer, o que aqueles pais querem*. (P. Bruno, 37) *Não, pelo mesmo motivo que eu disse porque se você tem um único alvo em fazer isso é como um cavalo que coloco aqui tampam do lado do olho de um lado e do outro para não enxergar mais, a vida não se chama PAS, não se chama vestibular, ENEM unicamente, faz parte mas tem que ter uma visão maior né ! (...)*.(P. Beatriz, 41 anos)

Gestora e professores da instituição C:

Gestora: *Na visão da comunidade sim, agora a visão interna da escola a gente faz muita coisa alem disso dentro da escola, tem um trabalho de acolhimento com os alunos, com os professores também, tem uma coisa que não ta dando certo a gente tenta resolver, pela orientação, até mesmo pela direção da escola, então assim é um trabalho interno muito grande para poder chegar nesses resultados, é um acompanhamento psicológico, tudo isso é fator muito importante para essa aprovação*. (G. Cássia, 35 anos)
Professores: *Não, não acho, bem eu acho que a avaliação externa como falei ela é estritamente formal né, mesmo na UnB que tem tentado essa forma multidisciplinar e tal, no final ela tá cobrando conteúdo, conteúdo, conteúdo, agora as outras habilidades do aluno são ignoradas então se ele tá fazendo trabalho voluntario, se ele desenvolveu um novo projeto, tem alunos nossos que programam programas maravilhosos, tem alunos nossos que já fez..., professor acho que isso ai com uma animação em 3D , ia ficar super bonito e tal, fez e deu pra gente, isso não é avaliado, ele já é um profissional na área,de repente ele nem*

> *precisa de uma faculdade, mas a prova não avalia isso, né então eu acho que não é o suficiente para avaliar nem o aluno e nem o nosso trabalho, né, porque aqui a gente oferece essas outras possibilidades para o aluno, e quando chega na prova PAS ENEM, vestibular é ignorado. Pra formar um quadradinho, se ele é bom nisso ele é bom, se ele não é ele não entra na universidade*. (P. Carlos, 33 anos)
>
> *Ainda não, ainda não, eu acho que, por exemplo, o grito que o ensino médio realiza, precisa também ser realizado por essas avaliações ou por essas instituições, a UnB já tem 15 anos, 16 anos com o PAS, vem melhorando isso,vem tentando aprimorar, o ENEM tem menos tempo, mas também vem tentando aprimorar, mas eu acho que a gente precisa de conversar mais, estreitar essa relação entre a escola média e graduação e instituições de graduação, rever um pouco determinados conceitos.*(P. Caetano, 51 anos)

Embora a maioria dos participantes concorde que o resultado das avaliações externas está relacionado à educação de qualidade, todos afirmam que essas não são suficientes para aferir o trabalho pedagógico desenvolvido pela instituição e pelo professor, mas consideram válido, como a gestora Amélia e o professor Antonio, ela ressalta ainda que, são validadas pela comunidade e que os pais escolhem a escola por esses parâmetros, o que se aproxima da gestora Cássia que salienta que na visão da comunidade sim, mas que esses processos avaliativos não conseguem captar todas as peculiaridades que acontecem dentro da instituição.

O professor Bruno salienta que depende do ponto de vista da comunidade e do que o pai quer para seu filho, pois existem instituições que não visam só o vestibular e nem por isso são ruins, por existirem esses vários pontos de vista é que podemos observar que o tema qualidade não tem um único conceito, é o que afirma o autor Juliatto (2005) em relação à qualidade na educação. Todos nós sabemos que educação de qualidade é um tema complexo e pode ser abordado de diferentes formas e sob variados ângulos e "essa diversidade de pontos de vista demonstra por um lado, a riqueza do conceito e, por outro, a dificuldade prática de se alcançar um fácil consenso em torno do assunto" (p.50).

O professor Augusto e a professora Beatriz concordam quando citam que se for considerar apenas as avaliações externas, estaremos resumindo a educação ao que é mensurável, e a educação vai além de boas notas nas avaliações. O que eles esperam da escola é que o aluno saia de lá feliz, e que a vida não se chama PAS, ENEM e nem vestibular. Os alunos devem aprender muito mais que isso, e a professora Beatriz

exemplifica que está preparando seus alunos para uma viagem a Buenos Aires, e que lá eles aprenderão muito mais do que os livros trazem, como a troca cultural, principalmente, terão maior contato com a língua espanhola, melhorando assim a memória auditiva, que é o mais importante na hora de aprender uma língua estrangeira, segundo ela.

A gestora Betânia ressalta que as provas não avaliam tudo, mas que no Brasil tudo é assim, por provas, confirmando dessa forma o que Paro (2007) ressaltou anteriormente, sobre a organização da escola brasileira, que está organizada em aferir o que é mensurável e complementando o que a gestora citou na pergunta anterior ao afirmar que a escola não ensina só conteúdo:

> não só a qualidade que se vê é passível de aferição por exames e provas (apropriação de conhecimentos e informações) , mas também (o que é, sem dúvida, mais importante) a qualidade que não se vê, ou melhor, a que não é tão facilmente mensurável por instrumentos quantitativos, ou seja, a formação da personalidade integral do indivíduo (p. 49)

O professor Carlos destaca que a avaliação externa é totalmente formal e só avalia o que é mensurável e que mesmo o vestibular da UnB sendo de forma multidisciplinar o que ele está cobrando é somente conteúdo e as outras habilidades do aluno são ignoradas, como um trabalho voluntário, por exemplo, ou seja, a parte social, e que tem alunos, cujas habilidades vão além dos conteúdos, mas que no vestibular se o aluno souber *" formar um quadradinho, ele é bom, se ele não souber, ele não entra na universidade"*, com esse comentário o professor está querendo dizer que o aluno pode até saber mais do que a prova pede, mas se ele não souber responder da forma como a questão pede ele não passará no vestibular, com esse comentário verificamos o que Gadotti (2009) afirma, que não se mede qualidade só pela reprodução de conteúdos, mas pela criação de conhecimentos e isto se conquista pela pesquisa, pela leitura, pela reflexão. Não aprendemos somente na escola, pois somos seres programados para aprender. "Só conhecemos realmente o que construímos e reconstruímos de forma autônoma" (GADOTTI, 2009, p. 10). Paro (1999; 2000) devido ao paradigma do "credencialismo", educadores e educandos preocupam-se mais com exames e aprovações do que com a apreensão do saber e com o gosto pelo conhecimento, aliando-se como meta principal preparar para o mercado de trabalho ou para o vestibular

universitário, mas nesta instituição o que concluímos é que os alunos têm habilidades desenvolvidas para além do vestibular, porém precisam desenvolver também as habilidades para ingressar no ensino superior, o que pode ser observado na parte final do discurso do professor Carlos e também quando afirma em outro depoimento que o objetivo deles é passar o aluno no vestibular.

O professor Caetano ressalta que a escola média deveria estreitar ainda mais as relações com à graduação no ensino superior.

Como pudemos observar nenhum participante concorda que as avaliações externas sejam suficientes para aferir o trabalho pedagógico desenvolvido pela escola e pelo professor, mas alguns acreditam que tem valor, porque a comunidade pode considerar esses resultados para escolher a instituição para seus filhos, e que é um parâmetro para avaliar a qualidade e outros ressaltam que as avaliações só captam o que é mensurável desconsiderando as outras relações que a instituição participa para a formação dos alunos, além disso, mencionam que "a vida não se chama PAS, ENEM ou vestibular", vai muito além, claro.

3.8 O Projeto Político Pedagógico das instituições de ensino

Esta categoria visa complementar a análise do Projeto Político Pedagógico das instituições. Perguntamos aos gestores e professores sobre a elaboração do Projeto Político Pedagógico da instituição. A análise desta categoria está dividida por instituição.

Inicialmente, apresentamos os depoimentos da instituição A:

Gestora: *Em relação ao projeto, várias instâncias da escola participam, nos temos a participação de funcionários, de professores, da equipe técnico-pedagógica, coordenadores, orientadores, diretores, todos contribuem de alguma forma para a construção do projeto e ele é revisitado periodicamente pela gente sempre lendo e fazendo adaptações, né, inclusive a luz de novas legislações que surgem sempre tem alterações ou mudanças de paradigmas que exigem que eles sejam reestruturados* (G. Amélia, 48 anos)
Professores: *Não, isso ai fica a cargo dos coordenadores de disciplinas e componentes curriculares e coordenadores pedagógicos juntamente com a direção da escola* (P. Antonio, 37 anos) *Muito pouco, muito pouco. Não por falta de incentivo da escola, mas*

pela falta de tempo mesmo, né? Na minha condição de coordenador, eu tenho uma carga de sala de aula muito grande, eu tenho uma carga como coordenador diária também muito grande, e que acaba, de certa maneira, impossibilitando, uma participação mais efetiva em alguns pontos de jornada e da organização da escola. Eu acabo me apegando mais ao planejamento da equipe de geografia, e, as outras equipes como história, biologia, que tem uma ligação, que tem uma certa ligação com a geografia (P. Augusto, 50 anos).

A gestora Amélia menciona que todos os funcionários, professores e equipe de coordenadores, orientadores e diretores participaram. O professor Antonio relatou que não teve participação, que essa parte ficava a cargo dos coordenadores e da direção da instituição e o professor Augusto, embora seja coordenador e professor substituto da disciplina de Geografia, afirma que não participou, mas teve o convite da instituição, e mas não pode participar pela falta de tempo.

Analisando o Projeto Político Pedagógico da instituição, "o trabalho se desenvolve de forma participativa. Cada um exerce, com autonomia e responsabilidade, as atividades inerentes à sua função ao mesmo tempo em que respeita e auxilia os demais." (p.29), e "a gestão participativa se efetiva na prática por meio de reuniões quinzenais com representantes de todos os segmentos da instituição: Mantenedora, Direção Pedagógica, Serviços de coordenação pedagógica, de orientação educacional e de coordenação disciplinar, docência de anos iniciais, de anos finas do ensino fundamental, do ensino médio e do serviço de apoio administrativo" (p.30), e que " as sugestões e propostas de melhorias dos serviços educacionais e dos processos de ensino e de aprendizagem são encaminhadas à direção para análises e possível implementação"(p.30). Ressaltamos que não foi localizado no Projeto a participação de pais e dos alunos para tomada de decisões sobre a instituição, não caracterizando com isso uma gestão democrática participativa escolar.

Com relação à instituição de ensino B, temos os seguintes depoimentos:

Gestora: *Esse projeto ai ele é antigo e ele foi o pessoal de São Paulo, nossa sede é em São Paulo, a parte pedagógica eles fazem lá e passam pra gente, vem de lá já pronto* (G. Betânia, 33 anos)
Professores: *Não, o que eu participo são de como te falei, relativamente, sou professora nova mesmo, desde 2008 e de algumas reuniões do conselho escolar, isso sim se pergunta muito os professores opinião*

dos professores e tudo (P. Beatriz, 41 anos) *Como eu estou aqui a pouco tempo, nesse a gente pode até interferir, sugerir, mas nesse que está agora atualmente não, é uma matéria de acordo com aquilo que eu te falei, a nossa espinha dorsal é o PAS, então os conteúdos que chegam para mim está vinculado aquilo e não tenho autonomia de eu vou dar aquilo é isso que eu quero dar* (P. Bruno, 37 anos)

Observa-se que os profissionais da escola não participaram da elaboração do Projeto Político Pedagógico da instituição e que os professores não têm autonomia para escolher os conteúdos. Esses são os do PAS, sobre isso Ferreira (2001, *apud* CASTRO, 1982, p. 17) afirma:

> o que não cai no vestibular não se ensina na escola. Na prática, as escolas perdem sua liberdade para um ensino mais variado, criativo e experimental, ficando atadas a uma cópia cega e servil dos conteúdos exigidos no vestibular (p.48)

Entretanto, não podemos afirmar com convicção que a instituição trabalhe somente com os conteúdos do PAS, pois existem trabalhos multidisciplinares como foi citado pela aluna Brenda em um de seus depoimentos, e quando cheguei à instituição em turno contrário para entrevistar as alunas, estavam realizando um trabalho sobre diversidade cultural, o que é previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, nos conteúdos diversificados.

Ressaltamos ainda, que a Direção dessa instituição não permitiu o nosso acesso ao seu Projeto Político Pedagógico. Apresentamos agora os depoimentos da instituição C:

Gestora: *A elaboração foi feita pelos mantenedores da escola, que foram os idealizadores da escola, eles eram professores numa escola particular de Brasília e resolveram abrir a escola, a escola começou de trás para frente, com cursinho, aí veio o ensino médio, ensino fundamental, e depois o ensino fundamental I, então todo o Projeto Político Pedagógico da escola foi em função dos três* (G. Cássia, 35 anos)
Professores: *O Projeto Político Pedagógico não, não estava aqui, cheguei em fevereiro* (P. Caetano, 51 anos) *Participei, todos os professores participaram, porque na verdade ele foi montado pelos donos da escola antes da escola abrir, claro né,*

> *mais ao longo dos anos ele é discutido, todos os anos, nas reuniões pedagógicas, todo o ano a gente discute, formula a luz do que esta acontecendo, então o mundo hoje está super dinâmico, se a gente parar no tempo acabou, então a gente tá sempre discutindo, nesse ano teve uma discussão muito pesada em cima desse projeto e esse projeto foi alterado em vários pontos né, não para esse ano, essas alterações nós discutimos no início desse ano que vai valer para o ano que vem, porque o MEC tem aquela exigência, você não pode trocar o projeto naquele ano, você tem que trocar pro próximo, por exigência legal, mas a gente tá sempre discutindo e modelando, então eu participei como todos os professores* (P. Carlos, 33 anos)

A gestora coloca em primeiro momento que a elaboração do Projeto Político Pedagógico da instituição foi realizada pelos mantenedores da escola, mas o professor Carlos complementou em seu depoimento e relatou que ele é discutido anualmente para atualização e que todos os professores participam dessa discussão. O professor Caetano ressalta que não participou porque chegou em fevereiro à instituição.

Em análise ao Projeto Político Pedagógico, disponibilizado no *site* da escola, sobre a gestão administrativa e pedagógica o documento ressalta que "A gestão administrativa e a pedagógica acontecem de maneira integrada no efetivo funcionamento do Conselho Consultivo, da Direção Pedagógica, Coordenação, Orientação e Secretaria" (p.16). "De acordo com os anseios observados no processo educativo, as decisões são tomadas com a participação de representantes de todos os segmentos da instituição, mediante o funcionamento de todas as atividades" (p. 16) (...) "Os serviços de Secretaria, Biblioteca, Médico, Odontológico, Fisioterapeuta e Psicólogo, em horários de funcionamento definidos e divulgados no início de cada ano letivo, complementam o apoio dado à comunidade escolar" (p.16). "Nas reuniões pedagógicas que acontecem, no início de cada ano letivo e no início do segundo semestre, principalmente, procura-se, por meio de palestras e cursos, atualizar o corpo docente" (p.16). Ressaltamos, também, que não encontramos a participação de pais e alunos para tomada de decisões sobre a instituição, não caracterizando com isso uma gestão democrática participativa escolar.

Tiné (2009) destaca para que uma escola exerça a gestão democrática é importante que esta tenha um projeto político-pedagógico coletivo, democrático, vivido no cotidiano.

3.9 A função da escola, a cidadania e o ingresso no mundo do trabalho.

Com esta categoria buscamos levantar junto ao grupo de participantes qual é a função da escola para a formação dos alunos em suas concepções e como a escola prepara os alunos para a cidadania e para o ingresso no mundo do trabalho.

Inicialmente apresentamos os depoimentos da gestora e dos professores da instituição A, sobre qual a função da escola na formação dos alunos:

Gestora: *O papel da escola ele é fundamental, embora a escola não consiga substituir o papel da família, então, onde a escola encontra a maior dificuldade para atuar é onde a família está se omitindo, porque o adolescente, a criança, ele é o todo, ele passa um quarto, um terço do tempo dele dentro da escola, fora isso ele está inserido dentro da comunidade dele, junto com a família dele e de lá ele trás hábitos, trás atitudes, que, para gente consiga melhorar, aperfeiçoar é só em parceria com a família.* (G. Amélia, 48 anos)
Professores: *O papel da escola é formar um... é... contribuir para a formação do cidadão como um todo né, não apenas como uma pessoa preparada para encarar um processo seletivo mas para encarar o mundo do trabalho, encarar a vida acadêmica, profissional complementando uma educação que ele recebe no berço, em casa então a escola vem para aferir esse conhecimento mais científico mais pedagógico.(...) acredito que sim, acredito que ela faça esse trabalho (...) por meio das aulas né, por meio das feiras de ciências, dos debates, dos encontros das nações unidas que nos fazemos na instituição, por meio da interação da educação física, dos jogos escolares, é então de diversas formas, não só pela cadeira de geografia mas como de educação física como olimpíadas de física, de matemática, de química, como a festa junina, por exemplo, da instituição que há uma interação do trabalho coletivo, a feira de ciências é a que mais admiro porque a turma toda participa de uma forma interna ou externa, um trabalho escrito ou da apresentação dele, então acredito que nessa forma está preparando o cidadão para trabalhar, não só de forma individual mas também de forma coletiva.* (P. Antonio, 37 anos) *Eu acredito que..., o que eu acabei de falar agora a pouco, né? Nós temos uma preocupação na formação integral dos alunos, não só, vou repetir, para que ele tenha um êxito em uma avaliação externa, né? Então que ele se coloque como um ser que participa, que pertence ao meio, que modifique esse meio, que depende desse meio para viver*. (P. Augusto, 50 anos)

Gestora e professores da instituição B:

Gestora: *Formar cidadãos críticos, pensantes [você acha que a escola oferece isso?] sim, acho que muito no relacionamento do dia-dia entre os professores com os alunos, no dia-dia desde lidar com funcionários, com o professor com as pessoas aprendendo a viver em sociedade a gente ensina questões de disciplina, de autonomia desde questões de horário, ter limites pra chegar sem atraso, se você não chegar você não pode mais entrar, aí o aluno vai aprendendo a lidar com responsabilidades.* (G. Betânia, 33 anos)
Professores: *Importantíssimo, porque é um local onde há transformação, não só informação, se eles tem internet, eles tem muita informação, se eles tem internet, eles tem Google, se eles tem Google eles tem todos os professores, se eles quiserem saber algo sobre fisioterapia, vão encontrar lá, vão ler, mas só lê não adianta, o professor é esse transformador, pega a informação coloca na cabeça do garoto, explica e isso se transforma em conhecimento*. (P. Bruno, 37 anos) *O papel da escola é fundamental como escola, agora, o que está acontecendo na sociedade é uma crise de valores, a família que não tem alicerce firme e as vezes coloca um pouquinho mais de responsabilidades, por exemplo, tem reunião de pais para entregar os boletins vem poucos, eu fico muito feliz atendendo um pai,(...) uma mãe, quando vem falar, (...), não é seu vizinho, é seu filho você não se importa? (...) você não pode colocar na escola somente e colocar muita responsabilidade pra ela, porque cada aluno tem sua família, como é a família de cada aluno? (...) tem um limite também, o fundamental tem que está unido com o papel da família e da sociedade, a família é a sociedade, nós somos a sociedade, nós nascemos para sermos seres da sociedade, então não pode estar desligado, só que acontece que a família esta deixando a desejar e muito então eles compensam tudo quanto a escola pode fazer e que as vezes na cabecinha do aluno entra em conflito, e os prejudicados são eles ou beneficiados.* (P. Beatriz, 41 anos)

Gestora e professores da instituição C:

Gestora: *Nós somos formadores de caráter, eu acho assim a escola hoje, principalmente nossa escola, ela é um papel fundamental na vida do aluno, tem bastante dos nossos alunos que entra aqui 8 da manhã e sai 9 da noite, as vezes 10, eles passam mais tempo conosco do que com a família, então assim além de tudo a gente faz papel de mãe, de pai, é educador 24 horas no dia, tem alunos que chegam aqui 7 da manhã, sai 10 da noite, estudando para pré-vestibular, então até a*

interação é muito grande, entendeu? E esse papel do educador é fundamental, sem dúvida nenhuma aqui ele é a maioria. (G. Cássia, 35 anos)
Professores: *Acho que muito importante, no sentido também da gente manter uma sintonia com as famílias, manter essa sintonia, a gente se preocupa, cada seguimento tem uma coordenação então os meninos de 1º ano tem uma, os de 2º ano tem outra, os de 3º, qualquer coisa no meio do processo, no dia-a-dia a gente se preocupa, liga para casa, o aluno faltou a 1º aula, a gente tem controle sobre isso, faz chamada, então liga em casa, o aluno perdeu a prova, então liga em casa, então, assim isso é importante*. (P. Caetano, 51 anos) *Bem como eu falei lá no inicio, (...), deve ser uma formação completa, oferecer pro aluno, não só o professor com conhecimento, mas conhecer o espaço do conhecimento, isso passa pelo laboratório, por uma biblioteca, e por professores ou funcionários, vamos ampliar um pouquinho mais, que ofereçam para os alunos possibilidades de desenvolver as suas habilidades, então se você esperar um pouquinho mais, você vai ver aluno tocando piano que tem ali na frente, ai os professores pagam, incentivam, apóiam porque ele precisa desse apoio, ele é um músico maravilhoso, o outro aluno ele entra laboratório, professor olha eu queria fazer um tal experimento, eu, vamos fazer(...), a gente participou da semana nacional de ciência e tecnologia, vários projetos que os alunos trouxeram, porque a fala olha vai ter, a gente quer participar, o que você traz pra mim? e o aluno ele vem com o projeto a gente ajuda ele desenvolver o próprio projeto no laboratório, ele é um cientista já, ele já sabe o rigor cientifico, ele sabe pra onde tem que buscar, então pra mim a escola tem que oferecer pro aluno possibilidades e não querer que ele seja muito bom só no formal, mas oferecer para que ele desenvolver todo o seu campo de ação né, todo seu potencial, a escola tem que ser bem completa*. (Carlos, 33 anos)

A partir dos depoimentos constatamos que as gestoras Amélia, Cássia e os professores Beatriz e Caetano afirmaram que a instituição escolar é fundamental e que deve atuar em parceria com a família, porém eles afirmam que cada um deve fazer a sua parte. A gestora Amélia e a professora Beatriz ressaltam que a função da instituição escolar é fundamental e que para um melhor desenvolvimento do aluno, a instituição deve atuar junto com a família, a professora Beatriz destaca ainda que o papel da instituição escolar deve estar em parceria com a família e não para assumir toda a responsabilidade pelo aluno, mas cada um tem o seu papel, o que está próximo do pensamento da gestora Amélia quando afirma que às vezes a família se omite e fica difícil de trabalhar sem ela.

A gestora Cássia aborda o mesmo assunto assumindo a posição da professora Beatriz e a gestora Amélia. Para ela, a instituição escolar é educadora 24 horas por dia

fazendo papel de pai e mãe às vezes, e que esse papel de educador é fundamental. O professor Caetano cita que o papel da instituição escolar é manter a sintonia com a família, preocupar quando o aluno falta e ligar para casa dele.

Os professores Antonio e Augusto concordam que a instituição escolar deve contribuir não só para um processo seletivo, o professor Antonio complementa que a instituição deve formar um cidadão, para encarar o mundo do trabalho, a vida acadêmica, profissional, o conhecimento científico e pedagógico, por meio das atividades que a instituição escolar oferece seja na sala de aula, ou extraclasse, pois o "dever de casa" também prepara para o trabalho em grupo e individual. O professor Augusto ressalta que deve formar uma pessoa que participa, que pertence e que modifica o meio em que vive.

O professor Carlos destaca que a função da instituição escolar é assumir uma formação completa não só formal, mas que ofereça possibilidades para que o aluno desenvolva suas habilidades, nos laboratórios, biblioteca e incentivo a essas habilidades, e que esta não deve ser boa apenas no ensino formal, mas que o aluno possa desenvolver todo o seu potencial, pois a escola tem que ser completa.

Para a gestora Betânia, a função da instituição escolar é formar cidadãos críticos. Ela afirma, ainda, que instituição escolar em que trabalha realiza este processo no dia-a-dia entre professores, alunos e funcionários, com isso todos nós vamos aprendendo a viver em sociedade, a ter responsabilidade. O professor Bruno diz que a função da instituição escolar é a transformação da informação em conhecimento, e explica que se o aluno precisasse só de informação iria à *internet* e acessaria uma ferramenta de busca para todas as informações possíveis, mas só informação não é suficiente, então o professor transforma essa informação em conhecimento.

Analisaremos agora os depoimentos dos alunos sobre a função da instituição escolar na formação destes:

Instituição A

Alunos: *Ensinar, mas não só, as coisas, sei lá que o MEC exige, mas formar um ser humano mesmo porque você tem a educação de casa e da escola, da escola é mais importante para você sociabilizar com outras pessoas que não sejam da sua família é importante isso*. (A. André, 17 anos) *De... formar a pessoa assim até o caráter eu acho, porque tem regras*

e você tem que seguir as regras, aí vai formar dessa forma (A. Adriana, 17 anos)

Instituição B

Alunas:

Formar o cidadão, transmitir o conhecimento e... é formar pessoas conscientes em relação a tudo, na ética, ao respeito ao meio ambiente, ao mundo assim, respeitar as diferenças étnicas e também muito importante no papel da escola é o papel da convivência, que convivência é uma coisa que a gente precisa pra trabalhar, precisamos para nossa vida inteira, o primeiro lugar é na escola (...) primeiro lugar conhecimento, segundo lugar socialização. (A. Brenda, 17 anos)

Acho que a escola ela ensina não só as matérias, mas te ensina a importância de você buscar um futuro pra você, porque ela te ensina a não ficar estaguinado, sempre aprender mais, buscar mais é... nesse mundo capitalista ganhar dinheiro e procurar algo que você goste e que ganhe dinheiro e a escola é fundamental na formação (...) as companhias que você anda(...) você acaba formando sua personalidade, seus gostos formando tudo que você vai ser daí pra frente, de um jeito ou de outro torna uma pessoa. (A. Bianca, 17 anos)

Instituição C

Alunas:

Formar o aluno tanto intelectualmente como com caráter também, parte né do caráter [e você acha que essa escola oferece isso?] Oferece, tanto um como o outro (...) Os professores são muito... atenciosos, tipo, não precisa estar na aula pra você falar com ele, sabe, ele te tratam bem, e eles te ajudam muito nas questões pessoais às vezes, (...), não é papel do professor fazer isso. (A. Carina, 17 anos)

Acho que é formar o aluno tanto na parte do conteúdo, como na ética (...) a gente no ensino fundamental uma vez por semana ia para a fazenda da escola, e lá nos tínhamos aula de tecnologia, filosofia, aula cidadã, de artes, a gente aprendeu muita coisa até trocar roupa de cama, passar roupa, costurar, cozinhar, tudo. (A. Carla, 17 anos)

O aluno André ressalta que a instituição escolar não pode ficar restrita apenas a repassar conteúdos, mas também promover a socialização. As alunas Adriana e Carina concordam que seja a formação de caráter e aprender a seguir regras e desenvolver o potencial intelectual, a aluna Brenda destaca que não é só conhecimento, mas formação ética, respeito ao próximo, ao meio ambiente e a socialização. Já Bianca diz que além

do conhecimento, deve promover a educação para o mundo do trabalho e a socialização. Carla destaca que é formar o aluno para o conhecimento do conteúdo e a ética, exemplifica que na instituição escolar em que estuda o ensino fundamental uma vez por semana levava os alunos para uma fazenda da escola para que eles tenham aula cidadã, tecnologia, filosofia e até educação do lar.

Os principais pontos levantados quanto à função da instituição escolar pelos alunos foram: não só conteúdo, mas promover a socialização, formação ética, moral, cidadã e para o ingresso no mundo do trabalho. Os professores e gestores destacam que a instituição escolar deve trabalhar conteúdos para uma formação cidadã, ingresso no mundo do trabalho e acadêmico, um ser que participa e modifica o meio em que vive, ou seja, formar cidadãos críticos, potencial para transformar a informação em conhecimento, uma instituição escolar que possibilite desenvolver todas as habilidades dos alunos, não só formal e que possa incentivar essas habilidades. Todas essas características citadas por alunos e professores estão previstas nos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino médio e na LDB nº 9394/96. Esta lei traz em seu art. 22 a finalidade da educação básica que é: desenvolver a formação para o exercício da cidadania, progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Além dessas características foi dada muita ênfase à família, destacando a importância da parceria entre família e instituição escolar e que estas instituições devem desempenhar seus papeis, de forma que a instituição escolar não se responsabilize sozinha pelos alunos. Em relação a esse assunto, Reali e Tancredi (2005, p. 240) ressaltam que:

> escola e famílias compartilham da tarefa de preparar as crianças e os jovens para a inserção crítica, participativa e produtiva na sociedade, mas divergem nas de ensinar. A escola tem a função de favorecer a aprendizagem dos conhecimentos construídos pela humanidade e valorizados pela sociedade em um dado momento histórico, de ampliar as possibilidades de convivência social e de legitimar uma ordem social. A família, por sua vez, nos últimos tempos tem tido a tarefa de promover a socialização das crianças, estabelecendo condições para seu "bom" desenvolvimento, o que inclui a aprendizagem de padrões comportamentais, atitudes e valores aceitos pela sociedade em geral e pela comunidade a que pertencem. Assim, os objetivos são distintos, mas que se interpenetram.

Reali e Tancreadi (2005) salientam, ainda, que as políticas públicas têm aprovado o envolvimento familiar na instituição escolar para favorecer o sucesso do aluno, porém não preconizam a substituição da instituição escolar pela família e vice-versa.

Questionamos também aos participantes como a instituição escolar preparava os alunos para a cidadania e para o ingresso no mundo do trabalho. Esta categoria foi apresentada por instituição.

Primeiramente apresentamos os participantes da instituição A:

Gestora: *É, nós temos projetos vinculados à Universidades que procuram aprofundar o aluno na Universidade já, nós temos uma parceria com o Uniceub em um programa de iniciação científica, temos aqui periodicamente profissionais das diversas áreas que conversam com os alunos mostrando com é de fato a atuação profissional, porque uma coisa é a profissão que ele idealiza, com todo aquele estereótipo, aquela maravilha, outra coisa é o exercício profissional de fato, porque as vezes difere muito em termos de expectativa financeira, a atuação mesmo, do que ele imagina, então a gente tem sempre a preocupação de trazê-los para a realidade, colocá-los em contato com que já está no mercado, já atua e dizer para ele assim que funciona, para que no momento de optarem tenham clareza da opção que fizeram(...) e para a cidadania estaria através de projetos de responsabilidade social e ambiental, nós atuamos em dois abrigos, junto com o projeto aconchego, nós temos hoje em torno de quase 80 alunos que atuam em 2 abrigos diferentes e eles fazem todo um trabalho de apoio a criança, essas que estão nesses abrigos para adoção ou não, as vezes são crianças recolhidas pela vara da infância, por maus tratos, questões familiares, então esses alunos quinzenalmente estão lá a tarde inteira para trabalhar com as crianças, para fazer orientação de estudo, atividades lúdicas*. (G. Amélia, 48 anos)
Professores: *Para o mundo do trabalho nos trabalhamos assim, dentro da geografia principalmente com as aulas de demografia, as aulas de economia, a parte de geografia, como geografia humana, a parte social, então mais voltado para essa área, a matemática, a física né, com os conceitos básicos do dia-a-dia juntamente com a química, biologia, então entendo que é um todo é um conjunto que faz com que haja essa formação do cidadão* (P. Antonio, 37 anos) *É isso que a gente trabalha no dia-a-dia. O dia-a-dia na sala de aula, nós temos essa preocupação sempre do aluno se perceber como de fato cidadão. Então isso no dia-a-dia é trabalhado, a gente mostrando pra ele a importância do entendimento do espaço que ele vive, a importância de fato se colocar como parte desse meio. Então isso é de fato ser cidadão, no dia-a-dia a gente tem cultivado isso daí pra eles, a importância de ter uma profissão no futuro, do desenvolvimento profissional, isso aí é cultivado no dia-a-dia* (P. Augusto, 50 anos)

Alunos: *Sim, é... eu acho que as interações que você tem dentro da escola os alunos com os professores, acho que o mundo lá fora é mais parecido com isso.(...) também porque todos os lugares você vai mexer com pessoas vai ter pessoas nas escola tem isso* (A. André, 17 anos) *Porque quando você estiver no trabalho você vai ter que seguir regras aí a escola também tem regras, que tem que seguir* (A. Adriana, 17)

Apresentamos agora os participantes da instituição B:

Gestora: *Quando tem uma feira de profissões, a gente leva para eles verem, alguma coisa assim não tem muito, assim um projeto específico para isso não.* (G. Betânia, 33 anos)
Professores: *Esses assuntos são abordados dentro dos temas das aulas, com a participação dos alunos, entende?São vários temas, temas diversos e variados e dentro deles tem essa proposta também de, por exemplo, a educação no trânsito, por que tanta gente morre? Por que tanta gente mata? Você é a favor ou é contrário o adolescente com 16 anos tirar a carteira? Por que a favor? Por que contra?Aí isso vira uma debate, isso gera uma cidadania, faz ele pensar, não sei se estou certo, mas o professor disse que é assim, vamos analisar, por que eu não to certo e ele ta errado? Pode ser que... então a gente troca experiência por isso é importante a figura do professor. (...) assim quando não é ensino médio os alunos acabam se espelhando muito na figura do professor, se ele é bem sucedido,se tem carro, que carro ele tem, eu quer ser igual a esse cara, a gente se espelha, eu quero ser igual a esse, que ser igual aquele, esse cara me inspira, mas de repente ele falou para mim que se eu for fazer farmácia era bom para mim e eu acabo acreditando que é bom pra mim, eu acredito nessa experiência, mas os pais também é outra figura importante, né...(*P. Bruno, 37anos) *É exatamente a mesma resposta, mundo do trabalho é a vida, é a sociedade, é tudo, a mesma resposta, vai unindo com a força que a família pode fazer, porque eu posso te estimular, o que eu posso fazer é te explicar de tudo, mas educação o interesse tem que estar em ti, eu posso te despertar, mas se você não quer tem um bloqueio, uma trava é da sua família, como faço? Tento chamar os pais tem que procurar outra escola,, os interesses, os valores,... será que o importante para você, será para mim? Seria ótimo combinar* (P. Beatriz, 41 anos)
Alunas: *Sim, é... conscientizando, acho as pessoas através da educação, conscientiza as pessoas é... pra viver num mundo como eu falei respeitando as diferenças étnicas, exercendo seu papel de cidadão*

sabendo em quem votar também, uma formação histórica sólida pra pessoa que forma uma consciência política, que isso vai influenciar no Brasil todo nas escolhas dos representantes né, (...) acho que as aulas de história, é importante, de geografia (...) ... a gente nunca teve debates, mas parece que esse bimestre vai ter de filosofia e sociologia o professor tinha comentado só que ele não falou o assunto ainda (...) (A. Brenda, 17 anos)

Eu acho que sim porque é, por exemplo, em aulas como história e geografia, eles estão sempre reforçando a importância de votar de ser cidadão, de você ver seus direitos, saber seus deveres, também eles sempre reforçam isso e... procuram te mostrar o caminho né, que se deve seguir (...) eles por exemplo, primeiro dia de aula, eles perguntam o que a gente pretende ingressar na faculdade, qual curso, e cada professor biologia ela já olha se você fizer tal curso tem que ter um direcionamento tal (...). (A. Bianca, 17 anos)

E os participantes da instituição C:

Gestora:

Nós temos um projeto muito lindo no ensino fundamental, que é a fazenda, a fazenda da escola acolhe os alunos uma vez por semana, os meninos vão até lá, e ela eles aprendem tudo isso, cidadania, educação do lar, tem educação física, que é feito lá, que tem arborismo, então a fazenda foi feita justamente para isso, para esse tipo de atenção né? Que é a cidadania, a ética, filosofia, então é tudo feito na fazenda, eles passam o dia lá, então aprendem, o nível social dos nossos alunos é muito alto, então tem aluno que não sabe nem cozinhar ovo, então lá eles aprendem essas coisas básicas, muitos deles fazem intercâmbios quando chegam no ensino médio, então é uma forma de a gente preparar esses alunos, que tem alguém que faça tudo por eles em casa, então eles aprendem a fazer por eles mesmos, tem educação do lar, os meninos aprendem a cozinhar, costurar, tem cidadania, que é aula de filosofia, tem educação física, a consertar coisas, é uma aula justamente para transformar o aluno. [e no ensino médio?] no médio a gente já não tem porque já é um foco diferente, já é um foco para a Universidade, então a gente prepara ele lá trás e aqui ele já tá preparado para nós. (G. Cássia, 35 anos)

Professores:

Bom, eu penso que fundamental é em relação a instrumentalizar esse jovem, a gente já faz com a competência que a gente consegue fazer né? Na nossa ótica, na auto avaliação a gente faz isso competentemente, ou seja, passar um conteúdo e ao mesmo tempo fazê-lo qualitativo, significativo, mostrar para o menino que ele precisa de estudar química, biologia ou redação por um motivo tal e não apenas ficar num aspecto ali de autoridade, oh a escola é assim, ela funciona assim, então precisa de acatar, então acho que nesse aspecto a gente funciona bem e a preocupação como eu falei a pouco com as coordenações, cada coordenação ela vivencia no dia-a-dia as

demandas, olha o 1º ano tá assim, tem uma questão que precisa ser melhorada, tem uma turma tal que tá tendo um desvio de comportamento, uma avaliação x só 30% obtiveram resultado, de analisar isso e tal, e cada disciplina tem um coordenador, então que nesse sentido, a gente tenta abarca essas condições aí. (P. Caetano, 51 anos) *É, como eu falei, para ingressar no mundo do trabalho mesmo a gente tem no ensino fundamental aula de economia, que pra mim é o maior exemplo e no médio a gente tem esses projetos que não são no horário de aula, não é um negócio obrigatório, o aluno participar, mas o aluno que se interessa ele vem participar de vários projetos que acontece, tem orquestra, tem o coral, ecologia de campo que é comigo da biologia (...) meu interesse é mais por biologia, me interesso mais por artes, aí ele vai migrando para esses conteúdos (...)* (P. Carlos, 33 anos)
Alunas: *Sim, eles te ajudam a preparar, eles ajudam a te preparar, sei lá... na escola C, por exemplo, a gente tinha, quando a gente era do ensino fundamental, a gente tinha que utilizar uniforme de gala, que é o uniforme que geralmente você usa pra ir pro trabalho, e isso é..., isso é um ensinamento que eles dão pra gente, que seria suportar um trabalho, como tem que se vestir (...) pra cidadania também, (...) tem alguns projetos que a gente..., mas não são projetos da escola em si, são de alguns professores em particular, e aí eles levam alguns alunos da escola, por exemplo pras creches, pra ajudar a cuidar das crianças, quando é natal por exemplo, a gente leva um monte de brinquedo, quando é festa junina, aí faz um monte de dinâmica com as crianças (...) tem um número limitado de alunos, por que não dá pra levar 300 alunos pra uma instituição de caridade, mas geralmente as vagas pra isso são muito concorridas, muita gente que quer ir.(*A. Carina, 17 anos) *Para o trabalho acho que pela convivência dos alunos aqui, aprender a trabalhar em grupo*. (A. Carla, 17 anos)

As gestoras Amélia e Betânia citam projetos parecidos para o ingresso no mundo do trabalho. A primeira afirma que a instituição tem projetos de iniciação científica em parceria com Universidades para iniciar o aluno no ensino superior. Periodicamente, a instituição escolar convida profissionais de diversas áreas para que os alunos tenham informações sobre as profissões e campos de atuação. A segunda diz que quando há feiras de profissões leva os alunos e eles têm contato com profissionais para explicar as profissões e temas, como por exemplo, a cidadania. A gestora Amélia destaca, ainda, que a instituição escolar tem projetos de responsabilidade social e ambiental.

Os professores Antonio e Bruno relataram que as instituições preparam para o trabalho e para a cidadania nos conteúdos dados em sala de aula através de disciplinas, o

professor Bruno relata que é por meio das aulas e debates vão gerando a cidadania. Já as alunas Brenda e Bianca concordam com os professores que é através das aulas de Geografia e História. O professor Augusto mencionou que a preparação é no dia-a-dia, uma vez que o aluno faz parte do meio em vive e é importante ter uma profissão no futuro. Observamos com isso que as concepções dos participantes se aproximam do que está contido nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino médio (2000), pois segundo este documento orientador, a preparação para o trabalho está vinculado ao currículo como um todo, à relação entre a teoria e prática em todos os conteúdos curriculares e à cidadania da mesma forma, desenvolvendo competências como capacidade de trabalhar em equipe, desenvolver o pensamento crítico e sistêmico.

Para a professora Beatriz a cidadania e o trabalho fazem parte da vida, não se desvinculam, ou seja, é a própria sociedade e o aluno deve ter interesse em querer aprender.

Os alunos André e Adriana comentam que é por meio das interações na instituição escolar com os colegas, professores e funcionários, pois o que vivemos aqui é bem parecido com o mundo do trabalho, uma vez que temos de seguir regras, entre outras coisas.

A gestora Cássia deixa bem claro que o foco do ensino médio é o ingresso na Universidade, ou seja, o aluno é preparado para a cidadania no ensino fundamental, por meio de aulas de Filosofia, ética, cidadania, educação física, educação do lar (aprender a cozinhar, costurar, consertar coisas). Segundo essa gestora, os alunos do ensino médio não são preparados para a cidadania, pois eles já estão preparados quando saem do ensino fundamental.

O professor Carlos e a aluna Carina comentam que para a cidadania há projetos desenvolvidos pelos professores em particular, fora do horário de aula e facultativo, como orquestra, coral, ecologia do campo que é com o professor Carlos e artes e o aluno escolhe em qual área quer participar. Há outros de responsabilidade social, como a visita a uma creche, que segundo a aluna é bem concorrida as vagas para a participação. A aluna relacionou o mundo do trabalho ao uso de uniformes para o trabalho, realizado no ensino fundamental, em que os alunos se sentiam como era estar vestido para o trabalho.

A aluna Carla cita que a convivência dos alunos, aprender a trabalhar em grupo, o desenvolvimento dessa competência está prevista nos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino médio (2000) e relatou na pergunta anterior que a cidadania, foi

objeto do trabalho desenvolvido pela instituição escolar no ensino fundamental em que a instituição escolar os levava para uma fazenda, o que confirma o depoimento da gestora Cássia.

O que pudemos observar foi que a preparação para o trabalho e a preparação para cidadania nas instituições escolares participantes deste estudo estão previstos nos Parâmetros Curriculares Nacionais, ou seja, são abordados por meio das disciplinas. As instituições escolares A e C, além das aulas possuem projetos voltados para a responsabilidade social, junto à comunidade, contribuindo dessa forma para a formação cidadã, interagindo com outra realidade e praticando a solidariedade que é um valor universal. As gestoras das instituições escolares A e B trazem profissionais e promovem saídas com alunos, para desenvolver o conhecimento sobre as profissões, facilitando a escolha de uma profissão no futuro, contribuindo para a continuidade dos estudos.

3.10 A escola e a formação ética, a autonomia intelectual e o pensamento crítico.

Com esta categoria, buscamos identificar junto aos participantes como a instituição escolar desenvolve a formação ética, a autonomia intelectual e o pensamento crítico dos alunos. Inicialmente, apresentamos os participantes da instituição A:

Gestora: *Por meio dos projetos também, nós temos um projeto aqui (...) que estimula as negociações da ONU, começa a partir da 7º série, nesse projeto eles analisam a política externa de vários países no mundo, eles se posicionam em relação a economia, saúde e políticas públicas, elas elaboram documentos, aí eles participam depois do MIB, Modelo Intercolegial Brasileiro que já é conduzido pela UnB, em seguida eles tem outras etapas nacionais e internacionais todas ligadas a essa avaliação do contexto social com todo o planeta, né? Então esse é um dos projetos, também que ajuda nesse desenvolvimento da questão da autonomia, porque são projetos que aproveitam muitos talentos que eles já tem, inclusive fluência em outra línguas, nós temos salas que só falam inglês, outras salas que só falam italiano, que só falam francês, todos os alunos, então nos procuramos conhecer um pouco mais os alunos e aproveitar as capacidades que eles já tem, né para desenvolver* (G. Amélia, 48 anos)
Professores: *Intelectual a partir dos debates em sala, a participação do aluno, a cobrança da participação deles, trabalhos escritos, trabalhos apresentados oralmente por eles né, (...) ética a gente entende mais*

como uma questão das aulas de filosofia, como todas as aulas trabalhando a postura do aluno, a partir da postura do professor, acredito muito na questão do exemplo né, ensinar não só falando como que é certo e como deve ser feito, mas agindo da forma coerente da forma correta para com nossos alunos, pensamento crítico nós trabalhamos muito com textos né, então é a forma do aluno está refletindo sobre um determinado tema a partir de autores que formam uma certa antítese e ai você pega o autor que defende determinado objeto né, de estudo e o outro que critica aquele mesmo objeto, o aluno vendo as duas situações lendo entendendo, ele pode tirar a opinião dele, a partir dali o senso critico dele de não receber nem só uma informação como verdade absoluta e nem uma oposição a ela como verdade absoluta, mas que ele conheça os dois lados e tenha argumentos para defender os dois lados a partir dali ele possa criar uma opinião própria com a consciência critica né, algo nesse sentido (P. Antonio, 37 anos) *A gente trata..., na verdade o aluno aqui tem muita autonomia, tem muita liberdade na hora de uma avaliação, por exemplo, ou mesmo durante uma aula de expor seu pensamento ele vai ser respeitado, mesmo que o pensamento dele seja diferente do pensamento do professor, então a gente sempre foi orientado e como gestores a gente passa isso também, para os professores que trabalham com isso diretamente, com a gente, né? Respeitar o ponto de vista do aluno, e isso é fundamental. A partir daí ele vai ter a noção de ética, mas sempre mostrando pra ele que ele tem o direito de se expressar, mas ele tem o direito de respeitar o próximo, e isso é fundamental (...) isso possibilita, a partir do momento que o aluno tem a liberdade de se expressar, que ele tem autonomia pra poder construir sobre o seu pensamento, isso conduz inegavelmente a um pensamento crítico, a uma análise crítica da sociedade.* (P. Augusto, 50 anos)
Alunos: *Formação ética e pensamento critico principalmente em aulas de ... Filosofia na verdade filosofia é dada pra gente só ... o que o filósofo disse mas normalmente tá vindo mais uma discussão, mais sobre um tema principalmente, sociologia a escola ela ...obriga que o professor dê a teoria mas ...também tá tendo um pouco de espaço pra gente conversar e tal que acha que é importante debater, aula de geografia também eu acho quanto a política e ... economia e também são lições bem importantes eu acho*. (A. André, 17 anos) *Sim, por causa dos debates ... pelos debates promove o senso critico dos alunos*. (A. Adriana, 17 anos)

A gestora Amélia ressalta os projetos que a instituição escolar oferece como um estímulo, por exemplo, os da ONU, a partir do 8º ano, pois analisam a política externa de vários países, posicionam-se em relação à economia, à saúde e entram em contato

com outros países, elaboram documentos, desenvolvem habilidades que os alunos já possuem. Os professores Antonio e Augusto concordam que são as aulas, os debates, os trabalhos, o estudo de textos críticos de autores diferentes que contribuem para a formação ética do aluno, o qual vai construindo sua própria opinião e expressando-se no cotidiano e respeitando a opinião das demais pessoas.

O aluno André afirma que a formação ética e pensamento crítico são desenvolvidos, principalmente, nas aulas de Filosofia e Sociologia, mas ressalta que há ainda pouca discussão. Estes conhecimentos são trabalhados mais teoricamente. Em Geografia, há um pouco mais de debates. Já a aluna Adriana menciona que o senso crítico é trabalhado nos debates em sala de aula.

Todos os relatos se aproximam dos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino médio (2000), pois os projetos desenvolvem contato com a diversidade cultural, as aulas proporcionam as discussões, através dos temas.

Participantes da instituição B:

Gestora: *No dia- dia, isso que te falei e também tem aulas de filosofia, sociologia, essas cosias fazem eles pensarem e refletirem melhor, um pouquinho sobre isso, mas eu acho que é muito importante no dia-dia, em exemplos (...) é a gente de vez em quando coloca assim alguns eventos, por exemplo, a gente fez um festival sobre exclusão, então ali ele, cada turma pesquisou sobre um tema de exclusão, ali para eles foi uma boa lição, bem esse ano a gente vai ter também uma mostra cultural, que fala sobre as regiões do país então pra gente lidar com as diversidades, mostrar as diferenças culturais, respeitar cada uma, fora outros projetos também focados para essas coisas*. (G. Betânia, 33 anos)
Professores: *(...) o texto não é pretexto, isso é a espinha dorsal, o debate é outro, é a conseqüência do texto e quando a gente ouve um debate, ouve a opinião de vários, talvez a nossa opinião mude, talvez eu convença de que estou certo, por tais pontos de vista contextualizados e isso gera no aluno poder do debate, da discussão em sala da aula, da exposição do seu próprio ponto de vista e assim é que vai construindo, mas isso também tem um outro lado, quem mais participa mais conhecimento tem, mas tem também aqueles que são meio apáticos, aqueles que não participam, talvez eles estejam captando alguma coisa, eu não vou ter esse poder de saber, mas quem participa muda bastante.* (P. Bruno, 37 anos) *(...) eu sei que tem projetos, que tem envolvimento e que fazem festas para eles inclusive no pátio, algumas tenho participado, é você pegar o cidadão na integra, é algo muito complexo desde se importando e conversando com os pais independentemente se tenha resposta, você*

quer se achegar ao aluno, conversa é, se aproxima ensina o melhor possível, tem uma postura, você dando o exemplo postura ética, eu penso que se você pode dar o exemplo também se aprende e mesmo sem palavras não é? isso é o ideal mas estão impalpáveis sabia? (...) vamos fazer uma viagem para Argentina juntamente com a agência Brasileira a outra combinação da Argentina e com os alunos egressos do 3º ano (..) a inquietude da diretora, que eles possam praticar o que aprenderam durante tanto tempo, isso é realmente uma atividade intelectual, autônoma, eles desenvolvem a ética em todas os respeitos da cidadania, de meio ambiente de tudo que você pensar, porque tudo em conjunto e o pensamento critico dos alunos já começando a falar da viagem ele já tem idéias, eles elaboram questões, (...) quando tive a oportunidade que me trouxeram a favor da Argentina eu convidei eles, eles ficaram mais que pulando, muito felizes, o porque a noticia só agora e estamos pensando em comer muito mais, (...), pela facilidade do real agora e o câmbio com a Argentina, o dólar que está aqui a mais foram muitos fatores (...) mas, o importante é outra atividade internacional, até o inglês podiam praticar, que a Argentina é cheio de estrangeiros, francês você vê lá, inglês você vê lá, o brasileiro, e contato cultural, comer outra coisa, (...) é muito bom isso não te dá nada essa força, não é o mesmo que contaram na sala de aula, hoje em dias se come empanadas, que são empanadas? Você tem que provar, experimentando é a força maior que tem numa aula pratica. (P. Beatriz, 41 anos)
Alunas: *Acho que sim, porque a ética a gente adquire é... logo na escola, porque a gente passa a respeitar as pessoas, a gente conhece o outro como é... como alguém que a através da socialização né, e ai a gente passa a ser ético com as pessoas naturalmente é isso(...) também, até pela conscientização política das pessoas o ensino de história(...).* (A. Brenda, 17 anos) *Eu acho que sim, porque a partir do momento que você vai para aprender, ai os professores te ensinam a história do que aconteceu, vários fatos, você começa a separar e ser critico, começa se isso aconteceu foi ruim, você já vai começar a julgar as outras coisas, vai começar a ser mais crítico que o resto, vai ter uma visão diferenciada de quando entrou, (...) sempre a pessoa entra aqui pra aprender e... ela simplesmente se depara com pessoas que já estudaram para isso, já estão preparadas para dar aula e te mostram conceitos do que é ético, do que é moral, então pra entrar na sociedade passa a seguir aquilo que você rever, algumas coisas que antes você achava que era bom, agora talvez não seja tanto, você vai mudando a opinião a partir do que você aprende.* (A. Bianca, 17 anos)

A gestora Betânia destaca as aulas de Filosofia e Sociologia, eventos na instituição escolar como o festival de inclusão, diversidade e outros projetos. O professor Bruno concorda com os professores da escola A e menciona que é através dos

debates ocorridos durante suas aulas e o estudo de textos, entretanto, ressalta que não tem como saber se quem não participa aprende alguma coisa, mas sabe que, quem participa muda bastante. A professora Beatriz cita projetos da escola que trabalha a postura ética, além disso, ressalta que a diretora da escola B autorizou uma viagem para a Argentina em que levará alguns dos alunos do 3º ano e essa proporcionará tudo isso, através do contato com outras culturas, prática da língua espanhola e até mesmo de outras línguas, colocando em prática e tornando real o que é ensinado em sala de aula e as alunas Brenda e Bianca concordam que aprendem a formação ética na escola através da socialização e as aulas de história.

Notamos nos depoimentos dos participantes, que a instituição escolar tenta desenvolver a formação ética, o pensamento crítico e a autonomia intelectual, aproximando-se dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Ressaltam, ainda, que é através dos conteúdos e ainda estará colocando o que foi aprendido na sala em uma viagem internacional, proporcionada pela escola.

Apresentamos por fim os depoimentos da instituição C:

Gestora: *No ensino médio nós temos as aulas de sociologia e filosofia, são os responsáveis por essa transformação ética, por esse conteúdo, os nossos alunos acabam de fazer um projeto muito lindo, inclusive estou fazendo os certificados deles, que é o Estado, o poder e a corrupção, que é um trabalho muito bacana, sobre a corrupção, o que deu a idealização da marcha da juventude, muitos dos nossos alunos foi idealizador da marcha da juventude, contra a corrupção, então assim, a gente vê que nosso trabalho ético ta sendo bem feito, quando a gente tem um aluno que transforma tudo o que a gente ensinou em reinvidicação, em saber que ele tem o poder de mudança e isso deixa a gente muito tranqüilo, assim, é sinal que o trabalho está sendo bem feito.* (G. Cássia, 35 anos)
Professores: *É algumas disciplinas que são entre aspas responsáveis diretas por isso já fazem, filosofia e sociologia, acho que um pouco educação física, que eu conheço o trabalho dos professores lá e no dia-a-dia, a gente tem esse viés, a gente sabe que paralelamente o conteúdo deve ser qualitativo, significável, de uma maneira é ... contextualizada, válida, a gente trabalha os valores, como usar o celular ou não, conversar na sala, ter responsabilidade, se tem prova amanhã então você não vai ficar fora da sala hoje, que isso não ajuda em nada, se eu tenho aula hoje a tarde e sua prova é amanhã de manhã então manter a disciplina, então tentar administrar esses aspectos assim de uma maneira continuada mesmo, independente de a gente ta numa lista cujo o valor é quantitativo a gente tem outras dimensões que os índices as vezes não contemplam, né? E a gente consegue trabalhar isso bem, todos os professores têm minimamente graduação na área,*

a gente tem autor de livro aqui, a gente tem professor mestre, pós-doutores e a gente consegue. (P. Caetano, 51 anos) *Isso é desenvolvido muito em sala de aula né, eu nem sou a pessoa indicada para falar disso porque eu sou da biologia mas eles tem aula de filosofia que acaba entrando ética no meio, sociologia, o professor de sociologia, eu converso muito com ele, ele sempre traz problemas muito polêmicos, temas que estão ai sendo discutidos, e da pro aluno possibilidade de discutir, o último trabalho que ele fez aqui foi sobre bulling é... e ele resolveu em não dar aula de bulling, ele definiu o termo e falou agora vocês vão dar a aula, então teve cada trabalho aqui maravilhoso, que no final o professor disse a gente tem que dividir isso e fez uma semana de uma amostra onde os alunos fizeram convites, para convidar pais, professores, para vir assistir o que eles fizeram, eu assisti alguns ficaram excelentes, então a gente estimula os alunos a buscar lá fora, as informações especialmente todos os tipos de mídia, eles sabem que tem mídias controladas, tudo isso e formar a opinião dele, opinião dele dentro de sala de aula, com professores que tem formação para isso e formar sua opinião qual sua opinião sobre o racismo?, qual sua opinião sobre ... e mostrar para eles não existem opiniões erradas, existem opiniões socialmente mais aceitas, ou menos aceitas, claro que tem alguns princípios básicos tem que ser seguidos, respeito, ética, né? o que ele na verdade já viram esses conceitos básicos desde o fundamental, que lá no fundamental eles tem aulas de ética, sociologia, economia do lar, economia doméstica, eles vem trazendo esses conhecimentos, então é dentro dessas matérias que responde mais filosofia, sociologia, a historia né, e os outros professores, a gente fica mais durante as nossas aulas o exemplo é sempre legal, ser ético, ser respeitoso, muitos deles vem conversar com a gente, sobre os temas que estão discutindo, ajudar, dar sua opinião, discute, mas dentro de sala de aula é mais difícil porque a gente tem um conteúdo pra cumprir né, tem que correr*. (P. Carlos, 33 anos)
Alunas: *Sim, eles ensinam a... o que é certo e o que é errado, por exemplo, você não pode chegar na escola e brigar com alguém, porque ai você é punido, na vida real também é assim, você entra numa briga, entra numa discussão você vai ter suas punições,(...) todas as aulas que a gente tem, querendo ou não, ajudam a gente intelectualmente. todas as coisas que a gente vê hoje em dia a gente não vai precisar, mas por outro lado muitas coisas que a gente vê a gente vai usar pro resto da vida.* (A. Carina, 17 anos) *Formação ética, acho que tudo, aí é tudo, convívio do dia-a-dia, tanto de professor e aluno, aquelas aulas que a gente tinha na fazenda, da aula cidadã, de tecnologia, ambiental, a gente aprendia que muita coisa, que a gente pode ou não fazer, que pode trazer benefícios, outras benefícios para o meio ambiente, isso tudo é ética.* (A. Carla, 17 anos)

A gestora Cássia, o professor Caetano e Carlos mencionaram que é por meio das aulas de Filosofia e Sociologia que os alunos colocam em prática o que aprenderam nas

aulas, por meio do projeto chamado O Estado, o poder e a corrupção. Este projeto culminou na marcha da juventude, contra a corrupção em Brasília, em 12 de outubro de 2011. Muitos alunos segundo a gestora foram idealizadores dessa marcha.

O professor Caetano destaca, ainda, as aulas de educação física, além disso, os professores da instituição escolar sabem que os conteúdos devem ter uma significação, uma contextualização, trabalhando os valores, e reforça que a escola está numa lista quantitativa, e que esta lista não contempla outras dimensões da escola. O professor Carlos cita alguns exemplos de trabalhos feitos pelo professor de Sociologia, ressalta que os alunos já têm aulas de ética e Sociologia desde o ensino fundamental e no médio aprofundam outras questões, destaca que a formação ética está em o professor dar exemplos, e quando os alunos têm um trabalho para fazer pedem opinião para dos professores e esses participam, mas disse que dentro da sala de aula dele é mais difícil porque tem um conteúdo a cumprir.

A aluna Carina relata que aprendeu na escola o que é certo e errado, e que todas as aulas a desenvolvem intelectualmente e a aluna Carla, afirma que desenvolve a ética no convívio do dia-a-dia com o professor e colegas, e as aulas que tinha na fazenda da instituição escolar.

Observamos que todos os profissionais da instituição escolar destacaram as aulas de Filosofia e Sociologia como principais responsáveis para o desenvolvimento da formação ética, autonomia intelectual e pensamento crítico e as alunas pelo convívio com a instituição escolar. As aulas de Filosofia e Sociologia foram instituídas como obrigatórias no currículo de escolas públicas e particulares, através da Lei nº 11.684/2008, justamente para discutir as questões sociais e políticas.

Identificamos que as três instituições escolares concordam que seja por meio das disciplinas, principalmente, Filosofia e Sociologia, além dos projetos que permitem aos alunos o desenvolvimento dessas habilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa que teve como objetivo investigar que parâmetros de qualidade estão sendo privilegiados nas propostas pedagógicas de três instituições de ensino da rede particular do Distrito Federal do ensino médio por um grupo de profissionais (professores, gestores escolares) e de alunos do 3º ano do ensino médio, envolvendo a análise dos Projetos Políticos Pedagógicos das instituições, a educação de qualidade, as tendências pedagógicas, o processo de preparação dos alunos para as avaliações externas e seus resultados para uma educação de qualidade e a função da escola para os professores, gestores e alunos.

Com relação à educação de qualidade, constatamos que as concepções dos professores e gestores são que estes atribuem qualidade tanto ao conteúdo (formação cognitiva), quanto aos valores (cidadania, equilíbrio emocional, preparação para ingresso no ensino superior - formação profissional e ética). Um dos professores acredita que a qualidade da educação está relacionada ao nível de aprendizagem do aluno, ou seja, quanto mais o aluno sabe mais qualidade tem essa educação. Diante disso verificamos que essas concepções se aproximam das leis vigentes, como a LDB 9394/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino médio, e autores como Sandrini e Paro.

Quanto aos alunos, constatamos que os seis alunos consideram que a qualidade está relacionada à capacidade de aprendizagem, o sentido dessa aprendizagem e a capacidade de ingressar no ensino superior.

Constatamos que a educação de qualidade das instituições para os participantes está relacionada, ainda, às condições que a instituição oferece aos alunos como: laboratórios, bons professores, bons materiais, aulas extras, revisões, carga horária maior, projetos de pesquisa, por ter os melhores resultados nas avaliações externas, boa formação conteudista, monitoria, plantões de dúvida, educação cidadã por meio de projetos de responsabilidade social.

A partir das entrevistas e da análise documental observamos que a tendência que mais se destacaram no discurso dos participantes foram a pedagogia crítico-social dos conteúdos, e uma professora predominando a tendência sócio-interacionista e dois professores predominantemente com a tendência sociocultural. E ao analisar os Projetos Políticos Pedagógicos das instituições escolares A e C, pudemos encontrar principalmente a primeira.

Foi possível verificar que as instituições estudadas investem fortemente na preparação dos alunos para as avaliações externas em relação aos conteúdos nos dois turnos (matutino e vespertino), com aulas normais, desafios de vestibulares, apostilas de exercícios das avaliações externas desde a 9º ano do ensino fundamental na instituição A, por exemplo, há revisões perto das avaliações, aulas especiais, palestras, simulados, talvez isso explique os altos resultados no ingresso dos alunos na universidade pública do Distrito Federal e que essas instituições tiveram seus início como curso preparatório para o ingresso dos alunos no ensino superior.

Os alunos consideram que conseguem aprender significativamente os conteúdos, embora uma aluna da instituição C tenha mencionado que não iria participar do concurso do vestibular porque teria de estudar novamente o conteúdo do 1º ano.

Os participantes consideram que os resultados das avaliações externas estão relacionados à uma educação de qualidade, mas não concordam que ele seja suficiente para aferir todo o trabalho pedagógico desenvolvido pelos professores e pela instituição escolar, inclusive há uma gestora que ressalta que as provas não avaliam tudo, e que educação de qualidade não é só conteúdo, há professores que não acreditam que são suficientes, pois senão eles estariam resumindo a educação ao que é mensurável, e educação vai além disso, e as avaliações só exploram conteúdos, ignorando outras habilidades dos alunos, mas há participantes que acreditam que são uma referência e que a comunidade local a considera.

Com relação à preparação para o trabalho, para a cidadania, desenvolvimento do pensamento crítico, formação ética e autonomia intelectual, os participantes ressaltaram características previstas nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (2000) que está vinculado ao currículo como um todo, à relação entre a teoria e prática com todos os conteúdos curriculares e para a cidadania da mesma forma, desenvolvendo competências como capacidade de trabalhar em equipe, desenvolver o pensamento crítico, sistêmico, para aceitar e procurar críticas e demais, e também a projetos de responsabilidade social e ambiental, e a função da escola foram destacados pelos participantes formação ética, para o trabalho, acadêmica, cidadã, que está previsto no art. 22 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, onde a finalidade da educação básica, é desenvolver a formação para o exercício da cidadania, progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Para o desenvolvimento do pensamento crítico, autonomia intelectual e formação ética, foram destacadas principalmente as disciplinas de Filosofia e

Sociologia, embora o aluno da escola tenha ressaltado que não há muitas discussões na sala, explorando mais a parte teórica. Além dessas as disciplinas, eles destacaram as de História e Geografia.

Concluímos, portanto, que as instituições escolares seguem o que as leis vigentes como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e o documento orientador Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) exigem e têm uma educação com muito investimento nas avaliações externas, projetos de pesquisa em parceria com o ensino superior, boa estrutura física e pedagógica e alguns projetos de responsabilidade social e ambiental.

E que para as instituições o parâmetro de qualidade está atendendo o que os profissionais das instituições acreditam ser o correto, que é o treinamento dos alunos para o ingresso no ensino superior, ficando claro através dos depoimentos, que as instituições não dão conta de uma educação integral dos alunos, pois estas estão muito preocupadas com a aprovação ou classificação dos alunos nas avaliações externas.

Com este estudo de pesquisa acreditamos que conseguimos os objetivos propostos no início.

Para a construção deste estudo uma das maiores dificuldades foi encontrarmos fontes e referencias sobre o assunto e sobre o ensino médio, há pouquíssimas pesquisas ainda sobre este último, o que há é um vasto estudo sobre o ensino fundamental, o requere com isso um aprofundamento maior de estudo sobre esse nível de ensino. Ressaltamos ainda, que as instituições foram muito receptivas e colaboraram para a elaboração deste trabalho.

E que como o trabalho foi de cunho exploratório, cada um dos objetivos, pode requerer um aprofundamento maior, principalmente com relação às avaliações externas e os seus conteúdos estarem voltados para essas.

Parte III
Perspectivas Profissionais

3. Perspectivas profissionais

Após concluir o curso de Pedagogia, pretendo fazer algumas especializações, bem como mestrado que tenha como áreas de concentração: Educação, Psicologia e/ou Ciências Sociais, pois são áreas afins. E claro futuramente doutorado, enfim dar continuidade aos estudos.

Continuar a estudar para concurso, de preferência na área da educação. Retomar os estudos de Língua Inglesa, bem como tenho vontade, também, de ser professora universitária futuramente. E estudar sempre!

Referências

BARBOSA, Ericka Fernandes Vieira. **Políticas Públicas para o ensino médio e juventude brasileira.** 2009. 220 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2009

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 28 ed. São Paulo. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense. 1993

BRASIL. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm Acesso em 26 ago. 2011

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica**. Parâmetros Curriculares Nacionais:** ensino médio. Brasília: MEC/SEMTEC, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN+Ensino Médio**: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2002. 244p.

DALRI, Vera Regina; MENEGHEL, Stela, Maria. **Caminhos Percorridos pelo Ensino Médio.** IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 26 a 29 de out. de 2009, PUCPR, p.7692-7699. Disponível em http://www.isad.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3294_1919.pdf. Acesso em 20 set. 2011

FERREIRA, Verinez Carlota. **O Programa de Avaliação Seriada da UNB-PAS: Sua influência sobre as práticas avaliativas de uma escola de ensino médio do DF**. 2002. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009

GADOTTI, Moacyr. **A escola e o professor, Paulo Freire e a paixão de ensinar**. 1. ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2007. Disponível em http://www.paulofreire.org/pub/Crpf/CrpfAcervo000046/Legado_Livros_Moacir_Gadotti_A_escola_e_o_professor.pdf acesso em 20 nov. 2011

_____ **A qualidade na educação**. Nov/2009. Artigo apresentado durante o "VI Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância", realizado em São Luís (MA), entre os dias 02 a 04 de novembro de 2009, cujo tema geral foi "A qualidade em Educação a Distância". Disponível em http://www.paulofreire.org/Crpf/CrpfAcervo000158. Acesso em 28 ago. 2011

GOMES, William B.; SPARTA Mônica. Importância atribuída ao ingresso na educação superior por alunos do ensino médio. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Porto Alegre, 6 (2), pp. 45 – 53. 2005. Disponível em http://www6.ufrgs.br/museupsi/lafec/16.pdf Acesso em 10 nov. 2011

JULIATTO, Clemente Ivo. **A universidade em busca da excelência: um estudo sobre a qualidade da educação**. 2 ed. Curitiba: Champagnat: Goiânia: Ed. Da UCG, 2005

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos**. Coleção Educar. 9 ed.Edições São Paulo, 1990

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010
MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986

OLIVEIRA, E; CAPELLO, C; REGO, M; VILLARDI, R. **O Processo de aprendizagem em uma perspectiva sócio-interacionista... ensinar é necessário, avaliar é possível.(04/2004**). Disponível em: http://www.cultec.uerj.br/files/o_processo_de_aprendizagem.pdf. Acesso em 22 nov. 2011

PARO, Vitor Henrique. **Gestão escolar, democracia e qualidade do ensino**. São Paulo: Ática, 2007.

_____ **Educação para a democracia: o elemento que falta na discussão da qualidade do ensino.** São Paulo. Mar/2000. Disponível em: http://www.saocarlos.sp.gov.br/images/stories/casa_conselhos/materiais_bibliograficos/Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20Democracia.pdf. Acesso em: 07 set. 2011.

REALI, Aline Maria de Medeiros Rodrigues; TANCREDI, Regina Maria Simões Puccinelli. **A importância do que se aprende na escola: a parceria escola-famílias em perspectiva**. Universidade Federal de São Carlos. Paidéia (Ribeirão Preto) vol.15 no.31 Ribeirão Preto May/Aug. 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2005000200011&script=sci_arttext .Acesso em 22 nov. 2011.

RICCI, Rudá. **Contra o vestibular**. Revista Espaço Acadêmico, Ano 1 nº 9. Set/2001-mensal-ISSN 1519.6186. Disponível em http://www.espacoacademico.com.br/004/04ruda.htm Acesso em 01 out. 2011

ROSA, Márcia da Silva. **Inteligência Emocional e sua função na educação**. 2008. Disponível em http://www.artigos.com/components/com_mtree/attachment.php?link_id=4201&cf_id=24

SANDRINI, P. Marcos. Paradigmas de Qualidade. In: **Revista de Educação AEC**. Qualidade Total na Educação. A mudança conservadora Brasília, DF: nº 92, ano 23, p. 25-39, julho/set. 1994.

TINÉ, Sandra Zita Silva. **O processo avaliativo em uma escola de ensino médio do Distrito Federal**. 2009. 354 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2009

WELLEN, Hericka Karla Alencar de Medeiros. **O dia mais feliz da minha vida: a entrada na universidade segundo os alunos recém-ingressos no curso de Pedagogia da UFRN (2004.1)**. 2005. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005. Disponível em http://bdtd.bczm.ufrn.br/tedesimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=236. Acesso em 09 out. 2011

YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza. **A experiência da leitura**. São Paulo: Loyola, 2004

Sites consultados:

Centro Educacional Sigma. Disponível em http://www.sigma.g12.br/ . Acesso em 24 set. 2011

Grupo Galois. Disponível em http://www.galois.com.br/home/ e http://www.galois.com.br/Sites/EnsinoMedio/Vestibular1.cfm. Acesso em 24 set. 2011.

O que é o PAS. Princípios Orientadores. Disponível em http://www.cespe.unb.br/pas/oquepas/principios/principiospas.htm Acesso em 11 nov. 2011

Ranking do ENEM 2010. Disponível em http://www.enemvirtual.com.br/melhores-escolas-do-distrito-federal-ranking-enem-2010/ . Acesso em 24 set. 2011

Vestibular e dicas para o vestibulando. Disponível em http://www.vestibulandoweb.com.br/vestibular-parcelado/vestibular-pas.asp Acesso em 11 nov. 2011

Apêndices

I

Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Departamento de Métodos e Técnicas
Projeto V – Trabalho de Conclusão de Curso

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA - PROFESSOR

Identificação

Nome:
Idade:
Formação acadêmica:
Ano de Conclusão do curso:
Tempo de experiência no magistério:
Tempo de experiência no ensino médio:
Cursos de formação continuada:

ENTREVISTA

1) Em sua opinião, o que é educação de qualidade? O que ela deve oferecer aos alunos?

2) Você acredita que esta escola ofereça um ensino de qualidade? Por quê?

3) Como você planeja as aulas? Segue um conteúdo programático?Através de uma curiosidade do aluno?

4) As aulas geralmente são expositivas/há debates?

5) Como é a participação dos alunos em sala de aula? Como ocorre a interação professor-aluno em sua disciplina?

6) Os alunos são geralmente avaliados por trabalho e provas. O que se avalia?

7) Como ocorre a preparação dos estudantes para as avaliações externas (PAS, ENEM, vestibular tradicional)?

8) Em sua opinião, como a escola consegue atingir resultados tão altos nas avaliações externas (PAS, ENEM, vestibular tradicional)?

9) Em sua opinião, esses resultados estão relacionados à educação de qualidade? Por quê?

10) Você considera que o resultado das avaliações externas (PAS, Vestibular, Enem) são suficientes para aferir o trabalho pedagógico desenvolvido pela escola e pelo professor? Por quê?

11) Com relação ao Projeto Político Pedagógico da escola, você participou de sua elaboração?

12) Qual o papel da escola na formação dos alunos em sua opinião?

13) Como esta escola trabalha a preparação para a cidadania e para ingressar no mundo do trabalho?

14) Como esta escola desenvolve a formação ética, a autonomia intelectual e o pensamento crítico dos alunos?

II

Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Departamento de Métodos e Técnicas
Projeto V – Trabalho de Conclusão de Curso

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA – GESTOR (A)

Identificação

Nome:
Idade:
Formação acadêmica:
Ano de Conclusão do curso:
Função exercida na escola:
Tempo de experiência como gestor (a):
Tempo de experiência como gestor (a) no ensino médio:
Cursos de formação continuada:

ENTREVISTA

1) Em sua opinião o que é educação de qualidade ? O que ela deve oferecer aos alunos?

2) Você acredita que essa escola ofereça um ensino de qualidade? Por quê?

3) Como ocorre a preparação dos estudantes para as avaliações externas (PAS, ENEM, vestibular tradicional)?

4) Em sua opinião, como a escola consegue atingir resultados tão altos nas avaliações externas (PAS, ENEM, vestibular tradicional)?

5) Em sua opinião esses resultados estão relacionados à educação de qualidade? Por quê?

6) Você considera que o resultado das avaliações externas (PAS, Vestibular, Enem) são suficientes para aferir o trabalho pedagógico desenvolvido pela escola e pelo professor? Por quê?

7) Com relação ao Projeto Político Pedagógico da escola, quem participou de sua elaboração?

8) Qual o papel da escola na formação dos alunos em sua opinião?

9) Como esta escola trabalha a preparação para a cidadania e para o ingresso no mundo do trabalho?

10) Como a escola desenvolve a formação ética, a autonomia intelectual e o pensamento crítico dos alunos?

III

Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Departamento de Métodos e Técnicas
Projeto V – Trabalho de Conclusão de Curso

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA – ALUNO(A)

Identificação

Nome:
Idade:
O que pretende fazer ao concluir o ensino médio?
Já reprovou no ensino médio?
Está prestando o PAS, ou vai fazer o vestibular tradicional e/ou ENEM?
Você gosta da escola em que estuda? Por quê?

ENTREVISTA

1) Em sua opinião o que é educação de qualidade ? O que ela deve oferecer a vocês?

2) Você acredita que esta escola ofereça um ensino de qualidade?Por quê?

3) Como são dadas as aulas pelo professor? Vocês sugerem algum o tema e ele traz?

4) Como é a sua participação em sala de aula? Como ocorre essa interação (professor-aluno)?

5) Vocês são avaliados através de provas e trabalhos. O que geralmente é avaliado nessas(es)? O conteúdo dado pelo professor? Nas provas há questões que são iguais aos exercícios realizados em sala de aula? Em caso negativo como são realizadas as questões?

6) Você acredita que as avaliações feitas por esta instituição contribuem para seu aprendizado? De que forma? Por quê?

7) Como você tem se preparado para participar das avaliações externas (PAS, ENEM, vestibular tradicional)?

8) Que expectativas você tem em relação ao ingresso no ensino superior?

9) Você pretende ingressar na universidade pública ou particular e em que curso?

10) Em sua opinião, como os alunos têm conseguido atingir resultados tão altos nas avaliações externas (PAS, ENEM, vestibular tradicional) nesta escola?

11) Em sua opinião, esses resultados estão relacionados à educação de qualidade? Por quê?

12) Qual o papel da escola em sua opinião?

13) Em sua opinião a escola trabalha a preparação para o ingresso no mundo do trabalho e para a cidadania? De que forma? Dê exemplos.

14) Em sua opinião, a escola desenvolve seu pensamento crítico, a formação ética e a autonomia intelectual? Dê exemplos.

IV

Termo de Consentimento

Este documento contém informações importantes sobre o estudo que está sendo proposto e visa esclarecer detalhes quanto a sua participação em projeto de pesquisa denominado: "A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO EM TRÊS INSTITUIÇÕES DE ENSINO MÉDIO DA REDE PARTICULAR DO DISTRITO FEDERAL."

A coleta dos dados será realizada sem ônus ou ganhos financeiros relacionados às informações prestadas.

A sua participação neste estudo será inteiramente voluntária e os dados obtidos serão analisados, onde não serão mencionados os nomes e dados pessoais dos participantes. Os seus registros serão tratados como confidenciais e serão mantidos em segredo. Apenas os pesquisadores terão acesso aos seus dados pessoais e se compromete a tratá-los de maneira sigilosa.

Consentimento Pós-Informado Escrito do Participante de um Estudo

Tendo lido e entendido as Informações deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tive o tempo necessário para deliberar sobre minha participação neste estudo.

Declaro e confirmo mais uma vez, que entendi todas as explicações que me foram fornecidas de forma clara e simples, inclusive permitindo que eu realizasse todas as perguntas e fizesse todas as observações que eu achei pertinente para entender como será minha participação neste projeto de pesquisa, não me ficando dúvidas a este respeito.

Por este CONSENTIMENTO, confirmo que estou satisfeito com as informações recebidas neste projeto de pesquisa, por tais condições CONSINTO em participar desse Estudo.

É, portanto, por livre e espontânea vontade que registro minha assinatura, concordando em participar desta pesquisa.

Estou ciente que posso, a qualquer momento, entrar em contato os Pesquisadores, para outros esclarecimentos, pelos contatos abaixo relacionados:

Danielle Leite Maia (61) 85987336
Norma Lucia Neris de Queiroz (61) 99878609

Não havendo dúvidas, dato e assino abaixo:

O PARTICIPANTE: _____ (nome completo), DECLARA **ter recebido todas as informações deste Termo, que foi lido, explicado pelos Pesquisadores e completamente entendido o seu conteúdo.**

_____ _____

Participante Data e Hora

A pesquisadora: _____ , neste Termo, certifica que o participante foi completamente informado em termos claros e compreensíveis, acerca da sua participação no estudo; e que foi dada a autorização para a sua inclusão na investigação.

_____ _____

Pesquisadora : Danielle Leite Maia Data e Hora
Matrícula: 06/81962

_____ _____

Orientadora : Norrna Lúcia Queiroz Data e Hora
Matrícula: 998419

As testemunhas abaixo assinadas presenciaram e participaram de toda a discussão relatada neste Termo.

_____ _____

Testemunha Testemunha